



UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS



PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA



ANDREZZA KELLY LISBOA FERNANDES PINTO

APROXIMAÇÕES E DISTANCIAMENTOS ENTRE O BRASIL E AS AMÉRICAS
NAS REVISTAS DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO BRASILEIRO
ENTRE 1889 E 1894

MARIANA

2018

ANDREZZA KELLY LISBOA FERNANDES PINTO

**APROXIMAÇÕES E DISTANCIAMENTOS ENTRE O BRASIL E AS AMÉRICAS
NAS REVISTAS DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO BRASILEIRO
ENTRE 1889 E 1894**

Dissertação apresentada como requisito para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-graduação em História, do Instituto de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal de Ouro Preto. Área de concentração: Poder e Linguagens. Linha de pesquisa: Poder, Linguagens e Instituições.

Orientador: Mateus Favaro Reis

Mariana

2018

P659a Pinto, Andrezza Kelly Lisboa Fernandes .
Aproximações e distanciamentos entre o Brasil e as Américas nas revistas do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro entre 1889 e 1894 [manuscrito] / Andrezza Kelly Lisboa Fernandes Pinto. - 2018.
132f.: il.: tabs.

Orientador: Prof. Dr. Mateus Fávaro Reis.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Ouro Preto. Instituto de Ciências Humanas e Sociais. Departamento de História. Programa de Pós-Graduação em História.
Área de Concentração: História.

1. Características nacionais. 2. Pan-americanismo. 3. Intelectuais. 4. Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro - Periódicos. I. Reis, Mateus Fávaro. II. Universidade Federal de Ouro Preto. III. Título.

CDU: 94(81)(043.3)

Catálogo: www.sisbin.ufop.br



Andrezza Kelly Lisboa Fernandes Pinto

“Aproximações e distanciamentos entre o Brasil e as Américas nas revistas do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro entre 1889 e 1894”

Dissertação apresentada ao programa de Pós-graduação em História da UFOP como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em História. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

Prof. Dr. Mateus Fávaro Reis

Departamento de História/UFOP

Prof. Dr. Marcelo de Mello Rangel

Departamento de História/ UFOP

Profa. Dra. Kátia Gerab Baggio

Departamento de História/ UFMG

À Gaia, minha filha, que nasceu junto com este trabalho e transformou a minha vida.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos e todas que de forma direta ou indireta contribuíram para a concepção, desenvolvimento e conclusão deste trabalho.

À FAPEMIG, instituição de fomento que financiou minhas idas e vindas de Belo Horizonte à Mariana, tornando possível a realização desta pesquisa, e deste sonho.

Ao meu esposo, Marcelo, por incentivar, ajudar e compreender minhas muitas ausências neste período.

À minha mãe, Giovana, que por muitas vezes, durante a realização deste trabalho, teve que voltar a cuidar de mim e da minha pequena Gaia, abdicando de si mesma.

Aos meus avós, irmã, tio, tia, primos e amigos, que souberam compreender esse momento e incentivaram dando força para a realização do mesmo.

À minha filha, Gaia, que nasceu com este trabalho, e se tornou minha grande motivação para a conclusão do mesmo.

Ao meu querido e eterno professor e amigo João Bernardo da Silva Filho, por todo o incentivo quase paternal, e pelo auxílio antes e durante este trabalho.

Aos professores que fizeram parte da minha graduação com os quais terei uma dívida de eterna gratidão, pois me inspiraram a persistir e buscar os meus sonhos.

Aos professores que me auxiliaram durante a realização das disciplinas do mestrado na Universidade Federal de Ouro Preto e também na Universidade Federal de Minas Gerais, Eliana de Freitas Dutra, Heloísa M. Starling, José Carlos Reis, Luísa Rauter Pereira e Mateus Fávaro Reis, que me ajudaram a lapidar as ideias e a construir este trabalho.

Ao meu querido orientador, Mateus Fávaro Reis, que apesar de todas as atribulações que ocorreram no desenvolver deste trabalho, me guiou e me apoiou incondicionalmente, tornando possível a realização deste trabalho.

Aos professores doutores Marcelo de Mello Rangel e Luiz Estevam de Oliveira Fernandes pelas valiosas críticas e orientações durante o exame de qualificação.

Aos professores do Departamento de História da UFOP, demais funcionários e colegas com os quais dividi experiências incríveis de aprendizado e pude me sentir acolhida.

A todos aqueles que foram citados e aos que não foram, o meu muito obrigada!

RESUMO

O principal objetivo dessa dissertação é apresentar as identidades criadas pelos intelectuais/letrados do IHGB em relação à noção de pertencimento ou não ao que se convencionou chamar de América Latina. Apresenta-se neste trabalho as principais características do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, bem como as de sua revista e seus intelectuais membros. Conceituam-se os diversos “americanismos” nos quais o Brasil foi incluído ou excluído, historiando-se a concepção dos mesmos e a evolução dos termos. São apresentados estudos de caso relacionados às aproximações entre os intelectuais/letrados brasileiros do IHGB e os dos demais países da América na tentativa de confirmar a existência de uma diplomacia cultural/intelectual entre esses países, ao menos no que diz respeito às instituições/organizações de produção histórica/geográfica/intelectual.

Palavras-chave:

Identidade nacional, latino-americanismo, pan-americanismo, intelectuais, RIHGB.

RESUMEN

El principal objetivo de este trabajo es presentar las identidades creadas por los intelectuales/letrados del IHGB con relación a la idea de pertenecer o no a lo que fue establecido llamarse de América Latina. Se presentan en este trabajo las principales características del Instituto Histórico y Geográfico Brasileño, así como las de su revista y sus intelectuales miembros. Se conceptúa los diversos “americanismos” en los cuales Brasil fue incluido o excluido, historiándose la concepción de los mismos y la evolución de los términos. Son presentados estudios de caso relacionados a las proximidades entre los intelectuales/letrados brasileños del IHGB y los de los demás países de América con la tentativa de ratificar la existencia de una diplomacia cultural/intelectual entre esos países por lo menos a lo que se refiere a las instituciones/organizaciones de producción histórica/geográfica/intelectual.

Palabras-Claves:

Identidad nacional, latino-americanismo, pan-americanismo, intelectuales, RIHGB.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1 <i>RIHGB</i> : ORIGEM E CARACTERÍSTICAS DO INSTITUTO E SUA REVISTA	20
1.1 Por uma história dos impressos	20
1.2 O trabalho com revistas e as redes intelectuais	30
1.2.1 <i>RIHGB</i> : uma análise técnica	35
1.3 Os intelectuais do <i>IHGB</i> e a identidade nacional/regional	42
2 IDENTIDADES DO BRASIL VIA <i>IHGB</i> : OS DIVERSOS AMERICANISMOS	52
2.1 A América nas páginas da <i>RIHGB</i>	53
2.2 Conceituando e historiando os vários “ismos” americanos	56
3 DIPLOMACIA CULTURAL/INTELECTUAL: BRASIL E HISPANO-AMÉRICA	70
3.1 Estudos de caso: artigos/obras	71
3.2 Estudos de caso: atas	80
3.2.1 <i>Uma festa para os chilenos</i>	83
3.2.2 <i>Um abraço argentino</i>	86
3.2.3 <i>O espírito americanista peruano</i>	94
3.2.4 <i>Inspiração norte-americana</i>	95
CONSIDERAÇÕES FINAIS	98
FONTES E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	101

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 – capa da revista de 1854 disponível para consulta on-line	28
Imagem 2 – capa da revista de 1890 disponível para consulta on-line	29
Imagem 3 – ilustração presente nas capas das primeiras revistas do IHGB	37
Imagem 4 – ilustração presente nas revistas do recorte temporal até a atualidade	38
Imagem 5 – índice da RIHGB de 1889 – 2ª parte	40
Imagem 6 – índice da RIHGB de 1892 – 2ª parte	41
Imagem 7 – ofertas na ata de 26 de abril de 1889	82

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Autorialia	105
Tabela 2 – Ficha técnica	122
Tabela 3 – América: conceitos e termos	52
Tabela 4 – Artigos que fazem referência à América	70
Tabela 5 – Presidente honorário americano	74
Tabela 6 – Sócios honorários americanos	75
Tabela 7 – Sócios correspondentes americanos	76
Tabela 8 – Menções à América nas atas da RIHGB	79
Tabela 9 – Membros chilenos até 1889	81
Tabela 10 – Membros argentinos até 1889	86

Ela acreditava em anjo e, porque acreditava, eles existiam.

(Clarisse Lispector)

INTRODUÇÃO

Este trabalho começou a ser concebido durante a elaboração da monografia de conclusão de curso da graduação em História. Ao trabalhar com as revistas do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e buscar mapear as várias identidades existentes nos discursos dos intelectuais do instituto, algumas evidências sobre a participação da América Latina, como um todo, nas reuniões e, portanto, nas revistas, chamaram a atenção e passaram a ser alvo de mais investigações.

A elaboração do projeto levou em consideração as questões que já me inquietavam e um amadurecimento da ideia promovido por indicações de leituras e a realização de uma disciplina isolada na UFMG, *História dos intelectuais, do livro da edição e da leitura*, com a professora Eliana Dutra.

Depois de passar pelo processo seletivo da pós-graduação em História da UFOP, na área de concentração Poder e Linguagens (Linha de pesquisa: Poder, Linguagens e Instituições) e iniciar os estudos ao lado do meu orientador, Mateus Fávaro Reis, o projeto passou a tomar corpo de pesquisa.

A temática abordada neste trabalho dissertativo está vinculada às aproximações e distanciamentos entre os intelectuais/letrados do Brasil e da América, que podem ser percebidos nas revistas do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, entre os anos de 1889 e 1894.

Buscamos analisar, neste trabalho, as identidades criadas pelos intelectuais/letrados do IHGB e sua ideia de nação. O instituto, quando surgiu, tinha como objetivo “imaginar” a nação construindo uma história oficial e com ela forjar a identidade nacional. A fonte desta pesquisa, a revista produzida pelo IHGB, publicada desde 1839, ano seguinte ao da sua fundação em 1838, ainda é publicada e registrou diversos momentos históricos importantes. As atas das reuniões impressas na mesma revelam o cotidiano dos intelectuais membros, as sociabilidades e os microclimas pertinentes a um “pequeno mundo estreito, onde laços se atam, por exemplo, em torno da redação de uma revista [...]” (SIRINELLI, 2003, p. 248). Por isso, o estudo da RIHGB se torna tão relevante, ela traz consigo a concepção de mundo e de Brasil imaginada pelos intelectuais letrados que pertenciam ao instituto, e a forma como eles queriam que o Brasil fosse visto por seus leitores.

Além das características específicas da RIHGB e dos seus membros, as aproximações existentes entre este e outros grupos de interesses semelhantes, nacionais e internacionais foram essenciais para a compreensão dessas identidades.¹ Em outros países da América existiam institutos semelhantes ao IHGB e as trocas culturais/intelectuais eram constantes.

Assim, o presente trabalho busca defender a hipótese de que é possível relativizar ou matizar o afastamento entre o Brasil e a América de colonização espanhola.

Autores importantes como Kátia Baggio em sua tese *A “outra” América: a América Latina na visão dos intelectuais Brasileiros das primeiras décadas republicanas*², e Maria Lígia Prado em seu artigo *O Brasil e a distante América do Sul*³, apontaram esse predominante distanciamento sem, contudo, negar que ocorreram algumas aproximações. Este trabalho segue um viés matizador, que valoriza a participação latino-americana dentro das paredes do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Pretende-se, ainda, demonstrar uma aproximação, após a abolição e nos primeiros anos da república brasileira, entre Brasil e América-hispânica. O objetivo deste trabalho não é ignorar a visão negativa predominante que os brasileiros tinham em relação aos hispano-americanos ao longo do século XIX, e sim demonstrar as diversas aproximações que ocorreram dentro do instituto.

Houve realmente uma aproximação entre os intelectuais/letrados do Brasil e os do restante da América neste período? Quais seriam os objetivos dessas aproximações? De que maneira essas aproximações teriam refletido na produção historiográfica brasileira liderada pelo IHGB? As respostas para estes questionamentos poderão nos aproximar do que seria a identidade nacional defendida pelos construtores da história nos primeiros anos da república no Brasil.

O recorte temporal deste trabalho está vinculado ao período de governo presidido por Deodoro da Fonseca e Floriano Peixoto, de 1889 a 1894, os primeiros anos da república brasileira. As ideias produzidas pelos intelectuais/letrados do IHGB nesse período permitem compreender o impacto das trocas culturais/intelectuais entre Brasil e as Américas, expressos na linguagem escrita ou relacional por meio das sociabilidades e microclimas, explícitos ou não. Este recorte temporal foi escolhido pelas peculiaridades de um momento de transição e

¹ Para que não fique dúvida, optou-se aqui por incluir em nota autores e obras mencionados no texto ou utilizados para pensar determinadas questões pertinentes; e identificar com nome, ano e data, as citações literais.

² BAGGIO, Kátia Gerab. *A “outra” América: A América Latina na visão dos intelectuais brasileiros das primeiras décadas republicanas*. São Paulo: Tese USP, 1998.

³ PRADO, Maria Lígia Coelho. *O Brasil e a distante América do Sul* (art. Revista de História da USP - n. 145, São Paulo, dez. 2001).

pela forte presença de hispano-americanos em reuniões do IHGB nesse período. A Proclamação da República foi um evento marcante no que diz respeito às relações entre o Brasil e a América Hispânica. O Brasil já não era uma monarquia em meio a diversas repúblicas, então não estaria mais isolado, ao menos institucionalmente.

Como a epígrafe desta dissertação já indica, a concepção da pesquisa acontece inicialmente no campo do imaginário, devido a uma vontade. É preciso, antes de tudo, acreditar. Daí em diante é preciso trabalhar duro para buscar confirmar essas ideias. Dos estudos iniciais até a elaboração deste texto final, buscamos responder às primeiras inquietações e surgiram muitas outras que acabaram por dar forma à dissertação. Para organizar a leitura, dividimos a dissertação em três capítulos, compostos por subtítulos.

No primeiro capítulo, RIHGB: ORIGEM E CARACTERÍSTICAS DO INSTITUTO E SUA REVISTA, adentramos no campo da *História do livro, da edição e da leitura* como embasamento no trabalho com a revista do IHGB. O capítulo é composto por alguns subtítulos que organizam a leitura de forma didática, são eles: POR UMA HISTÓRIA DOS IMPRESSOS; O TRABALHO COM REVISTAS E AS REDES INTELLECTUAIS, RIHGB: UMA ANÁLISE TÉCNICA; OS INTELLECTUAIS DO IHGB E A IDENTIDADE NACIONAL/REGIONAL. Autores como Roger Chartier⁴ e Robert Darnton⁵, que trazem importantes discussões nesta área foram referências importantes. Além da concepção mais ampla, trazida por estes autores, optamos por direcionar nossa pesquisa para o trabalho com as revistas, mais especificamente e, para tanto, as autoras Regina Crespo⁶ e Maria del Carmen Grillo⁷ foram essenciais. Para que fosse possível construir este capítulo de apresentação do instituto, dos intelectuais/letrados membros e da metodologia de pesquisa escolhida, recolhemos dados e elaboramos tabelas que, por meio de uma análise quantitativa preliminar, possibilitaram uma posterior análise qualitativa e uma melhor compreensão do objeto em estudo.

⁴ CHARTIER, Roger (coord.). *Práticas da Leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 2011.

– CHARTIER, Roger. *Origens culturais da revolução francesa*. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

⁵ DARNTON, Robert. *A questão dos livros: passado, presente e futuro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

– DARNTON, Robert. *O Beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

⁶ CRESPO, Regina. *Revistas em América Latina: proyectos literários, políticos y culturales*. México: Universidad Nacional Autónoma de México, 2010.

⁷ GRILLO, Maria del Carmen. *El estudio de revistas como objeto historiográfico para la historia de las redes intelectuales* – Artigo Universidad Austral – Buenos Aires. - GRILLO, María del Carmen. El estudio de revistas como objeto historiográfico para la historia de las redes intelectuales. In: COLOQUIO INTERNACIONAL DE HISTORIA Y CIENCIAS SOCIALES, 2010, Colima. Anais - Colima: Universidad de Colima, 2010.

Desde o início da escrita desta dissertação, a ideia de nação de Benedict Anderson⁸, foi referência para pensarmos na identidade imaginada pelos intelectuais/letrados do IHGB para o Brasil, durante o nosso recorte temporal. Desta forma, entramos no campo da *História dos Intelectuais*, guiados por François Sirinelli⁹, para compreendermos o funcionamento das redes de sociabilidade que existiam dentro do instituto e entre os institutos e demais organizações semelhantes pelo Brasil e pelo mundo.

Neste capítulo tratamos das características físicas e da estrutura da revista, das temáticas trabalhadas por ela, tratamos das características dos intelectuais membros e de suas publicações, e da fundação do IHGB e sua concepção de história.

No segundo capítulo, IDENTIDADES DO BRASIL VIA IHGB: OS DIVERSOS AMERICANISMOS, buscamos apresentar as formas de tratamento em relação à América, que aparecem nas páginas do IHGB, explicando e historiando cada uma delas. O capítulo foi dividido nos seguintes subtítulos: A AMÉRICA NAS PÁGINAS DO IHGB; e CONCEITUANDO E HISTORIANDO OS VÁRIOS “ISMOS” AMERICANOS. Termos como Ibero-América, América Latina, Indo-América, Pan-América, entre outros, difundidos no período do recorte temporal deste trabalho, nacional e internacionalmente, bem como as definições relacionadas a cada um deles, foram essenciais para compreendermos a concepção de mundo e de identidade nacional defendida pelos intelectuais/letrados do instituto. Esse foi o caminho que encontramos para demonstrar uma possível aproximação entre os integrantes da América.

Neste capítulo tratamos dos vários “ismos” aos quais a América e/ou o Brasil foram submetidos. Neste sentido, alguns autores como Fernando Vale Castro¹⁰, Arturo Ardao¹¹, Luis Alberto Sanches¹², Alain Rouquié¹³, Maria Lígia Prado¹⁴, Katia Gerab Baggio¹⁵, José Murilo

⁸ ANDERSON, Benedict R.. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*; São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

⁹ SIRINELLI, Jean-François. *Os intelectuais*. In: RÉMOND, René. *Por uma história política*; tradução Dora Rocha – Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 2003.

¹⁰ CASTRO, Fernando Vale. *Pensando um continente – a Revista Americana e a criação de um projeto cultural para a América do Sul*. Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2012.

¹¹ ARDAO, Arturo. *Panamericanismo y Latinoamericanismo*. In: ZEA, Leopoldo (Org.). *América Latina en sus Ideas*. México: Siglo XXI/ UNESCO, 1986, p. 157-171.

¹² SANCHEZ, Luis Alberto. *¿Existe América Latina?* – México: Fondo de Cultura Económica, 1945.

¹³ ROUQUIÉ, Alain. *O Extremo-Occidente: Introdução à América Latina*. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 1991.

¹⁴ PRADO, Maria Lígia Coelho. *O Brasil e a distante América do Sul* (art. Revista de História da USP - n. 145, São Paulo, dez. 2001).

¹⁵ BAGGIO, Kátia Gerab. *A “outra” América: A América Latina na visão dos intelectuais brasileiros das primeiras décadas republicanas*. São Paulo: Tese USP, 1998.

de Carvalho¹⁶, Leopoldo Zea¹⁷, Eugênio Rezende de Carvalho¹⁸, João Feres Júnior¹⁹ e Leslie Bethel²⁰, por exemplo, foram balizares, ao trazerem em suas obras discussões importantes em relação a identidade “americana” em suas variações.

Para a escrita deste capítulo, compreendemos a importância central das noções de identidades latino-americana e pan-americana, principalmente, evidenciadas entre 1889 e 1894 internacionalmente, como veremos. Neste sentido, buscamos explicitar os contextos em que surgiram e se popularizaram esses termos, numa tentativa de compreender uma possível aproximação ou distanciamento do Brasil em relação às Américas e vice-versa.

No terceiro e último capítulo dessa dissertação, DIPLOMACIA CULTURAL/INTELECTUAL: BRASIL E HISPANO-AMÉRICA, são apresentados estudos de caso que sinalizam aproximações entre o Brasil e o restante da América. Nesse sentido buscamos ilustrar a ideia de aproximação dando exemplos de menções, relatos, artigos, discursos, entre outros, que possam passar a ideia de uma identidade coletiva tanto no que diz respeito ao pan-americanismo, quanto ao que conhecemos por América Latina. O autor referência para o conceito de diplomacia cultural/intelectual foi Fernando Vale Castro²¹, e quanto às aproximações entre as Américas foram utilizados neste capítulo os autores Gustavo Sorá²², Mateus Favaro Reis²³ e Tomás Sansón Corbo²⁴. Para tanto, o capítulo foi dividido nos seguintes subtítulos: ESTUDOS DE CASO: ARTIGOS/OBRAS; e ESTUDOS DE CASO: ATAS.

¹⁶ CARVALHO, José Murilo de. Brasil: outra América? In: *Pontos e Bordados – Escritos de História e Política*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

¹⁷ ZEA, Leopoldo. (et.al) *El Problema de la identidad latinoamericana*. México: Universidad Nacional Autónoma de México – Imprenta Universitária, 1985.

¹⁸ CARVALHO, Eugênio Rezende de. Ideias e identidade na América: quatro visões. *Estudos Ibero-Americanos*. PUCRS, V. XXIV, N.2. p. 7-28, dez.1998.

¹⁹ FERES JÚNIOR, João. *A história do conceito de Latin America nos Estados Unidos*. Bauru, SP; São Paulo: EDUSC; ANPOCS, 2005.

²⁰ BETHELL, Leslie. O Brasil e a ideia de “América Latina” em perspectiva histórica. (Artigo) In: *Est. Hist.*, Rio de Janeiro, vol. 22, n. 44, p. 289-321, julho-dezembro de 2009.

²¹ CASTRO, Fernando Vale. *Pensando um continente – a Revista Americana e a criação de um projeto cultural para a América do Sul*. Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2012.

²² SORÁ, Gustavo. *Traducir el Brasil – Uma antropología de la circulación internacional de ideas*. Buenos Aires: Libros del Zorzal, 2003.

²³ REIS, Mateus Favaro. *Americanismo(s) no Uruguai: os olhares entrecruzados dos intelectuais sobre a América Latina e os Estados Unidos (1917-1969)* - Dissertação de Mestrado apresentada, em 2008, ao Programa de Pós-graduação em História, do Departamento de História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais – Disponível on-line: http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/VGRO-7PMH3M/disserta_o_de_mateus_f_varo_reis.pdf?sequence=1

²⁴ CORBO, Tomás Sansón. *Andrés Bello y la influencia de Brasil en la historiografía rioplatense en el siglo XIX*. Conferência apresentada no VIII Seminário de História do Rio Grande do Sul - II Encontro Internacional de História Regional Platina, 2015.

Identificam-se aqui, os estrangeiros americanos que são sócios/membros do IHGB, e eventos que aproximam, principalmente, os intelectuais/letrados argentinos, chilenos, peruanos e norte-americanos dos brasileiros deste instituto.

Durante toda a dissertação, ocorre um debate com parte significativa da historiografia que estuda o IHGB, os projetos para a escrita da história do Brasil, e as questões da identidade e da nação na primeira república. Alguns autores foram citados e outros foram incorporados ao discurso, são eles, Hugo Hruby²⁵, Lucia Maria Paschoal Guimarães²⁶, Manoel Luis Lima Salgado Guimarães²⁷, Temístocles Cezar²⁸, José Murilo de Carvalho, Lúcia Lippi Oliveira²⁹, Benedict Anderson, Rodrigo Turin³⁰, Valdeci Lopes de Araújo³¹, Alda Heizer³², Ciro Flávio de Castro Bandeira de Melo³³, Francisco Moraes Paz³⁴, Nelson Schapochnik³⁵, Arno Wehling³⁶ e Lilia Moritz Schwarcz³⁷. Além disso, a questão da escrita da história perpassa toda a dissertação, sendo referências obrigatórias Reinhart Koselleck³⁸ e sua ideia de espaço de experiência e horizonte de expectativas para compreender o objetivo dos intelectuais em sua escrita da história, bem como François Hartog³⁹ e os regimes de historicidade.

²⁵ HRUBY, Hugo. *O século XIX e a escrita da história do Brasil: diálogos na obra de Tristão de Alencar Araripe (1867-1895)*. Porto Alegre: Tese PUCRS, 2012.

²⁶ GUIMARÃES, Lúcia M. P. *Debaixo da imediata proteção de Sua Majestade Imperial: o IHGB (1838-1889)*. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, 1994.

²⁷ GUIMARÃES, Manoel L. S. Nação e civilização nos trópicos: o IHGB e o projeto de uma História nacional. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, 1(1): 05-27, 1988.

²⁸ CEZAR, T. Como deveria ser escrita a história do Brasil no século XIX. Ensaio de história intelectual. In: PESAVENTO, S. J. (Org.). *História cultural: experiências de pesquisa*. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 2003. p. 173-208.

²⁹ OLIVEIRA, Lúcia Lippi. *A questão nacional na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense; Brasília: CNPq, 1990.

³⁰ TURIN, Rodrigo. *Tessituras do tempo: discurso etnográfico e historicidade no Brasil oitocentista* – Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013.

³¹ ARAÚJO, Valdeci Lopes de. *A experiência do tempo: conceitos e narrativas na formação nacional brasileira (1813-1845)*. São Paulo: Hucitec, 2008.

³² HEIZER, Alda & VIDEIRA, Antônio A. P. (org). *Ciência, civilização e Império nos Trópicos*. Rio de Janeiro: Access, 2001.

³³ MELO, Ciro Flávio de Castro Bandeira de. *Senhores da História e do Esquecimento*. Belo Horizonte: Argvmentum, 2008.

³⁴ PAZ, Francisco Moraes. *Na poética da História: a realização da utopia nacional oitocentista*. Curitiba: Ed.UFPR, 1996.

³⁵ SCHAPOCHNIK, Nelson. Como se escreve a história?. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 13, n. 25/26, set.92/ago.93, p. 67-80.

³⁶ WEHLING, Arno (coord). *Origens do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro: IHGB, 1989.

³⁷ SCHWARCZ, Lília Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

³⁸ KOSELLECK, R. *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto; Ed. PUC-Rio, 2006.

³⁹ HARTOG, François. *Regimes de Historicidade. Presentismo e Experiências do Tempo*. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2013.

Durante a leitura dessa dissertação objetiva-se que o leitor atente para as seguintes questões: Quais identidades nacionais os intelectuais/letrados do IHGB estavam construindo durante o recorte temporal deste trabalho? Houve a formação de redes de sociabilidade sólidas e trocas intelectuais profundas, consolidadas e constantes? Quais seriam os objetivos dessas aproximações? Elas refletem na produção historiográfica do IHGB no período? O Brasil é parte ou não do que se convencionou chamar de América Latina para os autores do IHGB naquele período?

Almejamos responde-las durante os capítulos e amarrar as ideias nas considerações finais. Boa leitura.

CAPÍTULO 1

***RIHGB*: ORIGEM E CARACTERÍSTICAS DO INSTITUTO E SUA REVISTA**

Toda nação precisa de uma identidade. No século XIX, os Estados-nacionais compreenderam essa necessidade e buscaram reforçá-la. Essa identidade se cria e recria com o passar dos anos e da história. No caso do Brasil, ela começou a ser forjada por mãos portuguesas que, em detrimento das populações indígenas e dos demais componentes étnico-culturais, se colocaram como personagens principais e escritores da história pátria. A matéria prima utilizada para a confecção dessa lâmina parecia forte e resistente, mas depois de muito tempo ao fogo, ainda se apresentava disforme já que não correspondia à realidade local. Por pouco não passou do ponto após tantos anos em mãos portuguesas, até que brasileiros assumiram a forja. Com pouca experiência neste ofício, porém com o intuito de, finalmente, dar forma àquela lâmina, o *IHGB* foi criado e passou a ser o responsável, ao menos oficialmente, pela confecção e manutenção dessa identidade nacional. E desde então passou a trabalhar com esse objetivo, atribuir sentido e unidade ao Brasil e aos brasileiros. Substituiremos aqui, porém, os ferreiros pelos intelectuais/letrados sócios do instituto no restante de nossa análise.

Utilizando ainda a analogia da forja, iniciaremos a dissertação apresentando, a forma de trabalho escolhida para o estudo da *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, em uma tentativa de demonstrar a importância da mesma na construção das formas da lâmina da nossa identidade.

As informações presentes na *RIHGB* foram interpretadas por meio da análise aprofundada da mesma utilizando a metodologia apontada nos estudos sobre a História do Livro, da Edição e da Leitura. Portanto, faz-se necessária uma breve apresentação - e aplicação - desse campo da história que tem ganhado cada vez mais espaço.

1.1 POR UMA HISTÓRIA DOS IMPRESSOS

A imprensa, criada no século XV por Gutenberg, para alguns autores como Robert Darnton⁴⁰ e Patrícia Bandeira de Melo, por exemplo, teria revolucionado o mercado livreiro. Outros autores importantes, como Roger Chartier⁴², por exemplo, não concordam com essa afirmação e defendem um matiz, afirmando que as mudanças nos hábitos de leitura foram as principais responsáveis por essa revolução. Não se pretende aqui, realizar uma análise aprofundada sobre esse *intenso* debate que existe entre os autores, o objetivo é introduzir a temática da história dos impressos e relacioná-la ao objeto de estudo deste texto dissertativo, a revista do *IHGB*. As interpretações de ambos autores enriquecem este trabalho e não se anulam, como veremos. Não se pode negar que os livros, que antes precisavam ser copiados a mão e por isso mesmo eram raros e caros, passaram a ser produzidos em maior velocidade e quantidade. Os tipos móveis e a impressão em papel aceleraram a produção e ampliaram a possibilidade da circulação de ideias. Aos poucos, surgiram novos formatos de impressos com objetivos específicos para atender às novas demandas sociais, as gazetas, os folhetos, os libelos, e posteriormente os jornais e as revistas (MELO, 2005, p. 3).

A história dos impressos faz parte de algo mais amplo, algo que se costuma nomear de História do Livro, da Edição e da Leitura. Ela se ocupa dos livros, mas não se limita a eles, podendo abranger jornais, panfletos, revistas e outros impressos. Por isso, de acordo com Darnton, um nome mais adequado a essa área de estudo seria “história social e cultural da comunicação impressa” (DARNTON, 2010, p. 190).

Estudada desde o renascimento, a história dos impressos passou a ser sistematizada na Inglaterra no século XIX, tratando dos aspectos físicos desses objetos que se tornaram fontes históricas. Em 1960, os franceses agregaram novas tendências ao estudo da História do Livro. Esses novos historiadores do livro ampliaram o campo de análise estudando não apenas os detalhes de um livro, mas todo o processo de criação, produção, distribuição e recepção dos livros. Não se detinham sobre livros raros e luxuosos, pois também se interessavam por livros comuns, buscando compreender a experiência literária dos leitores. Porém, logo se percebeu como era complicado trabalhar nessa perspectiva que exige múltiplas análises e se ramifica em tantas possibilidades. Para Darnton, esse campo de estudo se tornou tão rico que,

⁴⁰ Optamos por inserir as referências em nota de rodapé quando não se tratar de uma citação literal. Quando utilizarmos trechos específicos das obras dos autores será indicado no corpo do texto entre parêntesis a menção ao autor, ano da obra e página.

⁴¹ DARNTON, Robert. *A questão dos livros: passado, presente e futuro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

⁴² CHARTIER, Roger (coord.). *Práticas da Leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 2011.

[...] agora se parece menos com um campo do que com uma floresta tropical. O explorador mal consegue avançar pela selva. Fica enredado a cada passo numa densa vegetação rasteira de artigos científicos e acaba desorientado pelo entrecruzamento de disciplinas (e tudo aquilo que é impossível negligenciar sendo um historiador do livro). (DARNTON, 2010, p. 192-193).

Para conseguir vencer a “floresta tropical”, o autor sugere um modelo que leva em consideração uma visão holística do livro como meio de comunicação, importante para a compreensão das práticas sociais de uma época. Seu modelo leva em consideração todo o circuito percorrido pelos impressos e todos os responsáveis por essa circulação. O ciclo se inicia com a criação da obra pelo autor, que busca em um editor a possibilidade de investir em sua produção. Em seguida é necessário que o livro passe por um gráfico, onde será impresso, para posteriormente ser distribuído entre livreiros, quando finalmente chega às mãos do leitor. O leitor faz sua interpretação da obra, troca, vende, empresta; e o autor, por vezes, recebe as impressões, opiniões e críticas sobre sua obra.

Não se pretende aqui fazer um estudo sobre a recepção da *RIHGB* por parte dos leitores, o que sem dúvida enriqueceria este trabalho, mas sim sobre a transmissão. Qual era o objetivo implícito e explícito das publicações? Como se realizava a circulação de ideias promovida por ela em sua prática de distribuição nacional e internacional? De que forma as identidades dos intelectuais membros do instituto aparecem em seus discursos? Em que medida essas identidades estão vinculadas ao que conhecemos como eurocentrismo, americanismo, pan-americanismo e latino-americanismo?

Tanto Darnton quando Chartier estão corretos ao afirmarem respectivamente que [...]os livros não apenas relatam a história; eles fazem a história” (DARNTON, 2010, p.219) e que “[...]a essência da questão não é o conteúdo dos livros ‘filosóficos’, que bem possivelmente não tinham o impacto persuasivo que tão generosamente lhes foi atribuído, e sim um novo modo de ler que [...] desenvolveu uma atitude crítica livre[...].” (CHARTIER, 2009, p. 145-146). Os livros acabaram gradualmente ocupando um lugar importante no interior das sociedades contemporâneas atuando como agentes da história. Até mesmo entre os não leitores, as práticas de leitura foram importantes. Feitas de forma individual e particular, por terceiros em voz alta ou de forma simplificada através das ilustrações, elas transformaram aos poucos o cotidiano das pessoas convivendo e dialogando com a tradição oral. As revistas, seguindo a mesma ideia dos livros seriam, ao mesmo tempo veículos de ideias que provocam mudanças e, também, o resultado de transformações culturais. A *RIHGB*, é um bom exemplo dessa perspectiva. Atuando num campo formal/científico, ela passou a existir graças a uma mudança na forma de

enxergar a história do Brasil e por meio de suas publicações promoveu transformações como, por exemplo, determinar como deveria ser escrita essa história.

Compreendendo a história dos impressos nessa perspectiva, não teria sido a *RIHGB*, essencialmente, a promotora do contato com os vizinhos hispano-americanos, pois, se já não houvesse uma abertura para o estabelecimento dessas trocas incutida no modo de pensar desses intelectuais envolvidas nessa análise, a revista sequer teria circulado entre as instituições desses países. Tampouco seria possível o contato entre esses intelectuais/letrados⁴³. Talvez não houvesse sequer o interesse em enviar a revista aos países vizinhos.

Mas, não se pode negar a relevância da circulação da mesma para a promoção de uma aproximação mediante a compreensão de uma identidade comum e dos laços de parentesco que podem ser percebidos na revista, bem como uma identificação com as ideias e produções de ambos os lados. Conhecer, pode levar a uma identificação, que traz consigo uma aproximação e, assim, uma possível ideia de unidade.

Façamos então uma breve análise de cada tópico proposto por Darnton, explicando-os e incorporando-os ao objeto de estudo deste trabalho, a *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, entre 1889 e 1894.

O primeiro tópico trabalhado por Darnton é a autoria. O conceito de autor traz um debate muito complexo. Desde os positivistas que colocavam o autor em um pedestal valorizando as obras que eram interpretadas por meio da biografia desses autores; a ideia de que o autor deve desaparecer para que o discurso tenha destaque; até a valorização do leitor em sua relação com o texto. (NETO, 2014, p.154)⁴⁴ Pensando de forma mais ampla, um autor não seria apenas um produtor de textos, podendo ser também o criador de uma ideia, o organizador de um curso ou disciplina - como Foucault teria imaginado -, de um método, ou de uma linha editorial. O fato dos sócios do *IHGB* selecionarem o que seria inserido na revista tornava-os, nesse sentido, mais que editores, os autores de uma linha editorial. Poucos membros do instituto eram produtores de textos. Vários deles se detinham a questões administrativas/burocráticas ou a traduções de obras estrangeiras.

⁴³ Os sócios do *Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, como veremos, não são necessariamente historiadores. São literatos, juristas e estudiosos. Como critério generalizante e para facilitar a escrita dessa dissertação optou-se por tratá-los como intelectuais/letrados. Por intelectual se compreende aqui agentes históricos que atuam diretamente na discussão, elaboração e propagação de ideias; e por letrado interpretamos indivíduos instruídos, cultos e que se dedicam às letras.

⁴⁴ NETO, Joachin Azevedo. *A noção de autor em Barthes, Foucault e Agamben*. In: Floema - Ano VIII, n. 10, p. 153-164, jan./jun. 2014.

A *RIHGB*, no período em questão, de acordo com a análise das fontes deste trabalho, era um impresso mais voltado para a divulgação ou reprodução de documentos importantes de diversos autores, do que um centro voltado para a escrita da história. Geralmente eram publicados clássicos ou descobertas recentes que poderiam atualizar a história. Em sua maioria, os membros do *IHGB* se comportavam mais como editores do que como produtores de textos, selecionando obras que seriam publicadas, arquivando documentos importantes para a história nacional, organizando eventos, realizando pesquisas estatísticas, entre outros. Isso não quer dizer que não tenham produzido textos próprios, como veremos. Porém, este não era o principal objetivo da *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*.

Ao realizar uma análise do conteúdo das revistas de 1889 a 1894, ou seja, as doze revistas estudadas neste trabalho, foi possível coletar dados importantes sobre a questão da autoria das publicações. Estes dados foram organizados em uma tabela para facilitar a compreensão e a análise dos mesmos⁴⁵. Utilizaremos aqui alguns exemplos para ilustrar as características das publicações em relação à autoria.

Em 1889, o primeiro ano de nossa análise, identificamos sete obras/artigos, dentre as quais apenas uma é autoral. As obras não autorais desse ano dizem respeito a assuntos amplos e desconexos, como por exemplo um “Canto épico” de 1567 lido em uma das sessões do *IHGB* na presença do Imperador D. Pedro II; um catálogo genealógico das principais famílias em Pernambuco, escrito por um frade franciscano em 1768; e um dicionário com alguns termos indígenas. Além destas, foram publicadas na revista duas obras traduzidas: A biografia de um padre e a “História de uma viagem feita à terra do Brasil” de Jean de Léry.

A única obra autoral neste ano é uma proposta de estudo sobre uma “estrada misteriosa” que passa por Brasil, Paraguai, Peru e Uruguai, escrita por Capanema naquele mesmo ano. Nesse texto, o autor descreve o que já se sabe sobre a estrada e os possíveis objetivos para a sua construção, afirmando ser necessário continuar as pesquisas, já que há um mistério ligado à sua construção e ao seu abandono. Segue um trecho do autor conjecturando sobre as origens e funções da estrada.

Seria essa estrada protegida por obras de defeza, devida aos Incas, de cujo tempo se affirma existirem vestígios de estrada na Bolívia até o

⁴⁵ A tabela completa se encontra disponível nos anexos deste trabalho, identificada como “Tabela 1 - Autoria”.

Paraguay? Teriam eles comunicação por alli com o Atlantico? – Porque não? [...]

Estradas assim planejadas são obras de profissioaes e revelam tendencia de estabelecer comunicação com o littoral para transporte de productos; pelos paulistas que só corriam á caça de escravos, ellas não podem ter sido feitas; denunciam pelo contrario a existencia de um plano geral bem combinado, com fins economicos e politicos, o que só pode ter emanado da sagacidade e espirito methodico dos Jesuitas, e datam pois de mais de dous seculos e meio. ⁴⁶ (RIHGB 1889 – Parte 1 - p.506; 508-509)

Nota-se que, neste texto, o autor apresenta indícios importantes apenas para demonstrar a relevância de uma pesquisa mais detalhada sobre o assunto. Assunto este, que leva em consideração, também, a questão das fronteiras nacionais com os países vizinhos da América, mas não se detém sobre esta questão nem propõe um aprofundamento nesse sentido. Desta forma este “artigo/obra” de autoria é uma espécie de “projeto de pesquisa”, uma proposta pautada na curiosidade. Então, talvez, não possamos sequer considera-lo uma obra.

No ano seguinte as publicações seguiram a mesma lógica. Identificamos quatorze obras/artigos e dentre eles apenas quatro são autorais. Ainda assim, duas dessas quatro obras são discursos, um deles em decorrência da morte de uma personalidade e o outro é um elogio ao Visconde do Rio Branco realizado em uma loja maçônica por Tristão de Alencar Araripe, um representante de ideias mais liberais voltadas para o republicanismo e americanismo, dez anos após a morte do Visconde. O político, diplomata e jornalista brasileiro, Visconde do Rio Branco, participou das negociações para pôr fim aos conflitos na região do Prata, além de ter participado da criação de leis que culminaram na abolição da escravidão no Brasil, possuindo assim um laço ideológico com o intelectual membro que lhe fez o discurso.

As duas outras obras autorais publicadas nas revistas de 1890 foram um estudo sobre bandeira do Brasil escrito pelo então presidente do *IHGB*, Joaquim Norberto de Souza e Silva, monarquista convicto, e um artigo sobre curiosidades naturais da província do Paraná escrito pelo Visconde de Taunay, intelectual/membro do instituto e polígrafo por excelência. Em decorrência da Proclamação da República no país a bandeira foi alterada e foi necessário escrever um “additamento”, onde o autor realiza a sua análise crítica em relação às mudanças na bandeira, além de propor alterações que a deixariam mais vistosa e coerente, de acordo com ele.

⁴⁶ Segue o texto como no original.

Esse momento, em que o presidente escreve e publica um aditamento ao artigo da bandeira, é uma raridade. A Proclamação da República no Brasil, acontecimento marcante para a política nacional e internacional, só aparece na revista neste momento e ainda assim pela necessidade de realizar uma correção histórica, já que a bandeira já não era a mesma do estudo realizado pelo autor.

As publicações não autorais de 1890 dizem respeito à época do descobrimento e início da colonização no Brasil; às revoltas em Pernambuco que colaboraram com a Independência em 1822; um conflito entre estudantes e guardas em ambiente acadêmico; a notícia sobre o encontro de uma urna indígena (reportagem de um jornal da época); documentos paraguaios sobre as fronteiras e sobre o confisco de bens de Solano Lopes; além da tradução de uma obra sobre a navegação dos normandos para o Brasil; e duas biografias. Apesar de dedicar espaço a uma documentação de origem paraguaia, o conteúdo da revista não faz menção à nada sobre a América Latina nesse momento, apenas apresenta os documentos devido à participação do Brasil no conflito com o Paraguai. Aqui o que importa é o Brasil, não o país vizinho.

Esse padrão se repete em todas as revistas trazendo como obras de autoria, interpretadas neste trabalho como textos elaborados pelos próprios sócios do *IHGB*, apenas 24 entre os 111 artigos publicados na *RIHGB*. Estes artigos e os demais (traduções, obras reproduzidas, notícias transcritas, entre outras) foram selecionados pelas comissões de história e geografia, passaram pelo crivo dos demais membros e, aprovadas, foram publicadas.

Fazendo uma análise geral, boa parte das obras produzidas com autoria dos membros do *IHGB* são biografias, discursos, alocações, sonetos, listas e relatórios. A análise dessas revistas, no que diz respeito aos textos próprios e às escolhas dos demais artigos ou documentos que foram nela inseridos, nos permitem uma melhor compreensão dos objetivos explícitos e implícitos desses indivíduos no que diz respeito à construção de uma identidade nacional. Nota-se aqui, uma perspectiva tacitiana da história, ou seja, busca-se um distanciamento em relação aos acontecimentos recentes em proveito de uma escrita “imparcial”. Dessa forma, fica evidente a opção por conteúdos heterogêneos, desconexos e atemporais. Estes intelectuais/membros estão, ainda, ao que parece, alicerçando e reunindo materiais para a construção da história pátria.

O trabalho de edição, segundo tópico de Darnton, era realizado pelos próprios membros do *IHGB* em conjunto com as tipografias. Sua administração era toda gerenciada pelos membros, desde as assinaturas, correspondências e contratações, até as finanças. No ato da

criação do instituto, foram designadas funções aos membros e nomeadas comissões para executar determinadas tarefas. Havia uma comissão para a área de História e outra para a área de Geografia. Ambas se responsabilizavam pela produção, tradução e seleção de material para publicação. Sócios correspondentes do Brasil e do mundo enviavam documentos e obras que eram analisadas e selecionadas pelas comissões e levadas como propostas de publicação nas reuniões que ocorriam periodicamente no *IHGB*. Geralmente a obra era lida e os documentos apresentados para todos os sócios presentes em busca de aprovação para publicação nos próximos números.

As atas das reuniões são publicadas sempre no último número do ano e apresentam detalhes sobre as ideias em circulação no período, aproximando-nos, um pouco mais, das possíveis intencionalidades, e do contexto histórico vivido por eles. Mesmo estando ciente da dificuldade de se estudar algo tão subjetivo, entende-se que esses detalhes são importantes para a compreensão das identidades e da história construída pelos sócios. Digo identidades, no plural, porque com a proclamação da república existe uma quebra de paradigmas que permite a expressão da pluralidade destas dentro e fora do *IHGB*, como veremos. Os textos/artigos publicados na *RIHGB* são, geralmente, o resultado de pesquisas e descobertas recentes, a transcrição de algum documento relevante, ou ainda a tradução de obras de autores célebres que tratam da história do Brasil e da América como um todo. Dessa forma, é nas atas que conseguimos compreender os objetivos desses intelectuais em sua seleção e produção para a publicação na revista.

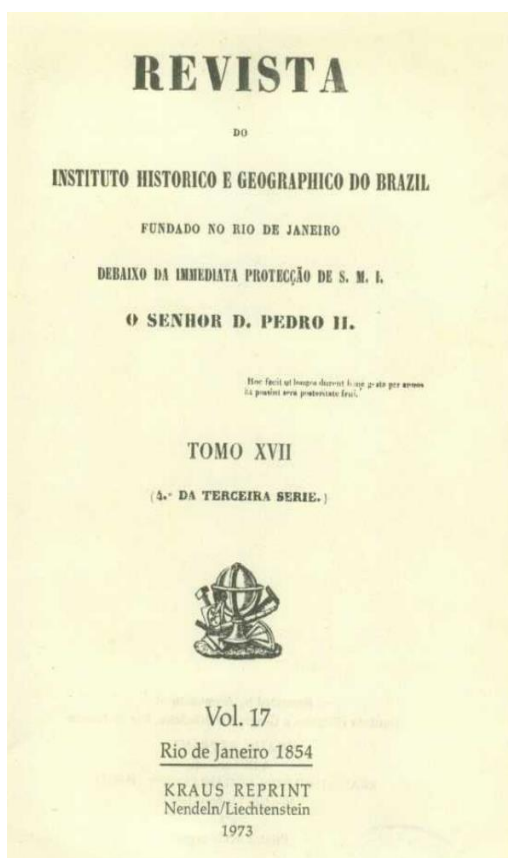
A imprensa foi introduzida tardiamente no Brasil, em relação ao seu desenvolvimento na Europa, chegando em nossas terras apenas após a vinda da corte portuguesa em 1808. Até então a produção livreira em massa ocorria fora do país e o que era lido por aqui - fora os manuscritos, folhas avulsas, entre outros itens produzidos em menor escala - era necessariamente importado. A primeira imprensa brasileira foi a Nacional, ou Oficial. A fiscalização do governo era rígida e por um bom tempo existiu apenas uma imprensa no Brasil. Mesmo os jornais brasileiros impressos no exterior eram confiscados, caso encontrados, pelos oficiais. Aos poucos, o governo foi permitindo a instalação de novas gráficas que se desenvolveram e passaram a atuar ativamente no período Imperial e ainda mais no período republicano. (MELO, 2005, p. 9)

A impressão das revistas do *IHGB*, terceiro tópico de Darnton, começou a ser feita em 1839, sendo realizada por vários impressores ao longo de sua trajetória. As primeiras revistas disponibilizadas para consulta *on-line* no site do instituto foram resultado de reimpressões e

apresentam capa datada e identificada com a época da reimpressão, o que limita em parte as avaliações sobre o documento e seu impressor original em uma pesquisa maior. As revistas, entre 1839 e os primeiros anos da década de 1860, disponibilizadas *on-line* são resultados de reimpressões em datas aleatórias e, portanto, não apresentam os dados da época em que foram publicadas pela primeira vez. As revistas que interessam à nossa pesquisa, porém, contam com suas capas originais.

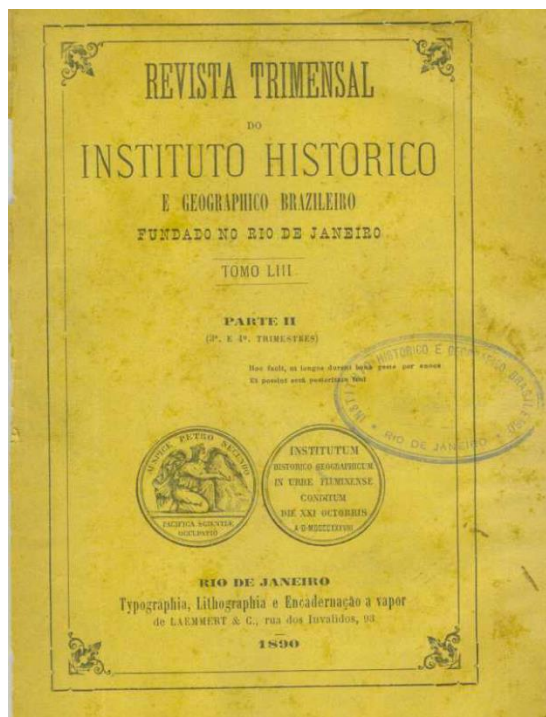
Veja o exemplo da revista publicada originalmente em 1854. A capa identifica o ano da reimpressão ocorrida em 1973.

Imagem 1: Capa da revista de 1854 disponível para consulta *on-line*.



A impressão das revistas do *IHGB* já foi realizada pela Imprensa Nacional ou Oficial, pela Kraus Reprint (Nendeln / Liechtenstein), pela Imprensa Americana de I. P. da Costa, pela B. L. Garnier – Livreiro-editor, entre outras. Porém, entre 1889 e 1894, as impressões foram realizadas pela Typographia Lithographia e Encadernação a vapor de Laemmert & C., situada na rua dos inválidos, 93. Veja no exemplo a seguir.

Imagem 2: Capa da revista de 1890 disponível para consulta *on-line*.



Essa tipografia ficou famosa pela produtividade, chegando inclusive a receber a visita do Imperador.

Eduardo Laemmert, um dos irmãos alemães fundadores da tipografia no Brasil, se tornou sócio do *IHGB* em 1847, o que provavelmente lhe deu abertura para a impressão das revistas. A tipografia era especialista em folhinhas literárias, mapas das cidades e guias de bolso e utilizou mão de obra escrava durante muitos anos. Havia 120 pessoas trabalhando para eles, que chegavam a encadernar cerca de cinco mil livros por mês e a imprimir cerca de mil folhas por dia.

Depois de impressas, as revistas do instituto eram distribuídas nas instituições nacionais e internacionais que mantinham contato com o *IHGB*, aos sócios que recebiam um exemplar cada, e também aos assinantes. A *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, em 1889, era enviada a 136 instituições estrangeiras e a 98 instituições nacionais. Além de possuir 76 sócios estrangeiros correspondentes, 27 sócios estrangeiros honorários, 48 sócios nacionais correspondentes, 39 sócios nacionais efetivos, 19 sócios nacionais honorários, 6 presidentes honorários e 1 protetor imediato, Dom Pedro II (*RIHGB*, 1889 – PARTE II, p. 556-571). Todos recebiam a edição da revista. Essa distribuição era realizada pela Secretaria de Estado da instrução, telégrafos e correios, a pé, ou com o auxílio de carroças e navios.

O *Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* não utilizava os serviços dos livreiros, realizando apenas a impressão de uma tiragem média já destinada aos compradores, assinantes, sócios e instituições que o recebiam periodicamente. Não consta nas descrições de despesas do instituto o pagamento a nenhuma espécie de livreiro/vendedor. Os funcionários citados são o bibliotecário, o escriturário, o porteiro e o cobrador. Como constam nas descrições das receitas em 1889 o valor de 80.000 réis para venda e assinatura da *Revista Trimestral*, acredita-se que ela era realizada pelo próprio instituto. Dessa forma, os impressos restantes, após a entrega a todos os destinatários, permaneciam nas prateleiras do instituto e poderiam ser destinados à venda ou enviados posteriormente a alguma instituição com o objetivo de completar coleções. Era prática comum a reimpressão de edições anteriores, para este fim, quando se esgotavam os exemplares de um número específico.

Destinada a um público leitor ilustrado, a *RIHGB* tinha como objetivo o registro dos documentos e obras importantes para a história e geografia do Brasil, independentemente da recepção dos leitores. A revista levava ao conhecimento desse público seletas informações sobre a história do Brasil. Eram academias, associações, sociedades, bibliotecas, arquivos, comissões, institutos, boletins, centros, museus, observatórios, departamentos, uniões, clubes, escolas, gabinetes, revistas, secretarias, universidades e tipografias em todo o mundo ocidental.

Depois dessa análise preliminar, adentraremos ainda mais no universo da história dos impressos especificando nosso objeto de estudo, as revistas. As revistas, se comparadas aos livros, têm mais facilidade de circulação e menos custos de produção, o que as leva a mais lugares e a mais leitores. (CRESPO, 2010, p. 14) No caso da *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, uma revista que arrisco chamar de “Revista Científica”, devido às características de sua composição, é importante compreender que seu caráter institucional, oficial e nacional a levou para diversos pontos do Globo, carregando consigo as interpretações que os intelectuais/letrados do *IHGB* queriam transmitir sobre o Brasil. Quem eram e o que pensavam os brasileiros entre 1889 e 1894 de acordo com as penas do *Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*?

1.2 O TRABALHO COM REVISTAS E AS REDES INTELLECTUAIS

As revistas são um tipo de impresso que tem, cada vez mais, se convertido em um objeto de estudo para os mais diversos campos da história. Algumas delas são capazes de fundir elementos do campo intelectual, tornando-se referências obrigatórias para o estudo e a compreensão da história das ideias de um povo em determinado período.

Nos últimos anos, as revistas têm sido objeto de novas abordagens que além de sair do óbvio procuram delimitar suas vantagens como documentação para diferentes campos de investigação política ou cultural. Elas têm feito a diferença na análise de momentos de crise ou de conjunturas relevantes. Além de contribuir no estudo da história intelectual e política latino-americana no que diz respeito à formação e à manutenção de redes intelectuais e transfronteiriças. (CRESPO, 2010, p.13)

As revistas são janelas para o estudo das culturas de um povo. Elas são capazes de reunir as discussões políticas, econômicas, sociais e culturais em um só lugar, abrindo espaço para o estudo de um determinado momento histórico.

A principal fonte deste estudo é a *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* que iniciou suas publicações em 1839 e permanece em atividade até nossos dias. De acordo com Sirinelli “[...] uma revista é antes de tudo um lugar de fermentação intelectual e de relação afetiva, ao mesmo tempo viveiro e espaço de sociabilidade” (SIRINELLI, 2003, p. 249), e nesse sentido, a atuação dos intelectuais membros do instituto ao definirem o que seria publicado, bem como as reuniões, discussões e eventos mencionados nas atas do *IHGB* e publicadas anualmente, nos dizem muito sobre a política, a economia, a sociedade e a cultura no Brasil em cada época.

Outro ponto importante é a história dos intelectuais. Como um campo sistemático, delimitado e legitimado de pesquisa, ela é algo muito recente e, por isso mesmo, os intelectuais são designados por Altamirano⁴⁷ como uma espécie moderna. De acordo com Sirinelli⁴⁸, antes podada pelo viés biográfico ou político, a partir de 1970 a história dos intelectuais passa por uma espécie de renascimento, uma revalorização. Assim, o estudo dos intelectuais do *IHGB*, em suas redes de sociabilidade, também se torna fecundo.

⁴⁷ ALTAMIRANO, Carlos. *Intelectuales - Notas de investigación*. Bogotá: Grupo Editorial Norma, 2006.

⁴⁸ SIRINELLI, Jean-François. *Os intelectuais*. In: RÉMOND, René. *Por uma história política*; tradução Dora Rocha – Rio de Janeiro: Editora Fundação Getulio Vargas, 2003. p. 237.

Esses intelectuais, muitas vezes, eram ao mesmo tempo letrados, historiadores e políticos. De acordo com Angela Alonso, “[...]política, historiografia e letras compunham facetas de uma carreira pública unificada” (ALONSO, 2002, p. 58), ficando a cargo destes letrados/intelectuais/polígrafos a construção de uma história nacional oficial.

De acordo com Maria Lígia Prado, antes da Proclamação da República o Brasil estava voltado para a Europa e por isso era avesso e distante dos demais países da América e mesmo após o início da República e a saída de Dom Pedro II do trono brasileiro, estabelecendo uma “igualdade” entre os regimes de governo no continente, o Brasil continuou como “um estranho no ninho”. (PRADO, 2001) Será que analisando o discurso dos membros do *IHGB* é possível perceber essa distância? Veremos que é necessário relativizá-la.

Para além do discurso europeu e nacionalizante incorporado por estes intelectuais, no período do recorte temporal deste estudo, é possível identificar um pano de fundo voltado para o reconhecimento do Brasil como integrante de um grupo mais amplo na América. Apesar de pouco usual no período, o termo América Latina aparece duas vezes nos discursos dos últimos anos analisados, mais especificamente em 1892 e 1893, como veremos nos próximos capítulos.

Em uma análise preliminar, pode-se perceber que apesar de terem utilizado o termo em questão, não atribuíram significado simbólico e identitário a ele. Mais comuns que o termo América Latina, foram outros como: América do Sul, América meridional, América, continente americano, esta parte da América, americanismo, entre outros que, devido à sua importância para a compreensão deste objeto de estudo, serão melhor analisados nos próximos capítulos.

Já no final do período imperial houve aproximações significativas entre as repúblicas hispano-americanas e o Brasil. Apesar da histórica rivalidade, havia interesses de ambos os lados em uma aproximação. Nos últimos momentos do Império e no primeiro ano da República a movimentação dos vizinhos hispano-americanos no *Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* foi incomparável. O clima de conflito instalado nos anos seguintes até 1894, quando foi eleito de forma direta o primeiro presidente do Brasil, alterou os ânimos dentro e fora do instituto, interferindo nesse processo. Mas, ainda assim, podemos dizer que os contatos estabelecidos no período em estudo foram fecundos e abriram portas para uma aproximação real. A presença de vários hispano-americanos em reuniões solenes, a entrega de homenagens, festas, propostas de caráter continental, nomeações de hispano-americanos para sócios no instituto, cartas e publicações referentes à Ibero-América, são exemplos disso.

Além da importante circulação da revista por vários institutos ou órgãos hispano-americanos houve também inúmeros recebimentos de livros, artigos, revistas, e outros documentos, desses locais por parte do *Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, todos noticiados pelos membros e registrados em todas as atas de reunião como “ofertas” e “expediente”. Na maioria das revistas, há uma lista anexada ao final da publicação com os nomes de todas as instituições congêneres que recebem a revista.

É notável ainda a inclusão de membros hispano-americanos. Na maioria das vezes em decorrência de algum ato honroso ou diplomático, e neste último caso percebe-se a ligação entre o instituto e a política do período. Mesmo que este afirmasse nada ter “que ver com movimentos políticos do paiz, inteiramente alheios aos seus fins” (*RIHGB*, 1889 – PARTE II, p. 546)⁴⁹.

Alguns estrangeiros hispano-americanos chegaram a solicitar a entrada no instituto oferecendo como objeto de análise obras e/ou pesquisas realizadas, algumas delas incluindo o Brasil. Foi o caso do professor chileno de geografia e história, Julio Bañados Espinosa, com sua obra *História da América e do Chile* (*RIHGB*, 1889 – 2, p. 517). Nota-se assim, o prestígio do *IHGB* frente aos intelectuais dos países da América Hispânica como afirma Tomás Sansón⁵⁰. De acordo com este autor, a produção historiográfica do *IHGB* teria inspirado a escrita da história de autores uruguaios e argentinos. Sansón utiliza Andrés Lamas e Bartolomé Mitre, sócios do *IHGB*, em seu estudo de caso para elaborar essa interpretação. Lamas esteve no Rio de Janeiro por vários anos e teria levado sua experiência para os países vizinhos citados.

Ainda mais relevante para a compreensão desse prestígio do *IHGB* frente aos vizinhos hispano-americanos, foi a fundação de institutos nesses países inspirados pelo modelo brasileiro. Em 1843 fundou-se em Montevidéu, Uruguai, o IHGN, Instituto Histórico e Geográfico Nacional e em 1854 fundou-se em Buenos Aires, Argentina, o IHGRP, Instituto Histórico e Geográfico Rio-Platense. Apesar do curto tempo de existência, fundando em 1844 e 1859-60 respectivamente, essas instituições foram exemplos do apreço pelo modelo de escrita da história desenvolvido pelo *IHGB*, além de terem aberto espaço para os posteriores. “La influencia brasileña, en los aspectos institucionales y metodológicos, fue fundamental en la etapa inicial de las historiografías rioplatenses (entre las décadas de 1840 y 1860)” (CORBO, 2015, p. 12). De acordo com este autor, o Império teria tido melhores condições de produção

⁴⁹ O trecho está transcrito como no original.

⁵⁰ CORBO, Tomás Sansón. *Andrés Lamas y la influencia de Brasil en la historiografía rioplatense en el siglo XIX*. Conferência apresentada no VIII Seminário de História do Rio Grande do Sul - II Encontro Internacional de História Regional Platina, 2015.

do que as repúblicas vizinhas, pois, ao menos no Uruguai e na Argentina, a guerra civil e a fragmentação territorial e estatal teriam atrasado os projetos de produção histórica institucional.

Essa circulação de ideias, com o envio e recebimento de livros, revistas, documentos e pessoas, entre os institutos e demais órgãos, na América Latina foi promovida em muitos casos por ministros do exterior e/ou diplomatas, envolvidos com o *Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. No ano de 1889, principalmente os do Chile e da Argentina se aproximaram não apenas intelectual, mas politicamente do instituto brasileiro.

Deste modo, podemos perceber a relevância do trabalho com revistas. Assim, faz-se necessário um estudo que vá além do sumário e seus conteúdos. Seguindo o método explicitado por Maria del Carmen Grillo⁵¹ foi feito um mapeamento da *RIHGB*, uma espécie de ficha técnica⁵² que nos permite caracterizá-la em diversos aspectos. Quarenta itens indicados pela autora foram identificados e auxiliaram no desenvolvimento da pesquisa e na elaboração deste trabalho. Estas indicações técnicas nos permitem compreender o funcionamento da revista e da instituição. A partir do conteúdo da ficha técnica foi possível produzir uma narrativa sobre o *Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, sua revista e o circuito percorrido pelo impresso, desde sua fundação até nossos dias.

O *IHGB* e sua publicação, por muitos anos, buscaram definir a forma como se deveria escrever a história e a geografia do país. Sua sobrevivência até a atualidade, demonstra que, mesmo inserida num contexto mais diversificado em abordagens como o do final do século XX e o século XXI, ela ainda possui certa relevância. É certo que as academias/universidades se tornaram as grandes produtoras e divulgadoras desses conhecimentos e, portanto, a *RIHGB* perdeu sua função de centralizadora, mas ainda trabalha compilando e publicando histórias. Veremos que em âmbito internacional ela também foi muito significativa, tanto no que diz respeito à França, quanto aos países vizinhos na América. Assim como fazia questão de enviar sua revista aos órgãos nacionais e internacionais, estes também o faziam enviando suas produções ao instituto que possui um arquivo rico graças a essas trocas intelectuais e culturais, comuns entre as revistas.

Nesse sentido, é possível perceber a importância de um estudo sobre os impressos, mais especificamente sobre as revistas, sem o qual, não seria possível caminhar em direção ao

⁵¹ GRILLO, María del Carmen. *El estudio de revistas como objeto historiográfico para la historia de las redes intelectuales*. In: COLOQUIO INTERNACIONAL DE HISTORIA Y CIENCIAS SOCIALES, 2010, Colima. Anais - Colima: Universidad de Colima, 2010.

⁵² A Tabela com os 40 itens está disponibilizada nos anexos deste trabalho.

objetivo central deste trabalho, esmiuçar as publicações em uma análise qualitativa que agora ganhará mais sentido.

1.2.1 *RIHGB*: UMA ANÁLISE TÉCNICA⁵³

Em 21 de outubro de 1838 o *IHGB* foi oficialmente fundado e em 25 de novembro do mesmo ano foram eleitos presidente; vice-presidente e diretor da comissão de história; vice-presidente e diretor da comissão de geografia; primeiro secretário perpétuo e diretor da comissão de estatutos, redação da revista, biblioteca e arquivo; segundo secretário; tesoureiro e diretor da comissão de fundos; orador; além dos membros de cada comissão. Haveria 50 sócios efetivos: 25 para a área de história e 25 para a de geografia. Sócios honorários e correspondentes eram ilimitados. Os associados pagavam 10.000 réis para entrar para o instituto e outros 3.000 semestralmente para ajudar nas despesas. Os sócios tinham direito a um exemplar da revista trimestral que, de acordo com o estatuto, teria cerca de 8 páginas confundindo-se com um folheto ou um jornal. Como poderemos ver o modelo foi outro.

Em um momento no qual os ideais positivistas franceses ganhavam força na Europa, surgiu no Rio de Janeiro, a então capital brasileira, o *Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* com os objetivos estabelecidos no Art. 1º do primeiro capítulo do Estatuto, mantidos até a atualidade. Ao descrever sobre “o fim e o objeto do instituto” o texto afirmava:

Art. 1º O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro tem por fim colligir, methodisar, publicar ou archivar os documentos necesarios para a historia e geografia do Imperio Brazil: e assim tambem promover os conhecimentos destes dous ramos philologicos por meio do ensino publico, logo que o seu cofre proporcione esta despeza. (*RIHGB*, 1839, PARTE I, p.18)

⁵³ Análise baseada na ficha técnica proposta por Maria del Carmen Grillo - GRILLO, María del Carmen. *El estudio de revistas como objeto historiográfico para la historia de las redes intelectuales*. In: COLOQUIO INTERNACIONAL DE HISTORIA Y CIENCIAS SOCIALES, 2010, Colima. Anais - Colima: Universidad de Colima, 2010. A Tabela construída seguindo as orientações da autora está disponível nos anexos deste trabalho e identificada como “Tabela 2 – Ficha técnica”.

Em 1839 tiveram início as publicações das revistas do *IHGB*, sendo a primeira revista dedicada, em grande parte, à legislação pertinente à sua criação. Já neste primeiro artigo, vê-se a necessidade expressa pelos idealizadores do *IHGB*, de uma coleta de documentos e de uma organização destes para que fosse possível elaborar uma história original, autônoma e nacional. Pode-se perceber também o desejo da utilização deste conhecimento, nas instituições de ensino público como uma forma de difusão e legitimação daquele imaginário, fazendo assim com que o alcance das histórias ali produzidas fossem transformando-as em uma memória oficial. “Imaginar” uma nação e fazer com que a história dela fosse contada e difundida era uma forma de controlar e tornar verdade, para toda uma geração, e para as seguintes, o que um grupo seletivo desejou que fosse o passado da nação. “A criação do *IHGB* [...] visava à construção dos referentes simbólicos em relação aos quais o ‘Brasil’ e o ‘brasileiro’ poderiam e deveriam ser pensados, garantindo-lhes tanto um passado quanto um futuro” (TURIN, 2013, p. 39).

Nesta primeira revista são apresentados os detalhes sobre as funções de cada integrante e o funcionamento do instituto. As finanças eram administradas pelo tesoureiro do *IHGB* que recebia do governo incentivos financeiros. Os sócios também pagavam para fazer parte do instituto e para manter os gastos do mesmo auxiliando na receita, juntamente com os valores arrecadados com as assinaturas da revista.

A sede inicial do *IHGB* foi a sala de sessões da Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional. Dois anos mais tarde foi transferida para o Paço da Cidade, onde se instalou em variados locais até que finalmente chegou ao local de sua sede atual. A coleção de revistas e documentos do instituto permanecem na Sede. As primeiras edições foram reimpressas, ou devido ao estado de conservação dos originais, ou por terem se esgotado as cópias. Desta forma, estão todas as edições disponíveis para consulta. O acervo foi digitalizado e está disponível⁵⁴ *on-line*⁵⁵. Além das revistas, o instituto disponibiliza uma série de outros documentos compilados durante os anos de sua existência - iconografias, mapas, revistas, notícias, entre outros - que podem ser consultados *on-line* e pessoalmente⁵⁶.

Apesar de se tratar de uma revista trimestral, no período referente ao recorte temporal deste trabalho, ela está disponibilizada em dois blocos anuais, aparentando ser semestral.

⁵⁴ Acesso ao arquivo do *IHGB*: <<https://www.ihgb.org.br/publicacoes/revista-ihgb/itemlist/filter.html?category=9&moduleId=147>>.

⁵⁵ Sua versão digitalizada está disponível para download até a publicação de número 472 referente ao período de jul. - set. de 2016, ano 177.

⁵⁶ O *IHGB* possui sala de leitura e biblioteca que atende pessoas do Brasil inteiro e do exterior, além de todas as edições das revistas do instituto brasileiro e dos institutos estaduais para consulta imediata.

Algumas das primeiras edições são disponibilizadas em apenas um arquivo anual. Porém, atualmente a revista segue com 4 publicações anuais disponibilizadas de forma trimestral como ela mesmo se identifica.

A *RIHGB* era impressa em formato de caderno brochura com número de páginas variável. O primeiro tomo de 1891, por exemplo tem 365 páginas; já o segundo 339; o primeiro tomo de 1889 tem 534 páginas e o segundo 578; o primeiro tomo de 1890 tem 354 páginas e o segundo 676.

O formato da revista não apresenta colunas, sendo impressa, quase sempre, com os títulos centralizados e os textos justificados com margens largas, excetuando-se as listas que, por vezes, se apresentavam em organizações semelhantes a tabelas com a existência de colunas e linhas. A ornamentação é quase nula, aparecendo apenas em letras de títulos e subtítulos ou na separação entre os conteúdos. Essa questão evidencia o caráter edificante atribuído à *RIHGB* que era vista por seus idealizadores como uma revista “científica” e, portanto, destinada a leitores específicos e a um tipo de leitura considerada, por seus artífices, mais séria ou “superior”, conforme tem chamado atenção as pesquisas sobre história da leitura.

A *RIHGB* é basicamente textual, porém, a capa de todas as edições apresenta uma imagem representativa dos ideais do instituto. Essa ilustração da capa variou com o passar dos anos como poderemos ver nos exemplos a seguir.

As primeiras capas apresentavam a seguinte imagem:

Imagem 3: Ilustração presente nas capas das primeiras revistas do *IHGB*

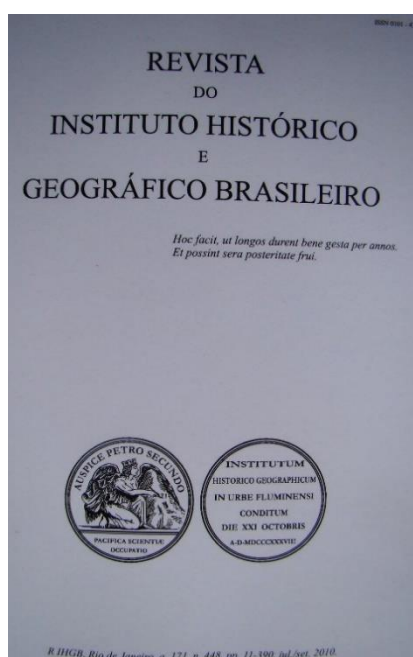


Esta imagem corresponde aos interesses da geografia (globo) e da história (documentos e livros). Predominava na época, e até nossos dias, a ideia de uma suposta superioridade das sociedades que dominavam a cultura escrita em relação aos povos ditos ágrafos ou de

predominante oralidade. Dessa forma, o conhecimento era atrelado quase que exclusivamente à escrita e simbolizado pelo papel.

Houve outros símbolos para as capas com o passar dos anos, até que com a Proclamação da República a ilustração da capa passa a homenagear Dom Pedro II e a data da fundação do *IHGB*. A ilustração, que já havia aparecido anteriormente, tornou-se fixa. A ilustração representa um ser alado que escreve em uma pedra o número 21, correspondente ao dia 21 de outubro no qual foi fundado o *IHGB*. Este selo ainda é utilizado na *RIHGB*.

Imagem 4: ilustração presente nas revistas do recorte temporal até a atualidade



A *RIHGB* apresenta sumário simples sem indicação de seções. Apenas exhibe o conteúdo da revista com os títulos dos artigos e a paginação, sem necessariamente se organizar por assunto. Em alguns casos a revista é comemorativa, apresentando assim um caráter temático em formato de Dossiê que domina parte da publicação. Esse foi o caso da revista do primeiro semestre de 1890 que comemora o centenário de Cláudio Manuel da Costa, por exemplo. Nela, são narrados os eventos decorrentes do centenário, bem como os discursos dos membros em homenagem ao “1º mártir da independência” de acordo com Joaquim Norberto de Souza e Silva, então presidente do *IHGB*, em seu discurso de abertura. Além de serem recitados trechos de suas obras. Como não apresenta seções, cada revista vem com uma disposição diferente, ficando fixas apenas as atas das reuniões apresentadas sempre no final do último número da revista em cada ano.

A revista era distribuída para todos os sócios e para centenas de instituições do Brasil e do mundo, podendo também ser assinada. No balanço ocorrido em 1890, a receita cita 112.000 réis decorrentes da venda e assinatura da revista trimestral, porém, o valor da venda de capa e da assinatura individual não foi mencionado. As vendas avulsas também não foram especificadas, não existindo preço de capa disponível nos documentos consultados⁵⁷.

A tiragem da revista era variável de acordo as necessidades de cada período. Em 1856, por exemplo, a tiragem era de 500 exemplares. Devido à necessidade de reedições dobraram a tiragem em 1876. Em 1890, o balanço financeiro dá conta da impressão de 1.000 exemplares do segundo tomo da revista de 1889. Após a Proclamação da República, a verba para a instituição foi drasticamente reduzida e para manter o funcionamento houve doações, e também a necessidade de realizar empréstimos para publicar. Atualmente a tiragem da revista chega a 700 exemplares e, mesmo com o aumento do público, as tiragens não são tão altas graças ao acesso *on-line*, o que permite que várias pessoas possuam a revista sem a necessidade de emitila em papel.

Entre 1889 e 1891, início do meu recorte temporal, o presidente do instituto era Joaquim Norberto de Souza e Silva, que faleceu em maio de 1891. Apesar da inexistência de uma seção para o editorial, o presidente sempre se pronunciou durante às reuniões e o que era dito era publicado nas atas. Assim, percebe-se um caráter monárquico e bajulador em relação a Dom Pedro II, o que não ia necessariamente de acordo com o que todos os membros pensavam naquele período de transição. Neste sentido, a revista era monárquica, pautada em um modelo de escrita de inspiração francesa; porém, havia membros republicanos, americanistas e com os mais diversos interesses, que não deixaram de ser ouvidos e nem de publicar.

O presidente seguinte, Olegário Herculano d'Aquino Castro, foi notavelmente menos parcial. Entre 1890 e 1894 Aquino de Castro era ministro e chegou a se tornar presidente do Supremo Tribunal de Justiça, além de ocupar a presidência do *IHGB*. Nos últimos anos deste recorte temporal é possível perceber uma transformação na revista, que passa a apresentar artigos menores e em maior quantidade e a realizar reuniões mais objetivas. Organiza inclusive o formato das atas que passam a exibir, de forma mais metódica e sistematizada, o balanço anual, os sócios e uma série de outras informações como notas, aditamentos, expedição de

⁵⁷Atualmente alguns itens estão à venda, geralmente edições especiais da revista ou livros de autores membros e podem ser comprados, inclusive, pelo site do instituto.

diplomas, locais para onde se envia a revista, em formato de anexo ao final da publicação. Veja o exemplo a seguir onde são comparados os índices das revistas de 1889 e 1892.

Imagem 5: Índice da *RIHGB* de 1889 – 2ª parte.

	PAGS.
Vida do padre Estaniislão de Campos, da Sociedade de Jezus.....	5
Historia de uma viagem feita á terra do Brazil, por João de Leri.	111
Actas das sessões em 1889.....	373
Eleição da meza administrativa e commissões para o anno de 1890.....	547
Medalha commemorativa da lei de 13 de Maio de 1888.....	551
Socios admittidos em 1889.....	559
Socios falecidos em 1889.....	590
Relação nominal dos socios do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, em 31 de Dezembro em 1889.....	561
Relação das sociedades nacionaes e estabelecimentos publicos, para os quaes se envia a Revista Trimensal.....	569

Imagem 6: Índice da *RIHGB* de 1892 – 2ª parte.

DAS

MATERIAS CONTIDAS NO VOLUME LV

PARTE SEGUNDA

	PAGS.
Memoria apresentada ao Instituto Historico e Geographico Brasileiro em 10 de Outubro de 1890 para ser lida depois da morte do Imperador o Sr. D. Pedro Segundo.....	1
Paterfamilias no Brazil nos tempos coloniaes.....	15
Dom Francisco de Mello Manoel da Camara, governador e capitão general do Maranhão. Alguns traços de sua vida, suas eccentricidades e violencias e seus despachos. (Historia do Maranhão)	25
Historia das mais importantes minas de ouro do estado do Espirito Santo.....	35
D. Beatriz de Assis. Mais algumas paginas para as Brasileiras celebres.....	50
Notas sobre o finado Barão de Macahubas.....	79
Vocabularios indigenas coordenados por Eduardo Arthur Socrates. Um atomo da Historia patria. Historico da Sociedade Amante da Instrucção.....	87
Instrucção publica nos tempos coloniaes do Brazil.....	97
Alguns dias na Paulicéa.....	141
Circular do governo imperial sobre a lei de libertação do ventre escravo.....	159
Actas das sessões de 1892.....	259
Sessão magna anniversaria do Instituto Historico e Geographico Brasileiro.....	361
Discurso do Presidente do Instituto Historico.....	425
Relatorio dos trabalhos annuaes de 1891 e 1892.....	426
Elogio dos socios falecidos desde 15 de Dezembro de 1890 até igual data de 1892.....	436
Sessão da eleição da Meza administrativa.....	453
Lista dos socios do Instituto Historico e Geographico Brasileiro.....	540
Socios admittidos em 1892.....	543
Socios falecidos em 1892.....	551
Relação das sociedades nacionaes e estabelecimentos publicos, para os quaes se envia a <i>Revista Trimensal</i>	552
Sociedades e estabelecimentos literarios no exterior, a quem o Instituto Historico remette a <i>Revista Trimensal</i>	553
Expedição de diplomas em 1892 a diversos socios.....	557
	561

O formato das publicações foi mantido apesar das transformações tecnológicas nos métodos de impressão que mudaram a própria imprensa. A periodicidade de suas publicações também se manteve. Houve algumas exceções no que diz respeito ao funcionamento do *IHGB*, como por exemplo, um fechamento durante os anos finais do governo de Floriano Peixoto, por ocasião de um conflito político-militar. Porém, a revista nunca deixou de ser publicada.

Após uma análise técnica da *RIHGB* e de uma breve interpretação sobre a história dos intelectuais, chega o momento de conhecer esses membros e seus objetivos quanto à história que difundiam. Qual era a ideia de nação desses sócios? Mais ainda, que identidade esses sócios queriam que o Brasil transparecesse ao mundo e, mais especificamente ao seu continente?

1.3 OS INTELLECTUAIS DO *IHGB* E A IDENTIDADE NACIONAL/REGIONAL

Início este subtítulo parafraseando Benedict Anderson em sua definição de nação. “Dentro de um espírito antropológico, proponho a seguinte definição de nação: uma comunidade política imaginada – e imaginada como sendo intrinsecamente limitada e, ao mesmo tempo, soberana.” Limitada porque possui fronteiras. Soberana porque o Estado tem o controle sob a liberdade. E, por fim, “comunidade porque, independentemente da desigualdade e da exploração efetivas que possam existir dentro dela, a nação sempre é concebida como uma profunda camaradagem horizontal” (ANDERSON, 2008, p. 32-34). Assim sendo, podemos concluir que a nação é uma criação humana. É por meio dessas reconstruções imaginadas, que os sujeitos legitimam a sua existência e seus feitos, e é por meio dessas mesmas representações que são arquitetados os “projetos de nação”, desde seus mitos de origem até a identidade nacional. É importante compreender a criação da história das nações como uma, ou várias, interpretações sobre acontecimentos considerados importantes para a memória de um povo, sendo a história seletiva e disforme. Neste sentido, de acordo com Anderson, a nação e o nacionalismo são criações imaginárias de pertencimento.

Ela (a nação) é imaginada porque mesmo os membros da mais minúscula das nações jamais conhecerão, encontrarão, ou sequer ouvirão falar da maioria de seus companheiros, embora todos tenham em mente a imagem viva da comunhão entre eles. (ANDERSON, 2008, p. 32)

O que distingue uma “comunidade” de outra é a forma como ela é imaginada, como ela pretende ser vista e reconhecida pelos que pertencem a ela e pelas demais “comunidades”. Neste mesmo sentido, o *Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, o *IHGB*, pode ser interpretado como um lugar de construção de um imaginário nacional.

Tendo como propósito a interpretação do passado e a criação de uma identidade para o brasileiro, o instituto e sua revista tiveram como grande financiador e colaborador o Imperador Dom Pedro II, que participava assiduamente das reuniões.

Logo em sua fundação, em 1838, as elites, tanto literária, quanto política e econômica, do Rio de Janeiro se associaram ao instituto, e foram estes os “criadores” da nossa história. “Imaginar” a história de um país, no sentido atribuído por Anderson, discursar sobre a sua origem, escrever como as coisas aconteceram “na realidade” e qual seria a sua formação, nos parece algo um tanto pretensioso, mas era essa a tarefa assumida pela *RIHGB* e seus membros.

Estes intelectuais/letrados, membros do instituto, seriam homens do Estado que orbitavam a Corte (GONÇALVES, 2012, p. 210). Nesta mesma direção, Schwarcz afirma que “financiados pelo Imperador, ou pelos próprios sócios, os institutos caracterizaram-se mais como sociedades da corte, especializados na produção de um saber de cunho oficial” (SCHWARCZ, 1993, p. 100).

Além da posição político-social havia outro ponto de identificação entre esses letrados. O fato de terem estudado já seria aglutinante por si só em uma sociedade de maioria analfabeta. Mas, a formação jurídica realizada em Coimbra, ou em algumas capitais teria aproximado ainda mais seus modos de pensar. Havia uma espécie de homogeneidade no discurso dessa elite com valores inculcados desde sua formação. Alguns chegaram a ser colegas de estudo. Isso, de acordo com Sérgio Campos Gonçalves, teria sido peça-chave no desenvolvimento e na difusão da política cultural do Império com uma perspectiva pedagógica e civilizadora da história sobre a política e a administração pública (GONÇALVES, 2012, p. 213). Dessa forma, a fundação do *IHGB* e a sua composição estariam diretamente ligadas à proteção da monarquia constitucional e à manutenção de suas características básicas, o latifúndio, a escravidão, o voto censitário e o padroado. Toda e qualquer transformação nessa estrutura que defendiam não era vista, ou comentada, pelos sócios do *IHGB* como ruptura, e sim como uma espécie de necessidade evolutiva (GONÇALVES, 2012, p. 214). Nesta pesquisa, isso pode ser nitidamente percebido tanto no que diz respeito à abolição da escravidão, quanto à Proclamação da República.

Apesar da aparente homogeneidade trazida pela formação, classe social e participação do mesmo circuito cultural, defendida por Sérgio Campos Gonçalves, e notável em relação à alguns acontecimentos, a perspectiva da heterogeneidade sobressai ao analisarmos os diversos pontos de vista descritos pelas atas das seções em seus microclimas⁵⁸. As posturas

⁵⁸ Entende-se por microclimas, as relações de afetividade e pluralidade que podem ser notadas no âmbito relacional. Expressões de pessimismo e otimismo em relação à alguma discussão; defesas calorosas de um determinado ponto de vista enquanto outros assumem uma postura mais passiva; as relações de proximidade e de distanciamento entre os próprios membros e/ou entre os indivíduos de outros “lugares” e circuitos culturais. São apenas exemplos do que podemos interpretar por meio do conceito de microclimas.

políticas e ideológicas dos membros Joaquim Norberto de Souza e Silva e Tristão de Alencar Araripe, por exemplo, nos demonstram a existência dessa heterogeneidade e a convivência entre esses intelectuais que contribuíram de forma ativa e efetiva para a composição das revistas do instituto. Esta pesquisa valoriza a individualidade contribuindo para o todo. Vejamos algumas características desses dois intelectuais/membros do *IHGB* para compreendermos melhor essa questão.

Joaquim Norberto publicou em diversos jornais e revistas, na Revista *Minerva Brasiliense* e na Revista *Popular* (periódicos literários) principalmente, seus trabalhos sobre literatura brasileira, geralmente poemas e cantos épicos, mas também alguns artigos sobre a história da literatura muito significativos, como o Estudos sobre a literatura brasileira durante o século XVII. Sua trajetória demonstra o apego à arte de escrever, seja teatros, romances, contos, novelas, biografias ou poesias. Alguns de seus títulos deixam à mostra as identidades que o definem, por exemplo, *Vindo de Paris* (romance e novela), *O Brazil* (poesia), *O berço livre* (poesia), *Chile e Brazil* (poesia), poesia à inauguração da estátua equestre do fundador do Império (poesia). Nesta ordem, é possível interpretar a influência francesa na cultura e historiografia brasileira, o patriotismo, o sentimento abolicionista e o reconhecimento da necessidade de melhorias e adaptações no Império, as relações do Brasil com o restante da América Latina e finalmente a devoção ao Império e ao monarca.

Tristão Alencar Araripe, influenciado pela carreira de jurista, teve grande parte de seus escritos dedicados, ou utilizando como base, ao direito. Sobre suas publicações em jornais e revistas, eram geralmente relativos à política local do Ceará. Sempre voltados para a legislação ou para os movimentos políticos e administrativos, algumas vezes, também em caráter nacional ou continental. Alguns títulos de suas obras demonstram as identidades assumidas por este intelectual. *Código Civil Brasileiro*, *Movimento Colonial da América*, *Primeiro Navio Francês no Brasil*, *Primazias do Ceará* e *A Questão Religiosa*. Nesta ordem, Tristão aparece como jurista, busca uma aproximação com a América Latina via origem colonial, faz referência à França (sempre presente), demonstra dedicação à história provincial e ao regionalismo (antes mesmo do nacionalismo, muitas vezes) e ainda deixa transparecer a influência religiosa que sofria. Publicou no *Jornal Diário do Rio de Janeiro* (jornal comercial, porém com referência à política) e também no *Diário de Pernambuco* (muitas vezes censurado, por tratar da história pernambucana, nacional e mundial em suas páginas).

Podemos perceber com essa breve descrição de dois dos intelectuais/membros do IHGB, que existia uma heterogeneidade nas posturas políticas e ideológicas e forma de se escrever a história.

Sócios correspondentes eram abundantes no IHGB. Havia também os sócios honorários, pessoas importantes que não poderiam mais exercer suas funções pela idade e ou incapacidade, e eram homenageadas fazendo parte do instituto. Os sócios beneméritos eram os sócios financiadores ou colaboradores. Este cargo foi criado logo após a Proclamação da República para agregar pessoas que pudessem ajudar a pagar as contas, já que o governo republicano não seria tão generoso quanto o antigo Imperador.

Não seria razoável pensar que naquele contexto, o *IHGB* fosse algo inédito ou que tivesse uma origem autônoma. Alguns anos antes, em 1833, fora fundado o Instituto Histórico de Paris, por Eugene Garay de Monglave e, assim como este, outros institutos voltados para a produção intelectual, histórica e moral, incentivadas por Guizot, historiador e então ministro da Instrução Pública na França⁵⁹. Assim como o brasileiro, o instituto parisiense surgiu das novas demandas sociais e da necessidade de reforçar a identidade nacional. Para os intelectuais franceses era imprescindível a legitimação do novo governo monárquico de 1830, como afirma Guimarães,

O passado será preocupação por excelência deste novo regime, voltado para fundar em tempos remotos a legitimidade de uma criação recente: a Nação francesa saída da Revolução de 1789. O rei é agora o rei dos franceses, tornando-se imprescindível que estes mesmos franceses tenham e conheçam a sua história, ocupação acadêmica a ser administrada pelo Estado, mas também tarefa política com relação aos usos do passado. (GUIMARÃES, 2002, p.185)

A presença de uma monarquia na França pouco tempo depois da Revolução Francesa, precisaria de muito mais do que uma justificativa divina ou hereditária para se manter no poder. A arma escolhida por este rei francês, Luis Filipe I, foi a história. Ciente da relevância da história enquanto ciência para a consolidação de uma identidade nacional, priorizou-se neste governo uma busca pelas origens da nação para que estas reestabelessem a unidade francesa abalada pela turbulência social e política do final do século XVIII. Por intermédio do incentivo às pesquisas e às produções históricas desejava-se trazer aos franceses o conhecimento de uma

⁵⁹ Cargo que alternou com outros ministérios, fazendo mudanças significativas na educação de 1830 a 1848.

história de vitórias a serem comemoradas, de derrotas que serviriam de exemplo, retratando “os grandes homens” e “os grandes eventos”, cuja moral e as conquistas deveriam servir de orientação na reconstrução da identidade nacional, governamental, francesa.

Além do conhecimento sobre o próprio país, o Instituto Histórico de Paris almejava ser o centro do “conhecimento mundial”, um modelo de civilização, incentivando a existência e participação de outras instituições e membros correspondentes internacionais, para que, obtendo “as histórias” dos outros países e reunindo as informações nelas contidas, fosse possível criar uma história de caráter universal, uma história total, refletindo o regime de historicidade da época vinculado às ideias iluministas.

Seu projeto universalista pressupunha ainda que a instituição deveria constituir uma rede internacional com sociedades congêneres de forma a viabilizar esta escrita de uma história com pretensões verdadeiramente universais: “Tendo sido fundado o Instituto Histórico com um sentido geral de utilidade, a primeira condição de sua existência é de ter em todos os países membros que possam apoiar e incentivar seus esforços”. Como parte deste projeto pode-se compreender o interesse do Instituto Histórico de Paris em manter relações com o IHGB a partir de sua fundação, que passava assim a integrar uma vasta rede de associações culturais e de membros correspondentes espalhados pelo mundo. (GUIMARÃES, 2002, p. 192)

Foi seguindo o modelo e o incentivo deste “centro natural da ciência”, de preocupação com a história nacional e com a construção de uma identidade patriótica, que foi fundado o *IHGB* pela Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional.

As identidades dos intelectuais do instituto brasileiro neste momento eram, no geral, marcadas pela existência de uma rede de sociabilidade monárquica que tinha como orientação a política e o Estado, e era liderada pelo imperador ilustrado. É preciso lembrar que apesar de ter sido fundado durante o período regencial no Brasil, em 1838, o *IHGB* recebeu Pedro de Alcântara como seu patrono em 1839, antes mesmo de ser declarado maior de idade e coroado como imperador, em 1840 e 1841, respectivamente. Analisando os perfis dos 27 membros fundadores do instituto, é possível perceber que 22 destes ocupavam alguma posição de destaque na hierarquia interna do Estado. Essa constatação nos permite identificar “a história da corte como a história da nação” (SCHWARCZ, 1993, p. 101). Os membros do *IHGB* eram uma combinação de políticos, servidores públicos e literatos próximos à Corte. Estes indivíduos, assim como a instituição criada, almejavam a legitimação e consolidação do sistema imperial e a consagração como elite central do poder nacional por meio do domínio da

historiografia. De acordo com Rodrigo Turin, “[...]o saber histórico era formado tendo em vista a reconstrução de um processo civilizador, focalizando na consolidação do estado e na centralização monárquica[...]” (TURIN, 2013, p. 38).

A importância da criação do instituto para a produção histórica se deve à reunião de indivíduos com o mesmo objetivo: escrever a história do Brasil, que anteriormente era produzida de forma dispersa e pouco ou nada legitimada, para só então publicarem seus trabalhos de forma sistemática. Segundo Schwarcz, “[...] as reuniões do IHGB ocorriam aos domingos – revelando o caráter dileitante desse trabalho -, apenas alguns sócios faziam dessa atividade um empreendimento mais do que amador.” (SCHWARCZ, 1993, p. 106) O recrutamento de membros, fugindo às regras acadêmicas, era um espelho das redes de sociabilidade que uniam os intelectuais marcados pelos jogos de interesses voltados, naquele momento, para o contexto imperial brasileiro e suas peculiaridades. O recrutamento “se pautava mais por determinantes sociais do que pela produção intelectual.” (SCHWARCZ, 1993, p. 101) Mesmo com as contestações sobre a idoneidade dos fatos narrados pela *RIHGB*, a produção continuou sem perder relevância como a história oficial do país.

Predominou entre esses intelectuais uma escrita histórica metódica, dita positivista, baseada nos ideais de progresso, de evolução e de civilização tomando como centro de referência a Europa, seus costumes, ideologias e produções intelectuais. Essa abordagem fazia com que os intelectuais tratassem as fontes como inquestionáveis e a sua forma de escrever a história estava ligada principalmente à descrição dos documentos feita por meio do distanciamento (ilusório) do pesquisador que os estudava⁶⁰. Para aqueles indivíduos, bem como para parte dos intelectuais do século XIX, o importante não era buscar compreender o que estava por trás dos documentos, das assinaturas, ou dos momentos em que haviam sido produzidos. Tudo o que estava escrito deveria ser, obrigatoriamente, “verdade”. Esse modelo, porém, não era um padrão estético, sendo mais um guia na produção, quase sempre presente nas obras. Sabe-se que, apesar da pretensão de se escrever a história pautada nestes métodos, toda história leva consigo parte do historiador e do tempo em que foi escrita, ou seja, toda história sofre intervenções e, portanto, perde o caráter de neutralidade defendido por eles. Neste sentido o estudo do “olhar” destes intelectuais sobre o passado torna-se fecundo.

As diversas representações imaginadas sobre a realidade pelos intelectuais detentores do poder de criar uma história para a nação, acabaram por se solidificar transformando em

⁶⁰ REIS, José Carlos. *A História entre a Filosofia e a Ciência*. 3ª ed. 1ª reimpr. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

história a “verdade” defendida por estes indivíduos. As origens em comum, utilizadas para a elaboração dessa história, fazem com que os indivíduos se identifiquem uns com os outros e isso cria uma unidade entre eles, o que chamamos identidade nacional. Para Baumam, “cuidadosamente construída pelo Estado e suas forças, a identidade nacional objetivava o direito monopolista de traçar a fronteira entre o ‘nós’ e o ‘eles’.” (BAUMAM, 2005, p. 28) Seria uma forma de demonstrar as especificidades, qualidades e potencialidades de uma nação buscando nos indivíduos que pertencem a ela uma razão para se orgulhar e um motivo para honrá-la e defendê-la, quando e se necessário, perante o outro.

Podemos constatar, por meio das narrativas desses autores, a afirmação de Anderson sobre a imaginação das comunidades e sobre a construção de um discurso de unificação pautado em interesses políticos e institucionais. Porém, os projetos de criação de uma identidade nacional elaborados pelos intelectuais/letrados do IHGB esbarrariam em uma realidade de conflito e fragmentação por ocasião da Proclamação da República. A relativa estabilidade a qual os sujeitos estavam adaptados estaria se dissolvendo, e a liquidez desse contexto teria trazido à tona a existência “[...] não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias[...]”. (HALL, 2006, p.12)

A atuação desses letrados do *IHGB* era baseada na sistematização das informações, na rigidez no tratamento dado às fontes, na preocupação com a verdade na produção escrita, na busca e no arquivamento de documentos sobre a história do Brasil, o que se mostrou importantíssimo para a escrita da história. Porém, após a Proclamação da República, essa forma de se escrever a história renegava o presente republicano em busca de um futuro que se espelhasse no passado monárquico, quando estes intelectuais haviam se legitimado. Para muitos daqueles intelectuais, o presente deveria deixar de existir para que o futuro, espelhado no passado almejado, viesse à tona.

Os regimes de historicidade se alteram, e com eles, as maneiras de se escrever a história. Isso se deve à temporalidade em que estão inseridos os agentes construtores da história, quais as suas pretensões e de que lugares escrevem⁶¹.

As revistas publicadas pelo instituto neste período recém-republicano e as atas das reuniões impressas nestas são o cerne dessa pesquisa que busca na produção intelectual em questão indícios que levem à compreensão das aproximações intelectuais culturais realizadas

⁶¹ HARTOG, François. *Regimes de Historicidade: presentismo e experiências do tempo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

com, e pelo, *IHGB* no período dos governos de Deodoro da Fonseca e Floriano Peixoto, no pós-Proclamação da República, e de que identidade nacional se tentava criar na “fase mais turbulenta de sua existência” política (CARVALHO, 1987, p.15).

De acordo com Schwarcz, após a Proclamação da República há uma continuidade dos preceitos monárquicos. A revista continua a exaltar Dom Pedro II, inclusive por meio de selo impresso na capa da revista, que, como já vimos, a partir de 1889 passou a levar o nome do antigo Imperador. Seria difícil negar a relação existente entre a instituição e o regime recém-abolido. O discurso historiográfico estava intimamente ligado ao projeto político monárquico. Muitos dos membros do instituto faziam parte do corpo burocrático dissolvido pelo novo governo, e isso colocava em xeque a manutenção do instituto. O *IHGB*, como já foi dito, chegou a fechar suas portas por um período de cinco meses. A Revolta Armada e a disputa entre monarquistas e republicanos levaram ao fechamento do *IHGB* entre 11 de agosto de 1893 e 15 de janeiro de 1894. De acordo com o que foi relatado na revista em 15 de janeiro de 1894, balas teriam atingido o instituto por mais de uma vez e seria perigoso frequentar as reuniões à noite. Após o retorno, depois desses cinco meses, as reuniões passaram a ocorrer no período da tarde, ao meio-dia ou às 13 horas. É evidente que se o conflito existia fora das paredes do instituto ele não deixou de acontecer também em seu interior, por vezes disfarçado, por vezes nítido, analisando-se os microclimas.

Seu principal defensor e mecenas estava no exílio e sua forma de escrever a história, sem serventia aos novos governantes e ao novo regime de governo. Os conflitos ideológicos que explodiam por todo o país não deixaram de acontecer dentro das paredes do instituto. Era necessário sobreviver, mesmo que por meio de estratégias de negociação. Muitos membros se tornaram defensores do Novo Regime e alguns sócios mais atuantes, mesmo com ideias opostas, traziam consigo o discurso da submissão. Tristão de Alencar Araripe, por exemplo, - tesoureiro e sócio atuante - passou a defender abertamente a República e a nova ordem vigente, enquanto Joaquim Norberto de Souza e Silva, notório monarquista, - então presidente do *IHGB* - assumiu uma postura de neutralidade. Ainda assim, o clima tenso só se atenuou com o ingresso de representantes republicanos, ministros, governadores e senadores às cadeiras do *IHGB*. Assim, duas questões foram sanadas. O governo voltaria a financiar o instituto, e a produção historiográfica e os saberes deste último lhes seriam oferecidos como aliados. O *IHGB* era mais um espaço/instrumento de construção do Estado, e assim permaneceu.

No Brasil, o que se produzia legitimava a importância de determinado grupo étnico ou social definindo um padrão comportamental, ou seja, era feito por e para um grupo específico

e privilegiado, buscando aceitação e difusão dessas ideias. A escrita da história era relevante ao ponto de pensarem que as palavras dos historiadores eram verdades que poderiam ser utilizadas como forma de controle social, domesticação.

Produzir um sentido, domesticando-o pela palavra do historiador, constituiu-se na tarefa por excelência destes historiadores, quer na sua prática mais associada ao que se consagrou denominar “amadora”, quer na sua versão mais profissional. A disputa implicou em vitória de uns, que no mesmo movimento começam a escrever a sua história nomeando o seu outro. (GUIMARÃES, 2002, p. 198)

A história é poder nas mãos do seu imaginador, que lapida as arestas de seu discurso de forma a alcançar os objetivos propostos pelo mecenas que a encomendou. O historiador seleciona o que deseja contar, o que deseja que os outros saibam e assim, faz uma história nada imparcial. A versão imaginada pelo historiador, conscientemente ou não, está diretamente vinculada a um tempo, a uma visão de mundo, a questões sociais, políticas e institucionais, à aprovação de seus pares e outras variantes. Além disso, o leitor toma para si essa versão imaginada pelo autor e a transforma de acordo com seu próprio conjunto de ideias. Dessa forma, a análise dos discursos dos intelectuais/letrados membros do *IHGB* e suas pretensões no que diz respeito à elaboração de uma identidade para a nação se torna relevante para a nossa pesquisa, bem como a recepção da mesma pelos intelectuais de outras instituições similares pela América.

Parte dos historiadores revistos para a elaboração deste trabalho argumenta sobre uma aproximação entre a intelectualidade brasileira e a europeia neste período, afirmando que os brasileiros estariam distantes dos hispano-americanos. É impossível negar que o Brasil tenha se aproximado da França, por exemplo. A França, como podemos perceber, era um modelo a ser seguido, principalmente no que tange à intelectualidade, às ciências e às artes. A fundação do *IHGB* seguindo o modelo do IHP, Instituto Histórico de Paris, é apenas um exemplo. Além disso, a admiração de parte dos intelectuais brasileiros pelo modelo político de constitucionalismo e de federalismo norte-americano, teria distanciado o Brasil do restante da América conhecida como Latina, inclusive e principalmente, nos dias de hoje. Porém, as fontes deste trabalho demonstram que um dado não elimina outro, pelo menos nas intenções e nas proclamações de aproximação com os vizinhos hispano-americanos, no período em estudo.

Com a Proclamação da República no Brasil, a relativa solidez e segurança enfraqueceram e as identidades puderam ser mais nitidamente observadas dentro do *IHGB*. Não se pretende aqui negar a aproximação da intelectualidade brasileira com a europeia, nem tampouco com a norte-americana, pretende-se apenas relativizar a distância desses mesmos intelectuais em relação à sua identidade no que se convencionou chamar de América Latina. Isso será possível porque é notável a heterogeneidade existente entre os sócios do *Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. E é ainda mais notável o fato de não existir um editorial forte que delimite os conteúdos e apare as arestas dos discursos desses intelectuais. Assim, em uma mesma publicação é possível enxergar convergências e divergências, os microclimas existentes entre os integrantes de um grupo ou rede de sociabilidade. É ainda mais evidente quando analisamos as atas das reuniões do instituto, onde são impressas as opiniões de cada sócio/intelectual e onde ocorrem encontros, visitas ilustres e, como veremos, nítidas aproximações entre instituições e intelectuais nacionais e estrangeiros.

Nos próximos capítulos serão realizados estudos individuais sobre cada uma das publicações que possam trazer informações sobre as identidades ligadas aos diversos americanismos⁶², fichando-as e analisando-as em busca dos ideais de nação pretendidos pelos intelectuais do *IHGB*. Além das análises dos artigos, serão priorizados os estudos das atas das reuniões para mapear as heterogeneidades e os microclimas existentes nos discursos dos intelectuais pertencentes a esta rede de sociabilidade⁶³. Assim, será possível estabelecer uma interpretação quanto às aproximações diplomáticas culturais/intelectuais entre os integrantes da América.

⁶² Utilizando as perspectivas de Eugênio Rezende de Carvalho em seu artigo “Ideias e identidades na América: quatro visões”; Arturo Ardao em seu artigo “Panamericanismo y Latinoamericanismo”; Leslie Bethell em seu artigo “O Brasil e a ideia de “América Latina” em perspectiva histórica”; e outros autores.

⁶³ SIRINELLI, Jean-François. *Os intelectuais*. In: RÉMOND, René. *Por uma história política*; tradução Dora Rocha – Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003. p. 237.

CAPÍTULO 2

IDENTIDADES DO BRASIL VIA *IHGB*: OS DIVERSOS AMERICANISMOS

O Brasil é um país que se destaca dos demais da América. Seja por seu tamanho, por sua diversidade, ou por sua língua, entre outras peculiaridades, e pode parecer complicado incluir o Brasil em algum grupo, de forma coerente, sem utilizar apenas a questão geográfica como fundamento. O que veremos é que muitos tentaram pensar essa identidade brasileira fora de um nacionalismo individualista, incluindo o Brasil de forma mais ou menos harmônica em conjuntos mais amplos de países ou culturas. Os “ismos” dos quais o Brasil fez ou faz parte, são essenciais para a compreensão da forma tomada pela identidade brasileira nas mãos dos intelectuais/letrados do *IHGB*. Uma questão importante para este trabalho está vinculada ao seguinte questionamento, “ser ou não ser América Latina”? Apesar de existirem muitas discussões sobre o assunto, elas são pouco conclusivas. Muitos autores se referem ao Brasil como integrante do que ficou conhecido como América Latina, outros limitam essa definição aos países de colonização espanhola, mas esse é um conceito que merece ser estudado e mais bem compreendido.

Neste capítulo serão trabalhados os conceitos/termos “americanismo”, “hispano-americanismo”, “íbero-americanismo”, “indo-americanismo”, “latino-americanismo” e “pan-americanismo”. O objetivo aqui é, além de conceituar, realizar um mapeamento, dentro do recorte temporal deste trabalho (1889-1894), dos discursos que se identificam com cada uma dessas perspectivas na revista do *IHGB* e nas atas das reuniões do instituto. Para tanto, foi realizada uma análise quantitativa e qualitativa sobre o conteúdo da revista, avaliando os conteúdos dos artigos publicados e das discussões nas reuniões do instituto, descritas nas atas, como veremos mais adiante.

Para realizar uma discussão historiográfica significativa sobre a temática, utilizamos autores que trabalham a ideia de identidade ligada aos termos aglutinantes aqui citados. Kátia Gerab Baggio⁶⁴, Maria Lígia Prado⁶⁵, José Murilo de Carvalho⁶⁶, Alain Rouquié⁶⁷, Fernando

⁶⁴ BAGGIO, Kátia Gerab. *A “outra” América: A América Latina na visão dos intelectuais brasileiros das primeiras décadas republicanas*. São Paulo: Tese USP, 1998.

⁶⁵ PRADO, Maria Lígia Coelho. *O Brasil e a distante América do Sul* (art. Revista de História da USP - n. 145, São Paulo, dez. 2001).

⁶⁶ CARVALHO, José Murilo de. *Brasil: outra América?* In: *Pontos e Bordados – Escritos de História e Política*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

⁶⁷ ROUQUIÉ, Alain. *O Extremo-Occidente: Introdução à América Latina*. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 1991.

Vale Castro⁶⁸, Arturo Ardao⁶⁹, Luis Alberto Sánchez⁷⁰, Leopoldo Zea⁷¹ Eugênio Rezende de Carvalho⁷², João Feres Júnior⁷³ e Leslie Bethell⁷⁴, e suas perspectivas em relação à identidade latino-americana, são referências importantes no desenvolvimento deste capítulo⁷⁵.

2.1 A AMÉRICA NAS PÁGINAS DA *RIHGB*

No decorrer das leituras realizadas para a elaboração deste trabalho, nos deparamos com diversos termos utilizados para definir o Brasil na América. Em alguns momentos percebemos a intenção de incluir, em outros de separar, e como veremos na tabela a seguir não existe uma uniformidade nos discursos. Vejamos então, como os intelectuais/letrados do *IHGB* se identificavam, ou identificavam a América, e também como outras nações nos identificavam, nas páginas da revista do instituto e durante o recorte temporal em questão.

Tabela 3 – América: Conceitos e termos

MAPEAMENTO DOS CONCEITOS/TERMOS RELACIONADOS À AMÉRICA PRESENTES NA <i>RIHGB</i> (ARTIGOS E ATAS) ENTRE OS ANOS DE 1889 E 1894		
Conceito / Termo ⁷⁶	Ano da Revista	Página
América do Sul / sul americana	1889-2	p.528
	1890-2	p. 514 / 504

⁶⁸ CASTRO, Fernando Vale. *Pensando um continente – a Revista Americana e a criação de um projeto cultural para a América do Sul*. Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2012.

⁶⁹ ARDAO, Arturo. *Panamericanismo y Latinoamericanismo*. In: ZEA, Leopoldo (Org.). *América Latina en sus ideas*. México: Siglo XXI/ UNESCO, 1986, p. 157-171.

⁷⁰ SANCHEZ, Luis Alberto. *¿Existe América Latina?* – México: Fondo de Cultura Económica, 1945.

⁷¹ ZEA, Leopoldo. (et.al) *El Problema de la identidad latinoamericana*. México: Universidad Nacional Autónoma de México – Imprenta Universitaria, 1985.

⁷² CARVALHO, Eugênio Rezende de. Ideias e identidade na América: quatro visões. *Estudos Ibero-Americanos*. PUCRS, V. XXIV, N.2. p. 7-28, dez.1998.

⁷³ FERES JÚNIOR, João. *A história do conceito de Latin America nos Estados Unidos*. Bauru, SP; São Paulo: EDUSC; ANPOCS, 2005.

⁷⁴ BETHELL, Leslie. O Brasil e a ideia de “América Latina” em perspectiva histórica. *Est. Hist.*, Rio de Janeiro, vol. 22, n. 44, p. 289-321, julho-dezembro de 2009.

⁷⁵ Alguns autores e obras não foram listados aqui por já terem sido mencionados anteriormente.

⁷⁶ Os termos apontados nesta tabela aparecem diversas vezes nas revistas entre 1889 e 1894. Apresentamos apenas alguns exemplos para que se possa consultar os mesmos na revista.

	1892-2	p. 315 / 329
D' esta parte da América	1889-2	p. 465
Continente Americano / Americano(a) / América	1889-2 1893-2 1894-2 1894-2	p. 469 p. 91/101/103 p. 351 p. 342
América Latina	1892-2 – discurso proferido durante a festa de Colombo. 1893-2 – presidente da Universidade de Chicago pede documentos para expor.	p. 368 p. 138
América Meridional	1889-2	p.542
Repúblicas Vizinhas	1892-2	p. 328
Novo Mundo	1893-1 1894-2	p. 117 p. 331
Américas Espanholas	1890-1	p. 379

A primeira vez em que o termo América Latina apareceu nas revistas do *IHGB*, dentro do recorte temporal deste trabalho, foi na reunião de 14 de outubro de 1892, na festa em homenagem a Colombo e ao “descobrimento”. Neste episódio, um sócio recém-admitido, Comendador João Xavier de Mota, faz menção à “América Latina” em seu discurso de entrada. Ao comentar sobre sua obra “A moeda no Brasil até o fim da monarquia”, com a qual o comendador teria conseguido ingressar às cadeiras do instituto, ele conclui afirmando que “este

grande paiz, (era) o maior e mais bello da América latina”⁷⁷ (*RIHGB*, 1892 – P II, p.368). Trata-se de um discurso patriótico e em agradecimento ao IHGB pela aceitação da sua obra e também pelo privilégio de integrar as fileiras do instituto.

A segunda vez em que apareceu o termo na revista do instituto, durante o recorte temporal deste trabalho, foi em 3 de março de 1893. O norte-americano sr. William R. Harper, Presidente da Universidade de Chicago, solicitou ao *IHGB* documentos sobre a América Latina para expor na “Exposição Universal de Chicago” (*RIHGB*, 1893, P II, p. 137-138). Essa exposição foi uma homenagem aos quatrocentos anos da descoberta da América por Cristóvão Colombo. Gigantesca, a exposição teria ocorrido durante seis meses, com a visita de milhões de pessoas de todo o mundo. O termo utilizado pelo presidente da universidade em questão não foi utilizado pensando critérios de identidade unificadores entre as nações referidas. Antes de tudo, para um norte-americano, utilizar o termo América Latina era uma maneira de se diferenciar do restante do continente. Neste sentido, percebemos uma visão generalizante vinda da “outra América”. Mesmo que o intuito fosse o de ampliar a visão sobre a América e demonstrar para o “velho mundo” a força e a beleza do “novo mundo”, é possível perceber, mesmo aqui, esse interesse em separar as Américas.

Avaliando o conteúdo da tabela 3, presente neste capítulo, verificamos que os termos Pan-América, pan-americano, e pan-americanismo não são utilizados pelos intelectuais do *IHGB*, nem aparecem de qualquer forma nas revistas do período em estudo. Essa constatação, causa estranheza, pois, como veremos a seguir com a descrição mais detalhada da concepção e aplicação desses conceitos na história, o momento e o governo eram favoráveis à adesão ao pan-americanismo. Mas como pode ser observado nos dados recolhidos, o *IHGB* e sua revista não aderem ao movimento, ao menos no período em estudo. Assim, relativiza-se o que parte da bibliografia consultada apresenta, uma adesão brasileira ao pan-americanismo desde o seu surgimento em 1889. Katia Baggio já sinalizou essa discussão entre adesão ou não ao analisar a *Revista Americana*, surgida alguns anos depois deste recorte temporal, e afirmou em seu artigo que esse debate havia colocado importantes intelectuais da época em oposição, alguns “críticos da política expansionista dos Estados Unidos” e outros “defensores ardorosos do pan-americanismo” (BAGGIO, 2000, p.1).

Em uma análise preliminar, pode-se perceber que, apesar do aparecimento do termo América Latina na *RIHGB*, não foi atribuído significado simbólico e identitário a ele. Mais

⁷⁷ A citação segue com a ortografia original.

comuns que os termos América Latina e Pan-América, foram os demais, já apresentados na tabela deste capítulo. O que podemos evidenciar é a falta de consenso entre os intelectuais/letrados do *IHGB* no que tange à sua relação com o restante da América, fosse latina ou anglo-saxônica. Essa questão faz toda a diferença na compreensão da construção da identidade nacional e da diplomacia cultural/intelectual⁷⁸ que existia entre essas nações no período. Como só é possível enxergar estes pontos e contrapontos estudando profundamente as revistas do *IHGB* e a bibliografia sobre o assunto, a seguir serão historiados os conceitos, apontados até aqui, de forma a esclarecer as escolhas desses intelectuais letrados e suas ideias de pertencimento em relação aos “ismos” aqui citados.

2.2 CONCEITUANDO E HISTORIANDO OS VÁRIOS “ISMOS” AMERICANOS

Antes de definir se a *RIHGB* identifica o Brasil como integrante, ou não, da América Latina durante o recorte temporal deste trabalho, é necessário buscar compreender a origem do termo América Latina e suas transformações no decorrer da história.

América Latina é um conceito cheio de imprecisões. Para Alain Rouquié, “esse conceito de América Latina não é nem plenamente cultural nem apenas geográfico” (ROUQUIÉ, 1991, p. 24). É um termo cômodo, porém problemático já que, por se tratar de uma realidade tão ampla e diversa, geográfica, cultural e politicamente, seria praticamente impossível encontrar essa unidade pretendida entre seus componentes. Portanto, é uma generalização que facilita o trabalho com os países de línguas de origem latina, apesar de suas particularidades. É tão complexo que o autor identifica questões econômico/financeiras, linguísticas, religiosas, além de trajetórias históricas e clima como possíveis aglutinadores e, portanto, passíveis de identificação e construção de uma ideia de pertencimento. Além de todas as possibilidades de unificação continental, ou subcontinental, ainda existiam as influências dos povos colonizadores e dos povos financiadores ou que serviam de exemplo político, econômico e cultural na Europa (Inglaterra, França, Espanha e Portugal, principalmente) e na América do Norte (Estados Unidos). Além disso, deve-se levar em consideração os inúmeros outros povos

⁷⁸ Este conceito será melhor trabalhado no próximo capítulo.

que compõem a formação da chamada América Latina, tanto os povos originários, quanto aqueles que migraram ou foram trazidos para a América vindos de todo o mundo. Dessas tentativas de encontrar uma unidade surgiram os vários “ismos” que buscaremos explicitar melhor durante este capítulo e que demonstram as dificuldades nesse processo de elaboração de uma identidade.

Simón Bolívar foi um dos principais precursores de uma ideia de unificação entre as Américas, mas mesmo a sua integração já era excludente. Em dezembro de 1824, pouco depois das independências, o revolucionário convidou todos os países da América, exceto Estados Unidos, Brasil e Haiti, para o Congresso do Panamá. Para Bolívar, a língua, a história, a cultura, a economia, a sociedade escravista e a monarquia imperial brasileira eram um empecilho à unificação que ele pretendia no continente. As principais ligações políticas e econômicas do Brasil eram com a Inglaterra e suas principais ligações culturais eram com a França, Portugal e posteriormente com os Estados Unidos, demonstrando pouco interesse em se aproximar dos vizinhos de língua espanhola. O relacionamento entre Brasil e Inglaterra, por exemplo, existe desde antes de o Brasil se tornar independente de Portugal, ou seja, é uma herança portuguesa. Com a França existe essa aproximação pois, de acordo com Alain Rouquié, na América Latina, até pelo menos 1930, na formação das elites “a cultura francesa reina inteiramente”. (ROUQUIÉ, 1991, p. 23) Para Maria Ligia Prado, o Brasil acreditava serem Grã-Bretanha e França “fonte irradiadora da cultura, do progresso e da civilização”. (PRADO, 2001, p. 138) Com Portugal, o Brasil tinha em comum a língua, a religião e parte dos costumes. E com os Estados Unidos, um histórico de inspiração em relação ao progresso e, posteriormente, de dependência financeira relacionados ao pan-americanismo, por exemplo. (ROUQUIÉ, 1991, p. 316-317) Talvez por isso, a unidade pretendida por Bolívar era a “América Hispânica”, composta por países de língua espanhola. Os povos originários eram valorizados, em certa medida, por fazerem parte do projeto unificador que teria como princípio o resultado dos contatos entre colonizadores e colonizados, o mestiço. Era preciso superar o colonizador e valorizar o “mestiço autóctone”⁷⁹. Esse projeto de unificação subcontinental ficou posteriormente conhecido como “bolivarismo”. O fracasso da proposta de Bolívar, o “Império Incaico”, deu origem a uma América em retalhos, pondo fim àquele sonho de unificação como idealizado pelo “libertador”. (ROUQUIÉ, 1991, p. 316)

⁷⁹ CUNHA, Roseli Barros. *Transculturação narrativa: seu percurso na obra crítica de Ángel Rama*. São Paulo: Humanitas Editorial, 2007.

Outras ideias de unidade surgiram, como a de “Indo-América” proposta por Víctor Raúl Haya de la Torre, pensador e político peruano, por exemplo. De acordo com Rouquié, a proposta de Haya de la Torre estaria vinculada a uma valorização do elemento indígena. De acordo com ele, a América só seria latina para os “poderosos e suas oligarquias”. Os representantes autênticos do subcontinente seriam aquelas minorias que resistiram à “cultura do conquistador”, por isso, ele trabalha com a ideia de uma América que valoriza o elemento indígena. Esta não teve muito eco já que as populações indígenas foram marginalizadas e/ou excluídas, e suas culturas, ainda que existentes em várias regiões, não são majoritárias em todos os Estados. Apesar da presença de características indígenas nos vários países da América, sejam elas culturais ou na fisionomia, elas geralmente não são dominantes. Algumas vezes o que presenciamos é a sua sobrevivência através da mestiçagem. Essa mestiçagem traz à tona uma outra nomenclatura possível, a “América Indo-Latina” de Augusto César Sandino. (ROUQUIÉ, 1991, p. 23)

O termo Ibero-América também foi, e ainda é, utilizado para designar a América colonizada por Portugal e Espanha. José Vasconcelos, no início do século XX, teria atribuído grande valor ao termo Ibero-América ao identificar o resultado da miscigenação cultural nas Américas de colonização portuguesa e espanhola como a “raça cósmica” que teria o poder de mudar o mundo. De acordo com o autor, essa raça seria o resultado da síntese das culturas do mundo e estaria carregada de um poder transformador. “[...] llegaremos en América, antes que en parte alguna del globo, a la creación de una raza hecha con el tesoro de todas las anteriores, la raza final, la raza cósmica.”⁸⁰(VASCONCELOS, 1948, p. 31).

Vale dizer, também, que existe uma discussão a respeito das Afro-Américas. Ainda que pouco debatidas pelos autores que guiaram este trabalho, é um assunto que vem ganhando espaço nos últimos anos e merece atenção para os próximos estudos.

Com tantas nomenclaturas possíveis e já pensadas, quando teria então surgido o termo América Latina? O que ele significava na época? E quais as transformações históricas e conceituais pelas quais passou este conceito com o passar do tempo?

⁸⁰ Tradução: [...]chegaremos na América, em vez de em qualquer lugar do globo, na criação de uma raça feita com o tesouro de todas as anteriores, a raça final, a raça cósmica.

Arturo Ardao afirma que por um tempo se acreditou que o termo estaria vinculado aos libertadores e à época das independências da América. Mas, como vimos, o “bolivarismo” não apelava para a latinidade, buscando identidade apenas nos países recém-independentes e de cultura e língua oficialmente espanholas. Outra possibilidade era a de que o termo América Latina havia surgido como uma alternativa ao pan-americanismo como uma ideia de sul contra norte. Como veremos ainda, o pan-americanismo - em algumas interpretações “monroísmo” - aparecerá posteriormente.

Apesar das tentativas de demarcação, o que temos são aproximações e possibilidades. Sabe-se que em 1836, Michel Chevalier, um francês que estava em uma missão no continente americano, visitou o México e os Estados Unidos e estudou a economia e as finanças desses países. Em seu relatório foi utilizada pela primeira vez a expressão “América latina”, porém, neste momento a palavra “latina” era um adjetivo para a “América do Sul”, que ele havia descrito como “católica e latina”, em detrimento da América do Norte, descrita como “protestante e anglo-saxônica”. Ainda não era uma expressão que definia uma identidade regional, mas foi a semente. (ARDAO, 1986, p.160-161)

Leslie Bethell enumera três principais candidatos para a primeira utilização do termo “América Latina” como unificador regional: José Maria Torres Caicedo, Francisco Bilbao e Justo Arosemena. Ele apresenta os historiadores que defendem cada um deles e suas justificativas.

Arturo Ardao defende o primeiro candidato, Caicedo. Jornalista, poeta e crítico colombiano, nasceu em 1830 em Bogotá e faleceu em Paris, em 1889. Para Ardao, Caicedo teria utilizado o termo pela primeira vez em seu poema “*Las dos Américas*”, em 1857, ao afirmar que “a América latina é inimiga mortal da América do Norte”. Veja o trecho do poema a seguir,

*La raza de la América latina
Al frente tiene la sajona raza,
Enemiga mortal que ya amenaza
Su libertad destruir y su pendón.*⁸¹ (Bethel, 2009, p. 290)

Caicedo, em 1866, em Paris, em uma homenagem a Bolívar e San Martín afirmou que era colombiano e amava com entusiasmo sua pátria, mas reconhecia uma pátria maior, a

⁸¹ A raça da América Latina / Tem à frente a raça saxã / inimiga mortal que já ameaça / destruir sua liberdade e sua flâmula. (fragmento do poema retirado do artigo de Leslie Bethel)

América Latina. Essa ideia de que existe uma consciência e identidade hispano-americana / latino-americana comum que supera os “nacionalismos” locais e regionais já havia sido exposta por Simón Bolívar, Andrés Bello e outros.

O historiador chileno, Miguel A. Rojas Mix defende o segundo candidato, Francisco Bilbao. O filósofo, ensaísta e político chileno (1823-1865) teria utilizado o termo América Latina em um longo discurso realizado em junho de 1856 em Paris. De acordo com o historiador, Bilbao teria naquele episódio realizado reflexões sobre “*la raza latinoamericana*” e “*la unidad latinoamericana*”. (BETHEL, 2009, p. 291)

Este terceiro candidato à primeira menção do termo América Latina é defendido pela historiadora norte-americana Aims McGhiness. De acordo com ela, Justo Arosemena, jurista, político, sociólogo e diplomata colombiano/panamenho (1817-1896), em junho de 1856, na época um representante liberal do Estado do Panamá no Senado Colombiano, teria mencionado o “*interés latinoamericano*” em um discurso em Bogotá. (BETHEL, 2009, p. 291)

Certo é que, independentemente de quem tenha utilizado o termo América Latina pela primeira vez, vários autores defenderam a ideia de que ele já era utilizado na França durante o governo de Napoleão III (1848-1870) para justificar a intervenção no México entre 1861 e 1867⁸². Mateus Fávoro Reis reforça essa ideia ao afirmar que,

“O período compreendido entre 1889 e 1948 foi crucial para a história do latino-americanismo e do pan-americanismo. Ainda que não se possa sustentar que o movimento de delineamento da ideia de América Latina tenha ocorrido de fora para dentro, como projeção dos círculos intelectuais europeus em direção à América, segundo Arturo Ardao, Patricia Funes e Héctor Bruit, alguns grupos de intelectuais hispano-americanos que viviam na Paris de meados do século XIX atuaram como os motores desse processo. O termo gradualmente passou a ter maior difusão nos círculos intelectuais, incorporando-se a ações oficiais no final da década de 1940, com a criação da Comissão Econômica para a América Latina (CEPAL), com sede em Santiago”. (REIS, 2008, p. 14-15)

A justificativa para a utilização desse termo era a existência de uma afinidade cultural e linguística entre os povos “latinos”, ou seja, cujas línguas derivam do latim, e que a França quis

⁸² A França com o apoio do Reino Unido e da Espanha invadiu o México para receber dívidas de empréstimos estrangeiros que o Governo Mexicano se negava a pagar. O conflito interrompeu o mandato do presidente Benito Juárez e deu início a uma monarquia cujo rei era Maximiliano Habsburgo, de origem austríaca. O governo de Maximiliano que teve início em 1864, acabou em 1867 com o seu fuzilamento pelos rebeldes que retomaram o poder no México reinstaurando a República.

se colocar como seu líder natural e defensora contra a influência anglo-saxônica, inicialmente inglesa e depois norte-americana.

A partir de então, essa “invenção francesa” teria sido utilizada nos círculos hispano-americanos na França e posteriormente na América e no restante do mundo, sem, necessariamente, se preocuparem com a questão do pertencimento ou da identidade entre os povos hispano-americanos e brasileiro, os quais o conceito abarcaria.

A discussão sobre a questão do pertencimento do Brasil ao que se convencionou chamar de América Latina é tão ampla que afirmações contrárias se digladiam. Veja a afirmação do argentino Manuel Baldomero Ugarte, por volta de 1923: o “Brasil é parte integrante da nossa família de nações. Não pode haver latino-americanismo parcial.” (BETHELL, 2009, p. 300). Eduardo Prado, se opondo a essa ideia, chegou a afirmar que o Brasil era uma imensa ilha. (BETHELL, 2009, p. 302).

Aparentemente, o Brasil continuava à margem dessas classificações. Indefinido interna e externamente quanto a um pertencimento ao que se convencionou chamar de América Latina. De acordo com Kátia Baggio, além dos conflitos fronteiriços existentes entre os países sul-americanos, já citados neste trabalho, o fato de o Brasil ser o único Império na América Latina e ainda possuir limites com quase todos os países sul-americanos, fez com que as divergências aumentassem pelo receio de que o Brasil seguisse com uma política expansionista. Dessa forma, teria sido somente após a proclamação da República que começaram a diminuir as desconfianças entre o Brasil e a América Hispânica, e ainda assim, “a intelectualidade brasileira continuava, em grande parte, com um olhar predominantemente negativo para os países vizinhos.” (BAGGIO, 1998, p. 58). Ou seja, o Brasil ainda não se sentia e nem era para os demais, integrante da América Latina.

Após a Proclamação da República no Brasil em 1889, a aproximação entre Argentina, Chile e Brasil é notável, mas, é ainda mais notável sua aproximação com os Estados Unidos e o apoio ao que se convencionou chamar de pan-americanismo.

Surge um novo “ismo” em 1889, o pan-americanismo. A primeira Conferência Internacional de Estados Americanos foi realizada em Washington entre outubro de 1889 e abril de 1890, coincidindo com a recente Proclamação da República brasileira. Esse evento ficou

mais conhecido como Conferências Pan-Americanas⁸³, graças à elaboração do termo Pan-América pela própria imprensa norte-americana alguns meses antes daquela data. Era o nascimento de um conceito/termo que “difundiu-se e passou a denominar o conjunto de políticas de incentivo à integração dos países americanos, sob a hegemonia dos Estados Unidos.” (BAGGIO, 2000, p. 3). O que para Leslie Bethell pode ser chamado de monroísmo, um imperialismo norte-americano sob o restante do continente. O objetivo do então secretário de Estado norte-americano ao criar esse projeto pan-americano, era aumentar as exportações dos Estados Unidos para o restante da América em detrimento dos produtos europeus, principalmente ingleses que eram seus principais concorrentes. Estes fins foram disfarçados de liderança e proteção ao continente. Alguns países aceitaram e assimilaram a ideia, outros não. Para Leopoldo Zea,⁸⁴ a história dos Estados Unidos era marcada pela dominação e exploração do restante do continente e isso havia começado com a Doutrina Monroe de 1823 e se confirmado em vários momentos históricos. A sua expansão territorial assimilando terras mexicanas nas décadas de 1830, 1840 e 1850, a conquista do Caribe no final da década de 1890 e as investidas sobre o restante da América no século XX só confirmam essas ideias. Esse domínio norte-americano pode ser comparado ao domínio colonial Ibérico na América e aos poucos foi passando a ser visto com maus olhos pelo restante do continente.

Os primeiros governos da República brasileira, assim como durante o período Imperial, não demonstravam muito interesse pelas nações vizinhas de língua espanhola. Percebendo a ascensão norte-americana no mundo, o Brasil sabia que seria interessante se manter ao lado do gigante saxão americano. Além disso, os Estados Unidos eram seu maior provedor de bens manufaturados e seu principal importador de café no início do século XX. (BETHEL, 2009, p. 295)

Além dos brasileiros, Domingo Faustino Sarmiento Albarracín⁸⁵, e alguns outros argentinos da “geração de 37” como Esteban Echeverría⁸⁶ e Juan Bautista Alberdi⁸⁷, por

⁸³ DULCI, Tereza Maria Spyer. *As Conferências Pan-Americanas: identidades, união aduaneira e arbitragem (1889 a 1928)*. Dissertação (Mestrado em História Social) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo: Editora Alameda, p. 20. 2008.

⁸⁴ SANTOS, Luciano dos. O Brasil como parte da América Latina: o projeto identitário-integracionista de Leopoldo Zea. *Temporalidades*. Belo Horizonte. Vol. 4, n. 2, Ago/Dez 2012.

⁸⁵ Domingo Faustino Sarmiento Albarracín, foi jornalista, escritor e presidente da Argentina entre 1868 e 1874. Na década de 1840 por oposição ao regime ditatorial de Juan Manuel de Rosas, Sarmiento esteve exilado no Chile e escreveu sua obra mais conhecida “*Facundo o Civilización y Barbarie*”(1845), onde estabelece comparações com nações e características que ele acredita serem civilizadas ou bárbaras.

⁸⁶ Esteban Echeverría (1805-1851), foi um escritor, poeta e romancista argentino.

⁸⁷ Juan Bautista Alberdi, foi um político, escritor e diplomata argentino. Viveu boa parte de sua vida em exílio no Uruguai e no Chile.

exemplo, também acreditavam que os Estados Unidos eram uma nação admirável e um exemplo a ser seguido. Quando surge o pan-americanismo, o Brasil passa a defendê-lo, institucionalmente, em detrimento do bolivarianismo. Na Argentina, apesar da admiração de alguns pensadores, o pan-americanismo foi descartado graças aos vínculos comerciais com a Europa, e, nos anos 1930, a um golpe militar cujas lideranças eram ideologicamente próximas aos fascismos europeus e, portanto, defendiam para a Argentina o oposto do pretendido pela potência anglo-saxã na América, entre outras questões⁸⁸. Boa parte da América Hispânica era avessa aos ideais pan-americanistas, o que serviu de justificativa inclusive para manter certo afastamento em relação ao Brasil, pois, apesar da existência de opiniões diversas dos intelectuais brasileiros sobre a adesão ao pan-americanismo, “a política externa brasileira, durante a primeira república, entretanto, mostrou-se claramente favorável a um estreitamento das relações entre Brasil e os Estados Unidos”⁸⁹. (BAGGIO, 2007, p.5)

Apesar de se comprovar uma aproximação entre Brasil e Estados Unidos nessa época e a participação do Brasil na conferência de 1889-1890, a *RIHGB* sequer faz menção ao evento. Porém, também em outubro daquele mesmo ano, acontece a assinatura de um tratado de paz fronteiriça entre Argentina e Brasil, cujo árbitro teria sido os Estados Unidos da América. Esse evento sim é comentado e descrito nas atas da revista, sendo inclusive incluído na publicação o comentário do Barão de Alencar, um dos responsáveis pela assinatura do tratado.

A sua importancia não provém sómente de haver encaminhado a seo termo o litigio que levou mais de um seculo a esperar a oportunidade de sua solução pacífica. Elle tem em meo conceito uma significação mais alta: a de um pacto de paz perpetua entre dous Estados, cuja amizade sincera póde acelerar a marcha da America do Sul e conduzil-a a seus grandes destinos. (*RIHGB*, 1889, P. II, p. 511)⁹⁰

A aproximação oficial entre Brasil e Estados Unidos, então, não valia necessariamente para os intelectuais/letrados do *IHGB* como regra, pois, como vimos, a revista prioriza neste momento as relações com a Argentina. Coexistiam posições intelectuais contrárias e a favor do pan-americanismo ou latino-americanismo no Brasil, mas a *RIHGB* não adere ao primeiro, ao

⁸⁸ ZANATTA, Loris. Uma breve história da América Latina. São Paulo: Cultrix, 2017.

⁸⁹ BAGGIO, Kátia Gerab. O Brasil nas Américas: as imagens da América Hispânica e dos Estados Unidos construídas por intelectuais brasileiros na década de 1930. XI Jornadas Interescuelas/Departamentos de Historia. Departamento de Historia. Facultad de Filosofía y Letras. Universidad de Tucumán, San Miguel de Tucumán, 2007.

⁹⁰ Texto apresentando com ortografia original.

menos inicialmente. Quanto ao segundo, apesar de aparecer na revista, não é dominante a ponto de ser percebido como indicador de identidade. As aproximações em relação à *Latinoamérica* estão mais vinculadas às ações diplomáticas e aos discursos nas seções ou reuniões do *IHGB* do que em sua escrita da história. O ideal de nação era o fundamento da escrita dessa história e, portanto, o “outro” não faria parte.

Os conceitos de pan-americanismo e latino-americanismo vão passar por muitas transformações históricas a partir de então. Um marco para ambos é o ano de 1948, quando o pan-americanismo se converte em interamericanismo, desmistificando a ideia de unidade e liderança pretendida pelos norte-americanos; e o latino-americanismo se reforça a partir da criação de um órgão internacional que utiliza o termo em questão – CEPAL: Comissão Econômica para a América Latina. A partir de 1948, a Conferência Pan-americana passa a se chamar Sistema Interamericano e passa-se a usar cada vez mais a expressão “Américas”, no plural, fazendo questão em demarcar a diversidade. (ARDAO, 1986, p. 167-168)

Depois de toda uma análise mais geral ainda fica uma questão pendente: quando foi que o Brasil passou a fazer parte do que se convencionou chamar de “América Latina”? Será que podemos utilizar com certeza um conceito de tão difícil aplicação e de tantas contradições? Os brasileiros sócios do *IHGB* se consideravam realmente integrantes de um grupo subcontinental latino-americano?

Leslie Bethell afirma que o Brasil só passou a fazer parte da América Latina “quando a “América Latina” se tornou “*Latin America*””, ou seja, quando Estados Unidos, Europa e América Hispânica passaram a reconhecê-lo como integrante dessa região, por volta dos anos de 1920 e 1930. De acordo com o autor, essa ideia teria se reforçado durante a Segunda Guerra Mundial e a Guerra Fria quando tanto os intelectuais quanto os governos hispano-americanos passaram a incluir o Brasil no conceito de América Latina e alguns brasileiros também passaram a se identificar como integrantes. Ainda assim, ao final do século XX não se pode dizer que o Brasil estava engajado com o restante da região e com a ideia de unidade latino-americana. (BETHELL, 2009, p. 311)

Katia Baggio analisa as ideias de Bethell ao longo do artigo em questão e realiza algumas críticas importantes. De acordo com a autora, afirmar que o Brasil só passa a fazer parte da América Latina quando os Estados Unidos e Europa passam a utilizar este termo é negligenciar as iniciativas significativas de aproximação que passaram a ocorrer, principalmente, a partir da segunda metade do século XIX, dentro da própria América Latina.

Uma outra questão que Katia Baggio discute em seu artigo, é o fato de que Bethell utiliza os três possíveis casos de primeira utilização do termo América Latina para demonstrar que nenhum deles incluía o Brasil. Para Katia, essa é uma perspectiva reducionista que considera apenas a visão das grandes potências ocidentais sobre a América Latina, minimiza os artistas, intelectuais e produções culturais locais que abordavam a temática. (BAGGIO, 2012, p. 179)

Para João Feres Júnior⁹¹, o conceito de *Latin America*, é muito mais amplo do que sua aplicação geográfica dando nome a um subcontinente. Ou ainda, mais amplo que a ligação promovida pelo tronco linguístico derivado do latim. O autor afirma, utilizando o conceito de um dicionário norte-americano, que essa definição perpassa, também, por características de “temperamento” e “comportamento”, indicando, assim, que existiria um tipo humano específico, - vale lembrar, com características opostas às do tipo humano norte-americano - que pudesse ser identificado como latino-americano. Características como, irracional, extravagante na aparência, malandro, fraco e mulherengo, fazem parte dessas especificidades consideradas mais comuns aos latino-americanos.

Pode-se perceber, de acordo com Bethell, que a inserção do Brasil naquilo que ficou conhecido como América Latina esteve vinculada a uma interpretação preconceituosa, particularmente por parte dos Estados Unidos, em relação à América Latina. Essa postura levou à criação de um estereótipo latino-americano difícil de desconstruir. Estereótipo esse que, ainda hoje, é predominante, inclusive, na indústria cinematográfica.

Bethell tem uma visão pessimista quanto ao conceito de América Latina e afirma que o mesmo perdeu a utilidade e não serve para definir o Brasil, como se pode ver no trecho a seguir:

É chegada a hora de o mundo parar de considerar o Brasil como parte daquilo que, na segunda metade do século XX, foi chamado de América Latina, um conceito que seguramente perdeu a utilidade que talvez tenha tido alguma vez. (BETHELL, 2009, p. 314)

As opiniões variam muito a esse respeito. Arturo Ardao, por exemplo, um pouco mais otimista, afirma que enquanto as ideias de pan-americanismo e interamericanismo estão diretamente vinculadas a uma questão geográfica, a latino-americanidade traz consigo algo que mais parece um nacionalismo em construção. Esse pensamento valoriza o termo América

⁹¹ FERES JÚNIOR, João. *A história do conceito de Latin America nos Estados Unidos*. Bauru, SP; São Paulo: EDUSC; ANPOCS, 2005.

Latina como um conceito mais identitário que regional. Falar sobre América Latina seria uma forma de unificar culturalmente os integrantes da América cujas línguas dos colonizadores tenham origem latina. (ARDAO, 1986, p.170)

Gilberto Freyre, por exemplo, pressupunha a existência de uma “cultura transnacionalmente pan-hispânica a que o Brasil faz parte” (BAGGIO, 2010, p. 33). Ele atribuía características que opunham as Américas saxônica e latina, com concepções iberistas, hispanistas, tropicalistas, indoamericanistas e transculturais (mestiçagem). Essa cultura pan-hispânica identificada por Freyre seria uma mistura dos valores herdados dos portugueses e dos espanhóis. Dessa forma, o autor afirma que existe uma fraternidade natural entre essas nações, facilmente identificável em seus traços culturais, opondo o sul ao norte, a “Nossa América”⁹² e a “Outra América”.

A questão da mestiçagem racial e cultural presente no continente americano foi posta em discussão pelo argentino Sarmiento, utilizando como referência o darwinismo social e o evolucionismo spenceriano. De acordo com Sarmiento, o indígena e o negro africano seriam raças pré-históricas e servis, portanto a mestiçagem seria a barbárie máxima. A solução para o continente sair da condição de inferioridade à qual se encontrava era a purificação da raça pela lavagem do sangue e do cérebro. Do sangue pela imigração branca estrangeira, e do cérebro com uma educação direcionada. Os Estados Unidos, por isso, seriam um exemplo a ser seguido.⁹³ (CARVALHO, 1998, p. 10-13)

As peculiaridades da nossa América em relação aos Estados Unidos e a Europa já haviam sido apontadas por José Martí, porém, enquanto alguns autores identificaram os problemas da América dita latina e enxergaram a solução no exemplo estrangeiro, Martí afirmava ser impossível resolver nossos problemas utilizando modelos importados. Martí não concordava com a submissão ao pan-americanismo norte-americano, nem com a inspiração nas antigas metrópoles europeias. As particularidades do subcontinente trariam a necessidade de uma solução, também particular, para os problemas ali contidos. Para este autor, não existia superioridade entre povos ou raças, e sim uma igualdade essencial entre os homens. Apesar de se tratar de culturas distintas seriam igualmente interessantes e importantes para a compreensão

⁹² MARTI, José. *Nossa América*. Tradução de Maria Angélica de Almeida Triber. São Paulo: HUCITEC, 1983.254p. p:194-201. (Texto original de 1891)

⁹³ CARVALHO, Eugênio Rezende de. Ideias e identidade na América: quatro visões. *Estudos Ibero-Americanos*. PUCRS, V. XXIV, N.2. p. 7-28, dez.1998.

da identidade humana.⁹⁴ Sua forma de pensar sobre a América ia contra, por exemplo, a ideia defendida por Sarmiento, pois, apesar de ambos destacarem a existência de problemas no subcontinente, para Martí a solução viria de dentro, enquanto para Sarmiento, ela viria de fora. Neste sentido, o americanismo bolivariano parece se encaixar melhor na forma de pensar de Martí sobre a América Latina.

Ainda nesta linha, que criticava a importação de modelos, principalmente o norte-americano, José Enrique Rodó⁹⁵, com seu “ariélismo”, condenou o expansionismo pan-americano dos Estados Unidos pela América. De acordo com este autor, analisado por Eugênio Rezende de Carvalho⁹⁶, predominava, nos Estados Unidos, o princípio do utilitarismo em detrimento daquele que seria o ideal, baseado na meditação e contemplação desinteressada, ainda existente na Europa. Para Rodó, o caráter de uma civilização não deveria ser avaliado apenas pela sua grandeza material e sim pelas formas superiores de pensar e sentir. Essa comparação justificava, para o autor, a necessidade de se inspirar na metrópole colonizadora para buscar o desenvolvimento e a solução dos problemas do subcontinente. Vale aqui o princípio de Ibero-América.

Já Manoel Bonfim⁹⁷, e sua perspectiva dos “males de origem”, condena as metrópoles colonizadoras como as responsáveis pelos problemas do subcontinente. Em uma análise realizada por meio de metáforas ligadas à sua atuação na medicina, o termo “parasitismo social” traz à tona as “doenças” da América Latina que o autor justifica terem surgido com a vinda do colonizador. A “cura” depende de uma educação que leve à conscientização e, conseqüentemente, ao progresso. Nesse sentido, o autor afirma a origem Ibérica, mas tenta fugir da ideia de Ibero-América, já que condena sua conduta e as heranças deixadas por Portugal e Espanha. O conceito de Pan-América também é negligenciado à medida que a solução apontada pelo autor não passa pela importação do modelo norte-americano. A América Latina aqui é autônoma e deve buscar o progresso superando o “parasitismo” e as “enfermidades” do passado.⁹⁸

⁹⁴ CARVALHO, Eugênio Rezende de. Ideias e identidade na América: quatro visões. *Estudos Ibero-Americanos*. PUCRS, V. XXIV, N.2. p. 7-28, dez.1998.

⁹⁵ Escritor uruguaio que viveu entre 1872 e 1917 e defendeu a ideia da herança cultural hispânica em detrimento do pan-americanismo norte-americano.

⁹⁶ CARVALHO, Eugênio Rezende de. Ideias e identidade na América: quatro visões. *Estudos Ibero-Americanos*. PUCRS, V. XXIV, N.2. p. 7-28, dez.1998.

⁹⁷ Intelectual brasileiro vinculado à medicina, psicologia, história, sociologia e pedagogia, escreveu sobre a América Latina e utilizou a colonização ibérica como justificativa para os seus “males”.

⁹⁸ BOMFIM, Manoel. *A América Latina: males de origem* (Edição do centenário). Topbooks Editora e Distribuidora de Livros Ltda: Rio de Janeiro, 2005.

Nota-se a nítida dificuldade em definir/conceituar o subcontinente em vários momentos da história. Esse problema é evidente até os nossos dias. A questão da identidade e do sentimento de pertencimento em relação ao subcontinente perpassa por um histórico de conflitos fronteiriços e ideológicos, além de tentativas de aproximação institucional, por vezes, e intelectual em outros momentos. As aproximações e os distanciamentos do Brasil em relação à América Hispânica, e vice-versa, podem ser analisados por meio da *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, onde se apresentam de forma peculiar. Nem sempre os intelectuais/letrados do instituto apresentam a mesma concepção do governo/Estado em relação às identidades e ao pertencimento ao que se convencionou chamar de América Latina.

Nessa mesma perspectiva, Rouquié⁹⁹, para demonstrar a dificuldade de definição e identidade das Américas, apresenta várias classificações que já foram pensadas. Entre as definições que Rouquié apresenta está a de Darcy Ribeiro que diferencia os povos quanto à sua origem. Surgem as categorias de “povos testemunhas”: descendentes dos pré-colombianos, autóctones; “povos transplantados”: descendentes dos brancos, europeus; e os “povos novos”: resultado da mestiçagem biológica e cultural. Existe ainda uma categorização citada pelo autor que está vinculada ao clima na América do Sul: América Temperada (Cone sul: Chile, Argentina e Uruguai) e América Tropical (Países andinos, Paraguai e Brasil). Outra classificação apresentada pelo autor compara os níveis de homogeneidade cultural e separa os países da América do Sul em “Homogêneos”, “Heterogêneos” e “Em vias de homogeneização”. Essas questões e outras como a tradição, a influência dos Estados Unidos, entre outras, diferenciam, separam, unem, classificam e permitem compreender os extremos da diversidade do nosso continente.

Aparentemente, unir toda essa diversidade em um conceito como o de América Latina, seria uma generalização inconsistente. Rouquié afirma que “A América Latina existe, mas apenas por oposição e de fora” (ROUQUIÉ, 1991, p.24). Essa afirmação traz à tona uma questão importante, será que só existe América Latina para “o outro” que busca um conceito generalizante que abarque tantas culturas distintas? Será que as culturas são tão distintas assim?

De acordo com Rouquié, as Repúblicas irmãs se aproximam na atualidade, principalmente em decorrência dos problemas gerados pela colonização e pelos contrastes regionais, e se distanciam quanto ao tamanho, componentes étnico-culturais, geopolítica, níveis

⁹⁹ ROUQUIÉ, Alain. *O extremo-ocidente: introdução à América Latina*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1991.

de evolução social e relação com os Estados Unidos. O que se perde em “unidade”, se ganha em “universalidade”. “Talvez se possa classificar entre as nações latino-americanas todos os países do continente em vias de desenvolvimento, independente de sua língua e de sua cultura”, e de América do Sul toda a “parte pobre¹⁰⁰” do continente, ignorando a geografia. (ROUQUIÉ, 1991, p. 25) Ou seja, sem sermos semelhantes temos diversos pontos em comum que nos diferenciam de outras nações. O que podemos perceber é que os conceitos em relação à “Nossa América” são muitos, imprecisos, falhos e discutíveis, mas, eles buscam compreender essa realidade diversa e ao mesmo tempo uma dessas nações. São esforços para não cairmos nos individualismos nacionais ou nas impossibilidades de definições. É preciso reconhecer as trajetórias históricas e problematizar essas conexões.

Por isso não é estranho que nos perguntemos em algum momento se existe ou não “América Latina?”. Luis Alberto Sánchez nos demonstra questões que nos aproximam e questões que nos distanciam na busca por essa resposta. Para o autor, apesar da nossa fisionomia ser extremamente heterogênea, a própria questão da mestiçagem nos aproximaria. A história nos distancia em alguns pontos e nos aproxima em outros. Antes da intervenção europeia na América, os povos viviam em maior conexão com a natureza, e apesar de suas particularidades estavam unidos pela ideia de que seriam os povos nativos daquele continente. A história que se inicia com a chegada do colonizador europeu ao mesmo tempo nos distancia e nos aproxima. Nossos colonizadores possuem origens diferentes, culturas diferentes, porém, o próprio processo de colonização e a formação das sociedades baseadas na concentração de terra e renda é algo que lhes é comum.¹⁰¹

Como podemos ver, os “ismos” relacionados à América se transformaram e se ressignificaram com o passar do tempo, de autor para autor e de local para local. Os vários americanismos são importantíssimos para a compreensão das identidades forjadas pelos intelectuais/letrados do *IHGB*. Como percebemos, os conceitos utilizados para definir o que seria o subcontinente, a América Latina, e os esforços dos diversos autores nessa busca por respostas trouxeram à tona o conflito identitário em relação à ideia de pertencimento. As fontes deste trabalho e o nosso recorte temporal nos trarão algumas evidências sobre o assunto,

¹⁰⁰ A ideia de parte pobre compondo a América do Sul, não se sustenta completamente na atualidade, porém a análise de Rouquié, realizada em 1991 é pertinente para a época em que foi escrita, apesar da pluralidade das economias dos países do subcontinente em questão e, também, da desigualdade existente entre eles.

¹⁰¹ SANCHEZ, Luis Alberto. *¿Existe América Latina?* – México: Fondo de Cultura Economica, 1945. Todo o livro apresenta questões apontando a possibilidade e/ou a impossibilidade da concepção do termo América Latina. Algumas delas foram apenas citadas no parágrafo em questão.

permitindo-nos um novo olhar sobre a questão da identidade nacional no período pós proclamação da república no Brasil e sobre o nosso sentimento de americanidade/latinidade.

No próximo capítulo utilizaremos exemplos concretos de aproximação/distanciamento entre Brasil e os vizinhos hispano-americanos na tentativa de compreender a identidade nacional/regional brasileira e sua ligação com a ideia de latinidade. Assim, serão realizadas análises mais aprofundadas dos assuntos vinculados à América Hispânica e/ou Latina tratados na e pela *RIHGB*, e as identidades que podem ser percebidas por meio da escrita da história realizada pelos sócios do instituto.

CAPÍTULO 3

DIPLOMACIA CULTURAL/INTELLECTUAL: BRASIL E HISPANO-AMÉRICA

Neste capítulo, após uma apresentação detalhada do Instituto, da Revista e da metodologia utilizada, além de uma explanação sobre conceitos ligados à identidade na América e no Brasil, pretende-se demonstrar as relações existentes entre os intelectuais membros do *IHGB* e os de outros países da América. O conceito de diplomacia cultural utilizado neste capítulo é o de Fernando Vale Castro¹⁰². O autor, além desse conceito, traça um panorama importante na análise das relações existentes entre as nações latino-americanas. O capítulo será dividido em subtítulos para apresentar eventos chave que exemplifiquem essas aproximações e distanciamentos. Aqui, identificaremos essas relações como diplomacia cultural/intelectual.

Diplomacia é um termo que designa os interesses das nações umas pelas outras. Trata das relações internacionais e das negociações para um melhor convívio entre os países. A Diplomacia Cultural leva em consideração, além da política, as trocas de ideias e produções intelectuais que permitem a compreensão da visão de mundo e dos interesses do Brasil ao escrever sua história.

Iniciaremos agora alguns estudos de caso que demonstram essa Diplomacia Cultural existente entre os países da América. O conteúdo das pesquisas será dividido em artigos/obras e atas/reuniões para facilitar a compreensão.

3.1 ESTUDOS DE CASO: ARTIGOS/OBRAS

Para introduzir este assunto optamos por elaborar uma tabela apresentando os artigos/conteúdos publicados na *RIHGB* que contemplam a América. O objetivo é quantificar

¹⁰² CASTRO, Fernando Vale. *Pensando um continente – a Revista Americana e a criação de um projeto cultural para a América do Sul*. Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2012.

a importância dada à América Hispânica nas páginas da revista. Como veremos, o IHGB publica textos sobre os países vizinhos, bem como documentos e textos que citam em seu interior algo sobre eles, mesmo não tratando diretamente deles.

Tabela 4 – Artigos que fazem referência à América

Ano e Tomo da RIHGB	Nome do Artigo	Autor (membro ou não)	Páginas	Assunto abordado
1989 – 2	Lista dos sócios do Instituto Histórico Geográfico Brasileiros.	Redação da Revista.	p. 199-207	Listagem e identificação de todos os sócios da revista, incluindo estrangeiros.
1890 – 1	Confiscação de bens de Francisco Solano Lopez e de Eliza Linch no Paraguay.	Carlos Loizaga. Não membro.	p.345	Decreto de confiscação dos bens.
1890 – 1	Limites do Brazil com o Paraguai.	José Antônio Pimenta Bueno. Não membro.	p. 345-349	Estabelecimento da fronteira entre Brasil e Paraguai.
1890 – 2	Lista dos sócios do Instituto Histórico Geográfico Brasileiros.	Redação da Revista.	p. 651-661	Listagem e identificação de todos os sócios da revista,

				incluindo estrangeiros.
1891 – 2	Lista dos sócios do Instituto Histórico Geográfico Brasileiros.	Redação da Revista.	319-327	Listagem e identificação de todos os sócios da revista, incluindo estrangeiros.
1892 – 1	Demonstração dos trabalhos da Polícia em todo o tempo que a serviu o Desembargador do Paço Paulo Fernandes Viana.	Desembargador do Paço Paulo Fernandes Viana. Não Membro.	373-380	Ação da polícia e melhorias feitas pelo desembargador.
1892 – 1	Instruções dadas pela Rainha ao Governador da capitania de Mato Grosso. D. Antônio Rolim de Moura.	Marco Antônio de Azeredo Coutinho a mando da Rainha. Não membro.	381-390	Orientações da Rainha de Portugal para o Governador do Mato Grosso
1893-2	Movimento Colonial da América	Tristão de Alencar Araripe. Membro.	91-115	Descrição dos processos que levaram da colonização europeia da

				América até sua emancipação.
--	--	--	--	------------------------------

Em 1889, os artigos da revista não tratam de assuntos que levem em consideração a América. Apenas apresenta a lista dos sócios do IHGB que traz os nomes dos sócios nacionais e estrangeiros. Esta listagem é importante por trazer numericamente a representatividade dos demais países da América dentro do Instituto brasileiro. Veremos essa lista detalhada no próximo subtítulo quando estudaremos os casos específicos das relações de alguns países da América com o Brasil.

No ano seguinte, além da lista nominativa dos sócios nacionais e estrangeiros, a revista apresenta dois documentos importantes sobre a República do Paraguai. Um deles é apenas um decreto de confiscação de bens de Solano Lopez e de embargo dos bens de Eliza Linch, sua esposa. O documento é de maio de 1870, alguns meses após a morte do então presidente que foi derrotado durante a Guerra do Paraguai, ou como ela ficou conhecida nos países vizinhos, Guerra Grande, Guerra da Tríplice Aliança ou Guerra contra o Paraguai. Linch teria ido para a França depois da morte de marido e filho na guerra, onde ficou até seu falecimento em 1886.

O outro documento é de 1844, relativo aos limites e fronteiras com do Brasil com o Paraguai. Neste documento o autor reclama das dificuldades de estabelecer fronteiras e que a república do Paraguai vinha tomando territórios e o Império até então não tinha tomado providências.

Em 1891, publica-se apenas a listagem nominativa dos sócios¹⁰³.

No ano seguinte, 1892, publica-se na revista dois artigos cujos assuntos mencionam a América. O primeiro, que tem como tema central as melhorias realizadas pelo desembargador Paulo Fernandes Viana, fala sobre os motivos da vinda da corte e os problemas gerados pela França no continente europeu. Em seguida ele afirma que muito se esforçou para assegurar a tranquila residência de sua majestade no país porque a França, além de “atormentar” a Europa, atormentava o Brasil e as Américas espanholas via emissários enviados para a América do Norte.

¹⁰³ Será feita uma análise da lista nominativa mais completa, referente à 1894.

O segundo documento é um artigo de 1749 com instruções dadas pela rainha ao governador da capitania de Mato Grosso. Nesse documento é citado o conflito existente entre Brasil e províncias do Peru. A rainha afirma a necessidade de povoar a região do Mato Grosso para garantir as fronteiras. Porém, ela insiste que deve manter relações de boa vizinhança com os súditos americanos do rei espanhol. Ela solicita ao governador para impedir o comércio entre os brasileiros e os espanhóis. Sobre a fronteira com o Peru, a rainha afirma que já estão sendo negociados amigavelmente tratados fronteiriços, mas que enquanto nada é definitivo ela avisa que o governador provavelmente ouvirá queixas dos representantes peruanos.

Em 1893, publica-se um artigo de nome “Movimento Colonial da América” que identifica o processo de colonização e as lutas pela independência em relação às metrópoles europeias. Neste artigo escrito em novembro de 1890 é possível perceber a valorização dada pelo autor ao modelo de governo norte-americano. “A Inglaterra povoou as regiões setentrionais da América, onde formou o povo dos Estados Unidos, tão maravilhosamente desenvolvido sob os princípios de liberdade.¹⁰⁴” (RIHGB, 1893-2, p.91)

Os olhares que existiam sobre os Estados Unidos, e que ainda são difundidos, dão conta de uma América do Norte superior em vários sentidos. A justificativa central estaria vinculada ao processo de colonização em comparação com as colonizações ibéricas. Ainda é comum ouvirmos algumas “comparações incômodas”¹⁰⁵ e dicotômicas opondo o bem e o mal, o desenvolvido e o atrasado, a colônia de povoamento e a de exploração, os católicos e os puritanos, os aventureiros e os intelectuais, os ricos e os pobres. Karnal sustenta que a ideia de superioridade do norte em relação ao sul não está necessariamente vinculada ao processo de colonização, pois,

“[...] no século XVII, quando a América espanhola já apresentava universidade, bispado, produções literárias e artísticas de várias gerações, a costa inglesa da América do Norte era um amontoado de pequenas aldeias atacadas por índios e rondadas pela fome.” (KARNAL, 2011, p. 26)

Para o autor, foi justamente a falta de uma organização mais rígida no processo de colonização da América do Norte que teria facilitado o processo de independência dos Estados

¹⁰⁴ Segue o texto com a ortografia original.

¹⁰⁵ KARNAL, Leandro... [et. Al.] História dos Estados Unidos: das origens ao século XXI. São Paulo: Contexto, 2011.

Unidos. E apenas depois da independência pioneira no continente e da necessidade de se criar uma nação é que os Estados Unidos teriam se tornado referência, tanto positiva quanto negativa. A ampliação do seu território e suas conquistas nas regiões que antes cabiam ao México, a Doutrina Monroe e a postura assumida pelos Estados Unidos em relação ao restante da América a partir de então, foram definindo aproximações e distanciamentos. A *RIHGB*, não cita o pan-americanismo, nem trata do assunto nas revistas deste recorte temporal, mas, essa visão de admiração em relação aos norte-americanos é algo comum entre os brasileiros de acordo com boa parte da historiografia. (ARDAO, 1986)

Por que motivos o pan-americanismo não teria se transformado em um tema central para o *IHGB*? Essa é uma questão ainda sem resposta definitiva. Talvez fosse um assunto muito recente para ser pensado naquele momento, já que a escrita daqueles intelectuais era guiada por características “metódicas” e pela valorização do passado e da “verdade”. Aderir a uma nomenclatura recém-criada seria um comportamento jornalístico, distante dos ideais do instituto. Mas, nem ao menos comentar durante as reuniões sobre o evento que ocorria nos Estados Unidos, causa estranheza.

Nas listagens nominativas dos sócios presentes nas atas da última revista em estudo, a de 1894, podemos vislumbrar um panorama da atuação estrangeira dentro do instituto. Até a data da publicação da revista de 1894 havia exatamente 220 sócios, mais 6 presidentes honorários no *IHGB*. Esse número se subdivide em: sócios nacionais honorários; sócios efetivos; sócios nacionais correspondentes; sócios beneméritos; sócios honorários estrangeiros; sócios correspondentes estrangeiros; e presidentes honorários. Podemos perceber a participação da América, e mais especificamente da América Latina, nesses números realizando algumas comparações.

Tabela 5 – Presidente honorário americano

Total de presidentes honorários do <i>IHGB</i>	Total de representantes latino-americanos	Nome	Origem	Data de admissão no <i>IHGB</i>

6	1	Miguel Jurez Celman (ex-presidente da Conf. Argentina)	Argentina	13 nov. 1889
---	---	--	-----------	--------------

Tabela 6 – Sócios honorários americanos

Total de sócios honorários estrangeiros no <i>IHGB</i>	Total de representantes americanos	Nomes ¹⁰⁶	Origens	Datas de admissão no <i>IHGB</i>
22	12	Bartolomeo Mitre	Argentina	20 nov. 1871
		Blasco Vidal	Uruguai	20 nov. 1889
		Enrique Moreno	Argentina	13 set. 1889
		Estanislao E. Zeballos	Argentina	7 dez. 1883
		Francisco Garcia Calderon	Peru	12 ago. 1892
		Guilherme A. Seoane	Peru	22 mai. 1891
		Jozé Vargas	Venezuela	23 dez. 1845
		Manoel Villamil Blanco	Chile	29 nov. 1889

¹⁰⁶ A listagem nominativa segue em ordem alfabética como no original.

		Miguel Antônio de La Lama	Peru	12 ago. 1892
		Norberto Quirno Costa	Argentina	13 set. 1889
		Ricardo Bossel	Peru	12 ago. 1892
		Tomaz C. Mosquera	Equador	14 nov. 1844

O restante dos sócios honorários estrangeiros, dez representantes, são portugueses, italianos ou franceses. Essa categoria não apresenta sócios de origem norte-americana, mas, como veremos, estes aparecem na listagem de sócios correspondentes estrangeiros.

Tabela 7 – Sócios correspondentes americanos

Total de sócios correspondentes estrangeiros no <i>IHGB</i>	Total de representantes americanos	Nomes ¹⁰⁷	Origens	Datas de admissão no <i>IHGB</i>
64	16	Alexandre Sorondo	Argentina	29 nov. 1889
		Alexandre W. Bradford	Estados Unidos	14 mar. 1846
		Angelo Justiniano Carranza	Argentina	7 out. 1887

¹⁰⁷ A listagem nominativa segue em ordem alfabética como no original.

		Anibal Echeverria I. Reis	Chile	25 out. 1889
		Arturo de León	Uruguai	3 jul. 1891
		B. M. Norman	Estados Unidos	14 mar. 1846
		Constantino Bannen	Chile	29 nov. 1889
		Diego de Barros Arana	Chile	17 nov. 1871
		Frank Vincent	Estados Unidos	9 dez. 1892
		James G Fletcher	Estados Unidos	7 nov. 1862
		Jozé Antônio Pardo	Equador	14 nov. 1844
		Julio Bañados Espinoza	Chile	14 ago. 1891
		Martín Rivadavia	Argentina	29 nov. 1889
		Vicente G. Quezada	Argentina	7 dez. 1883
		Vicente Rocafuerte	Equador	14 nov. 1844

		William B. Hodgson	Equador	14 mar. 1840
--	--	--------------------	---------	--------------

Podemos notar, com este breve mapeamento dos sócios estrangeiros, que há uma efetiva representatividade dos países vizinhos dentro do instituto. Além da participação como correspondentes, ferramenta importante tanto para a difusão de ideias, quanto para a busca de informações sobre a história do Brasil contadas em outros pontos do globo, o grande número de sócios honorários hispano-americanos pode ser um indício de preocupação com as relações internacionais dentro do subcontinente e, mais ainda, com a diplomacia cultural/intelectual com nossos vizinhos de língua espanhola.

Os cinco representantes norte-americanos, entre os sócios correspondentes estrangeiros, demonstram que o *IHGB* mantinha relações com seu grande vizinho do norte naquele momento, mas sua representatividade não chega a ser comparável à latino-americana durante o período em estudo.

Como foi possível notar com a análise dos artigos que mencionam ou tratam do assunto “América”, nenhum deles fala sobre a identidade do Brasil ou de uma ideia de América una, como pretendem os conceitos de América Latina ou Pan-América. Assim, iremos nos aprofundar nesse assunto por meio das atas das revistas do instituto, pois, se os artigos trazem conteúdos diversos e pouco direcionados, as atas nos demonstram os pensamentos dos intelectuais/letrados e os assuntos a eles contemporâneos.

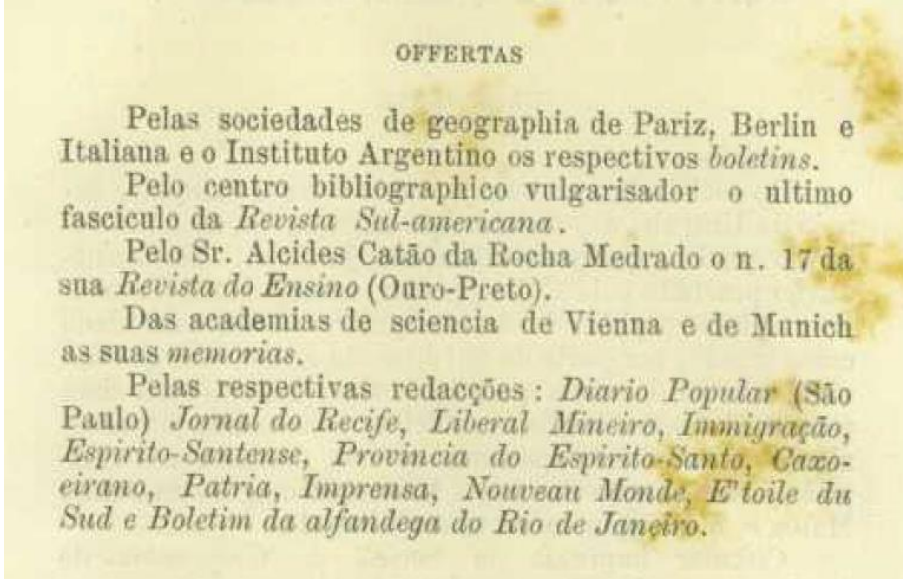
Depois de verificar as publicações na revista do *Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, se fez necessário realizar uma análise das atas das reuniões realizadas durante os anos de estudo para compreendermos se o que era discutido no período trazia referências e demonstrava as características das relações existentes entre os demais países da América e o Brasil. Vejamos o que foi possível encontrar nelas.

3.2 ESTUDOS DE CASO: ATAS

Assim como iniciamos o tópico anterior com uma tabela para facilitar a compreensão do assunto quantificando os dados relativos aos artigos, optamos por iniciar este tópico também com uma tabela. Dessa forma, toda vez que, em alguma reunião, toca-se em assuntos relacionados à América, ou algum país da América, lançamos os dados na tabela a seguir. Essa metodologia facilita o estudo e a compreensão do conteúdo que nos diz muito sobre a diplomacia cultural existente entre os países da América.

Tabela 8 – menções à América nas atas da RIHGB

Ano e Tomo da RIHGB	Páginas	Assunto abordado
1889 – Parte 2	453	Festa realizada pelo <i>IHGB</i> para os oficiais da marinha chilena.
	460	Solução de conflitos relacionados à questão das fronteiras entre Argentina e Brasil.
1890 – Parte 2	401	Notícia sobre o livro “Brasil e Chile”, impresso, mas até então não distribuído.
	405	Discurso da comissão enviada ao comandante do encouraçado chileno e resposta do comandante.
	435	Proposta de Construção de uma estátua de Cristóvão Colombo no Pão de Açúcar, Rio de Janeiro, em homenagem ao quarto centenário do descobrimento da América.
	440	Carta do ministro peruano informando ser favorável à construção da estátua em homenagem ao descobrimento da América no Brasil.

	465	Criação da classe de sócios beneméritos utilizando como exemplo a prática já realizada pelos norte-americanos.
-	-	<p>“Ofertas”, “Propostas” e “Expediente”, – presentes nas atas de todos os anos – são “seções” da revista que tratam geralmente do recebimento e envio de obras, cartas, documentos, entre outros itens, documentando a circulação de ideias entre institutos, universidades, centros científicos e demais organizações afins. Nessas seções também podemos encontrar solicitações de entrada para as cadeiras do <i>IHGB</i>, cujo passaporte seria a apresentação de uma ou mais obras representativas e a recomendação dos sócios. Nessas seções podemos encontrar menções a diversas nações da América representadas pelos muitos locais que promoveram o conhecimento por meio da circulação de dados, documentos, obras, ideias, entre outros. Segue exemplo retirado da ata de reunião do dia 26 de abril de 1889, contendo informações sobre os itens ofertados ao <i>IHGB</i>, vindos do restante do Brasil e do mundo.</p> <p>Imagem 7 – Ofertas na ata de 26 de abril de 1889.</p>  <p style="text-align: center;">OFFERTAS</p> <p>Pelas sociedades de geographia de Pariz, Berlin e Italiana e o Instituto Argentino os respectivos <i>boletins</i>. Pelo centro bibliographico vulgarizador o ultimo fasciculo da <i>Revista Sul-americana</i>. Pelo Sr. Alcides Catão da Rocha Medrado o n. 17 da sua <i>Revista do Ensino</i> (Ouro-Preto). Das academias de sciencia de Vienna e de Munich as suas <i>memorias</i>. Pelas respectivas redacções : <i>Diario Popular</i> (São Paulo) <i>Jornal do Recife</i>, <i>Liberal Mineiro</i>, <i>Immigração</i>, <i>Espirito-Santense</i>, <i>Provincia do Espirito-Santo</i>, <i>Cazoeirano</i>, <i>Patria</i>, <i>Imprensa</i>, <i>Nouveau Monde</i>, <i>Etoile du Sud</i> e <i>Boletim da alfandega do Rio de Janeiro</i>.</p>

Como podemos perceber, é nas atas que ocorrem de forma mais nítida as conexões entre o Brasil e o restante da América. Os artigos não trazem tantos dados sobre o que os intelectuais

do *IHGB* pensavam a respeito da América de colonização espanhola e os Estados Unidos e vice-versa, mas durante as sessões/reuniões dos sócios do instituto foi possível perceber essas aproximações.

Iniciemos então nossas análises particulares em relação ao Chile, Argentina, Peru e Estados Unidos.

3.2.1 *Uma festa para os chilenos*

Em 31 de outubro de 1889, o *IHGB* ofereceu aos oficiais da marinha chilena, representados por Cochrane e sua esquadra, uma recepção honrosa que foi coroada com a festividade que ficou conhecida como “o baile da ilha fiscal” em 9 de novembro daquele ano. Os militares chilenos foram homenageados no Brasil com uma festa pomposa, pouco antes da Proclamação da República. O motivo da homenagem seria o agradecimento pelo excepcional tratamento dado aos militares brasileiros quando estiveram em terras chilenas e, também, as bodas de prata da princesa Isabel em seu casamento com Conde d’Eu. O evento reuniu toda a alta sociedade imperial. Apesar de todo o movimento republicano já evidente, o monarca não esperava cair tão cedo. A festa foi a última do período imperial, ocorreu apenas seis dias antes da Proclamação da República e marcou a queda da monarquia no Brasil.

Nas atas da sessão de 1º de março de 1890 consta que estavam impressos, porém ainda não distribuídos, exemplares do livro “Brazil e Chile”, um suplemento especial da Revista do *IHGB* sobre a homenagem aos oficiais chilenos em 1889¹⁰⁸.

Além da homenagem festiva, três chilenos foram incorporados como membros do *IHGB* naquele ano. Dois deles como correspondentes e o outro como honorário, totalizando 5 membros chilenos no Instituto Brasileiro até aquela data.

Veja a seguir a relação de membros do *IHGB* que possuem origem chilena:¹⁰⁹

¹⁰⁸ Não tivemos acesso a essa documentação durante as pesquisas; pôde-se verificar apenas as menções a ela nas atas das revistas.

¹⁰⁹ Muitos nomes foram aportuguesados pela RIHGB. Segue grafia como se encontra na revista e algumas adequações entre colchetes.

Tabela 9 – Membros correspondentes chilenos até 1889.

MEMBROS CHILENOS CORRESPONDENTES ATÉ 1889 ^{110,111}	ANO DE ENTRADA NO IHGB:	ALGUMAS INFORMAÇÕES SOBRE OS MEMBROS:
Manoel Salas Corvaland [Corbalán]	1839	Homem público que teve participação na independência do Chile. Recebeu o título de advogado pela real Audiência de Lima, onde foi morar acompanhando seu pai por ocasião de um trabalho (assessor do vice-rei do Peru). Fundou em 1797 a Real Academia de San Luis. Foi exilado na ilha de Juan Fernández quando as tropas realistas venceram, porém, após a independência ocupou vários cargos políticos. Foi importante para a formação de Andrés Bello.
Diogo [Diego] de Barros Arana	1871	Um dos principais representantes da historiografia chilena – foi historiador e educador – tendo escrito uma obra monumental de 16 volumes, “História Geral do Chile”. Possuía ideias liberais e positivistas. Foi membro da faculdade de humanidades e da Universidade do Chile, da qual foi reitor. Em 1863, tornou-se reitor do Instituto Nacional. Exilou-se em alguns

¹¹⁰ Em 1892, o chileno Julio Bañados Espinosa foi nomeado sócio correspondente do IHGB. Foi professor de história, geografia, gramática e direito, diretor de escola e de partido político, ministro, secretário e diretor de operações militares e deputado. Além de ter participado e por vezes liderado várias organizações e comissões.

¹¹¹ As informações biobibliográficas sobre os sócios estrangeiros são superficiais, pois, foram retiradas de sites dos seus respectivos países e são de domínio público. Algumas informações foram adicionadas utilizando como referência as fontes deste trabalho, as revistas do *IHGB* entre 1889 e 1894. Não se pretende aqui analisar cada indivíduo, ou suas produções, e sim compreender a participação estrangeira no instituto, portanto, não nos aprofundaremos nas pesquisas em relação a cada sócio estrangeiro, neste trabalho.

		países da América Hispânica e na Europa, por fazer oposição ao governo de Manuel Montt e, posteriormente, por ocasião da guerra civil. Arana foi um homem público/político e ao mesmo tempo intelectual. Em homenagem, a biblioteca nacional leva seu nome.
Anibal Ferrero	1889	Acredita-se que estava ligado à Armada Naval do Chile por ter sido nomeado no mesmo período de Constantino Bannen.
Constantino Bannen	1889	Militar ligado à Armada Naval do Chile. Foi capitão de fragata blindada Cochrane que visitou o Brasil antes da queda da monarquia e participou do Baile da ilha fiscal com o objetivo de estreitar laços de amizade entre as nações.
MEMBROS CHILENOS HONORÁRIOS ATÉ 1889:	ANO DE ENTRADA NO IHGB	ALGUMAS INFORMAÇÕES SOBRE OS MEMBROS:
Manoel Villamil Blanco	1889	Político do partido radical, foi governador, secretário da missão diplomática ao Brasil e ao Uruguai de Demetrio Lastarria, ministro plenipotenciário no Brasil, ministro de guerra e marinha e deputado no Chile.

Buscando compreender se houve ou não um diálogo efetivo entre os chilenos em questão e os intelectuais do instituto, é possível verificar que a aproximação foi muito mais político/diplomática do que intelectual. É possível chegar a essa conclusão graças à breve ficha técnica elaborada sobre cada um dos novos membros chilenos. Como podemos notar, dos cinco

sócios recém integrados ao instituto, apenas Barros Arana mantinha uma carreira ligada ao estudo, à escrita e ao ensino das humanidades, além da carreira política. Todos os demais se tornaram membros por deterem cargos políticos, diplomáticos ou militares, o que demonstra a relevância do *IHGB* nas relações exteriores e principalmente no que diz respeito ao contato com os vizinhos do continente. Essa postura denota ainda que o modelo de seleção de sócios, já praticado entre os brasileiros em boa medida, se estendeu aos correspondentes estrangeiros.

De acordo com algumas biografias, incluindo a disponibilizada pela Memória Chilena - Biblioteca Nacional do Chile, o modelo de escrita da história utilizado por Barros Arana era baseado na concepção de história metódica/positivista¹¹² que se destacou no século XIX, com a defesa da exposição, ordenação imparcial dos fatos históricos, sem interpretações ideológicas, colocando no centro a verdade histórica. Uma escrita metódica guiada por um contexto intelectual voltado para o pensamento laico, liberal e positivista. Aparentemente, a escrita da história dos intelectuais/letrados do *IHGB*, durante o recorte temporal que nos cabe estudar, se aproximava desse viés de Barros Arana. Apesar de compreendermos o período e a instituição em sua diversidade e heterogeneidade, é importante compreender que este padrão metódico está, inclusive, descrito na primeira revista que traz a legislação pertinente ao instituto. Nesse sentido, de acordo com Tomás Sansón, as produções da Argentina e do Uruguai foram inspiradas na escrita da história brasileira. Para o autor, o Brasil e o *IHGB* teriam sido referências para a produção histórica na América que conhecemos como Latina. Arana não produziu obras sobre o Brasil, mas o longo período em que esteve exilado na Argentina e na Europa onde passou por Inglaterra, França e Espanha, o levou a produzir uma série de artigos/obras ligados à cultura e a política na América¹¹³, o que provavelmente levou ao interesse do instituto nas produções do correspondente.

3.2.2 *Um abraço argentino*

¹¹² REIS, José Carlos. A escola metódica, dita 'positivista'. In: REIS, José Carlos. *A história entre a filosofia e a ciência*. 3.ed., 1 reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

¹¹³ *História do Chile* - importante obra composta de 16 tomos; *Compêndio elementar da história americana*; e muitas outras obras vinculadas principalmente à história do Chile e aos grandes nomes do país.

A Argentina era o país mais próximo do Brasil em toda a América. De acordo com Gustavo Sorá, a proximidade era tão notável que apareceu até no número de traduções de obras brasileiras pela Argentina. Ele afirma ter sido a Argentina o segundo país a traduzir obras brasileiras em quantidade, principalmente romances e o que Sorá denominou obras sobre o “pensamento social brasileiro”. O primeiro era a França, mas, segundo o autor, muitas vezes esses livros eram antes traduzidos na Argentina. Apesar do recorte temporal de Sorá ser posterior ao desta pesquisa em alguns anos, ela não perde sua importância ao demonstrar as aproximações por meio das traduções. Eram obras de Jorge Amado, Érico Veríssimo, Gilberto Freire, Monteiro Lobato, Clarice Lispector, Lidia Besouchet, Carlos Drummond de Andrade, Vinicius de Moraes, José Mauro de Vasconcelos, entre outros. A tradução dessas obras é sintomática já que, para o autor, traduzir um livro seria o mesmo que escolher interpretar o que foi escrito para um contexto adaptando-o a outro. Era identificar-se. No trecho que segue, Sorá explica a relevância das traduções e sua ligação com a constituição das identidades nacionais.

*Traducir es mucho más que interpretar y transcribir un texto en otra lengua. Desde un punto de vista antropológico e histórico la traducción, como actividad relativa a otras prácticas tales como la edición, la venta de libros, la lectura, puede ser un fenómeno económico, político. Revela sin dudas, una de las dimensiones centrales de la circulación internacional de ideas, de la generación de intercambios de bienes simbólicos, de la constitución de las identidades nacionales.*¹¹⁴ (SORÁ, 2003, p. 24)

Um fato descrito e discutido nas atas da RIHGB do período em estudo foi a questão territorial. Apesar da aproximação ocorrida entre os unitários¹¹⁵ da Argentina e o Brasil durante a Guerra do Prata, entre 1851 e 1852, e na Guerra do Paraguai, entre 1864 e 1870, ainda havia diferenças entre os países. As divisas entre Argentina e Brasil não estavam devidamente demarcadas por ocasião das missões e da expansão do território brasileiro ainda durante o período colonial.

¹¹⁴ Traduzir é muito mais que interpretar e transcrever um texto em outra língua. Desde um ponto de vista antropológico e histórico a tradução, como atividade relativa a outras práticas tais como a edição, a venda de livros, a leitura, pode ser um fenômeno econômico, político. Revela sem dúvidas, uma das dimensões centrais da circulação internacional de ideias, da realização de intercâmbios de bens simbólicos, da constituição das identidades nacionais.

¹¹⁵ Os unitários eram membros de um partido político de tendência liberal na Argentina. Defendiam um governo centralizado. Seu principal oponente era o partido dos federalistas, que desejavam a descentralização. O unitarismo se identificava com os colorados do Uruguai, enquanto o federalismo se identificava com os *blancos*. Argentina e Brasil, além da França e da Inglaterra, participaram da Guerra Grande ou Guerra Civil do Uruguai ao lado dos unitaristas. (DORATIOTO, 2002) (LADEIRA, 2008)

Essa crise foi solucionada em 1889 com a assinatura de um tratado entre esses países fazendo com que a relação entre os vizinhos melhorasse ainda mais. Por ocasião da assinatura pacífica desse tratado, o presidente da Argentina, D. Miguel Juárez Celman, recebeu o título de presidente honorário do IHGB. Cargo que dividiu com pessoas extremamente influentes e ligadas à corte brasileira como: Conde d’Eu, Príncipe de Joinville (almirante da família imperial – França), Conde d’Áquilla (familiar do imperador), Príncipe real da Dinamarca, Duque de Saxe (almirante austro-húngaro, almirante da marinha brasileira), e nunca antes dado a um hispano-americano. O presidente agradeceu enormemente a honra pelo título. Além das nomeações dos membros, foram confeccionadas e entregues medalhas a vários estrangeiros.

Veja a seguir a relação de membros do IHGB que possuem origem argentina:

Tabela 10 – Membros argentinos até 1889

PRESIDENTES HONORÁRIOS HISPANO-AMERICANOS NO IHGB ATÉ 1889: ¹¹⁶	DATAS DE ENTRADA NO IHGB:	ALGUMAS INFORMAÇÕES SOBRE OS MEMBROS:
D. Miguel Juárez [Juárez] Celman	1889	Presidente da Argentina entre 1886 e 1890. Seu governo foi marcado pelo êxito nos primeiros anos e pelo autoritarismo e crise econômica ao final do mandato, o que levou à sua renúncia após pressões internas. Assim, Celman saiu da política definitivamente, após ter passado por diversos cargos públicos: deputado, senador e ministro provincial em Córdoba, governador, senador e presidente.

¹¹⁶ As informações biobibliográficas sobre os sócios estrangeiros são superficiais, pois, foram retiradas de sites dos seus respectivos países e são de domínio público. Algumas informações foram adicionadas utilizando como referência as fontes deste trabalho, as revistas do *IHGB* entre 1889 e 1894. Não se pretende aqui analisar cada indivíduo, ou suas produções, e sim compreender a participação estrangeira no instituto, portanto, não nos aprofundaremos nas pesquisas em relação a cada sócio estrangeiro.

MEMBROS ARGENTINOS CORRESPONDENTES ATÉ 1889:	DATAS DE ENTRADA NO IHGB:	ALGUMAS INFORMAÇÕES SOBRE OS MEMBROS:
Vicente G. Quezada [Quesada]	1883	Historiador e diplomata, escreveu obras como <i>Los indios en las provincias del Río de la Plata</i> e <i>La vida intelectual en la América española</i> . Também foi ministro da província de Buenos Aires e deputado nacional. Em 1880 saiu da vida política, iniciando sua carreira diplomática que se manteve até 1904.
Angelo [Angél ou Anjél] Justiniano Carranza	1887	Advogado, escritor, historiador e biógrafo argentino. Ele exerceu a sua profissão de advogado quase exclusivamente na função pública. Atuou em várias comissões, empregos e funções públicas: juiz, auditor geral da Marinha Nacional da Argentina - cargo que ocupou de 1881 até sua morte - e auditor de guerra. Ele também foi chefe da comissão científica reconhedora do rio Juramento. O que estreitou seu relacionamento com o <i>IHGB</i> foi o fato de ter sido presidente da comissão de liquidação da dívida da Independência do Brasil, na Argentina, e também por ter sido membro de comissões relacionadas à história argentina.
Alexandre Sorando	1889	Provavelmente, ligado à marinha argentina e a Martín Rivadavia.

Martín Rivadavia	1889	Foi um importante marinheiro argentino que se destacou na defesa da soberania da Argentina na Patagônia. Na década de 1880, tornou-se comandante de esquadrão e capitão de fragata.
MEMBROS ARGENTINOS HONORÁRIOS ATÉ 1889:	DATAS DE ENTRADA NO IHGB:	ALGUMAS INFORMAÇÕES SOBRE OS MEMBROS:
Manoel de Serraleoa	1840	(não foram encontrados dados sobre este sócio)
Bartolomeo [Bartolomé] Mitre	1871	Foi um importante político, militar, historiador, escritor, jornalista e estadista argentino. Passou por um longo período de exílio no Uruguai, na Bolívia, no Peru e no Chile. Ao retornar para a Argentina, após a queda de Rosas, foi legislador, ministro, governador e presidente entre 1862 e 1868. Depois de sair da presidência foi senador nacional. Na década de 1870 foi enviado pelo presidente Sarmiento ao Brasil para pedir apoio na discussão sobre os limites e fronteiras da Argentina com o Paraguai. Em 1874 escreveu <i>La Historia de Belgrano o de la Independencia Argentina</i> , obra importante da historiografia argentina; posteriormente produziu <i>La Historia de San Martín y de la Emancipación Sudamericana</i> . Seu trabalho como historiador abarcou a produção, a compilação, a tradução, a ordenação e a criação de instituições. Comprou o Jornal <i>La</i>

		<i>nación</i> , que funciona até a atualidade. Foi um dos personagens mais homenageados da história de seu país.
Estanislao E. [S. = Severo] Zeballos	1883	Foi advogado, político, jornalista, professor, historiador, etnógrafo, geógrafo, legislador e escritor argentino e um dos principais intelectuais e políticos da geração de 1880, que ocupou três vezes o cargo de Ministro das Relações Exteriores em seu país. Estanislao Zeballos foi um escritor de grande fecundidade, publicou livros, artigos, palestras, resenhas biográficas e notas bibliográficas que somam mais de 400 títulos. Entre eles, <i>La conquista de 15.000 leguas</i> (1878); <i>Episodios en los territorios del sur</i> (1879); <i>Viaje al país de los araucanos</i> (1881); <i>Descripción amena de la República Argentina</i> (1883); <i>El Avance de la Frontera a los Andes</i> (1883). Todos escritos antes da sua entrada no <i>IHGB</i> .
Enrique [B.] Moreno	1889	Foi ministro plenipotenciário da Argentina em missão no Brasil em decorrência da apresentação da proposta para a construção do monumento em homenagem à Cristóvão Colombo. Realizou um trabalho diplomático importante no que diz respeito ao tratado de limites da Argentina com o Brasil.
Norberto [Camilo] Quirno Costa	1889	Foi jornalista, advogado, diplomata proeminente e vice-presidente da República Argentina entre 1898 e 1904. Foi um dos representantes argentinos nos vários tratados

		de fronteira com os Estados vizinhos no posto de ministro das relações exteriores entre 1886 e 1889. Antes de ser nomeado ministro já havia vindo ao Brasil como secretário na missão argentina ao Império do Brasil na década de 1860.
--	--	---

Por ocasião da nomeação devido à assinatura do tratado fronteiriço entre Brasil e Argentina, o Ministro das Relações Exteriores da Argentina, Norberto Quirno Costa, enviou um ofício lido e publicado na ata da reunião do dia 30 de outubro de 1889, no qual agradecia a honraria afirmando os laços de fraternidade e amizade recíproca entre os países nos momentos de paz e guerra. Assim, podemos perceber que “na América Latina foi bastante evidente a vinculação estreita da intelectualidade à política, desde o início do século XIX [...]” (REIS, 2008, p. 92). Desta forma, endossando a afirmação de Mateus Favaro Reis¹¹⁷, Sérgio Campos Gonçalves reforça¹¹⁸ “[...] a fundação do *IHGB*, em 1838 pode ser compreendida como uma forma de reação em favor da monarquia constitucional, dado que, em larga medida, significou a criação de um instrumento institucional para a elite cortesã tentar direcionar o futuro do Estado brasileiro.” Conclui-se que apesar da dita neutralidade e do caráter apolítico defendido pelos sócios do Instituto, a política sempre apareceu nos discursos dentro do *IHGB*, desde sua fundação, que podemos identificar, ela própria, como um ato político. (GONÇALVES, 2012, p. 213) O instituto era mais que um reduto intelectual de produção histórica e geográfica nacional era, também, um centro político e diplomático onde o próprio Estado se construía.

De acordo com Kátia Baggio, as relações do Brasil com a Argentina iam muito além das questões diplomáticas, culturais e comerciais – que, por si só, já eram significativas. Ir à Argentina significava fazer uma viagem de formação intelectual. No final do século XIX e

¹¹⁷ REIS, Mateus Favaro. *Americanismo(s) no Uruguai: os olhares entrecruzados dos intelectuais sobre a América Latina e os Estados Unidos (1917-1969)* - Dissertação de Mestrado apresentada, em 2008, ao Programa de Pós-graduação em História, do Departamento de História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais – Disponível on-line: http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/VGRO-7PMH3M/disserta_o_de_mateus_f_varo_reis.pdf?sequence=1

¹¹⁸ GONÇALVES, Sérgio Campos. *O intelectual cortesão e a civilização: Um perfil dos fundadores do IHGB e de sua Revista*. In: OLIVEIRA, Maria da Glória de. & ARAÚJO, Valdeí Lopes de. (orgs.) *Disputas pelo passado: História e Historiadores no Império do Brasil*. Ouro Preto: Edufop/PPGHIS, 2012.

início do XX, a Argentina era um país reconhecido pelo seu vigor intelectual e cultural. A Argentina era considerada “um pedaço da Europa na América do Sul”. (BAGGIO, 2012, p.176)

Além da questão fronteiriça, a Argentina representada pelos sócios presentes no *Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, é muito elogiosa em relação à instituição e ao Imperador, que de acordo com o presidente argentino à época, era “o mais sábio dos soberanos contemporâneos” (*RIHGB*, 1889 – 2ª parte, p. 469-470). Afirmou ainda a importância dos mesmos para elevar o nível intelectual da América, o que reforça essa aproximação político/intelectual mesmo antes da proclamação da república no Brasil, ao menos nos discursos diplomáticos.

Esses elogios aparecem também nas atas de 1890 com a proposta argentina para a construção de uma estátua em homenagem à “descoberta” da América, em terras brasileiras.

Fôssem convidados todos os governos e povos da America a concorrerem a tão alto fim; que esse monumento fôsse uma estatua colossal de Chistovão Colombo, e que, attenta a posição geographica do Brazil, e mais ainda a da sua capital, em cujo porto lhe assignala a entrada, como que destinado pela Providência, um pedestal natural, que é o Pão de Assucar, onde deverá ser erguido o monumento. O facto d’esta Idea não ter partido do Brazil e mais que tudo o desprendimento com que a nação argentina declinou de sua honra de ser o guarda de tão notável commettimento, - são garantes de que as outras nações da America concordarão com o proposto. (*RIHGB*, 1890, PARTE II, p. 436)¹¹⁹

Aceita e aplaudida a proposta pelo *Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* e por integrantes de outros países da América, o monumento não foi erigido por diversas questões, mas é um exemplo representativo da tentativa de aproximação entre as nações latino-americanas. Durante as discussões sobre a proposta de construção do monumento houve, além dos entusiastas da ideia, também, posicionamentos mais rígidos no sentido de demonstrar a impossibilidade da construção do mesmo ou ainda sobre a possibilidade da escolha de um outro local, o que demonstra a heterogeneidade dos discursos no interior do *IHGB*. Esse jogo de interesses envolvendo as relações diplomáticas entre os países latino-americanos ia muito além do que aparece explícito e publicado nas revistas. Apesar da nomeação de comissões, do envio de propostas e de todo um planejamento para a construção do monumento, ele não se efetivou, pois, com a queda da monarquia, o principal financiador do *IHGB* não poderia mais auxiliá-los

¹¹⁹ O texto segue transcrito como no original.

nesta empreitada. Além disso, os anos que se seguiram à proclamação da república no Brasil foram tensos, ocorrendo inclusive revoltas armadas que prejudicaram os trabalhos do instituto, justamente nos anos de comemoração pelo “descobrimento”.

3.2.3 *O espírito americanista peruano*

Neste mesmo período, o Peru também se aproxima. O ministro peruano G. A. Seoane envia uma resposta ao que havia sido discutido no *IHGB* para a elevação da estátua de Cristóvão Colombo. No ofício enviado, o ministro demonstrou a alegria pela decisão de construir a estátua no Brasil e se ofereceu para participar dos projetos. O ofício foi impresso na ata da reunião ocorrida no dia 9 de junho daquele ano, sendo possível verificar no fragmento de texto a seguir o pronunciamento do ministro,

Los diarios de esta capital dan cuenta de la interesante sesión, que anoche tuvo esa ilustre sociedad, en que se ha iniciado el proyecto de solemnizar el cuarto aniversario del descubrimiento de América erigiendo la estatua de Cristóbal Colón sobre el Pan de Azúcar de La Bahía de Rio Janeiro. Esta iniciativa honra al Instituto Histórico y Geográfico y demuestra, que animan a sus socios sentimientos de noble confraternidad, honran sus hermanos de América, porque intentan llevar un compromiso de gratitud, que nos es á todos común. Siendo Perú caro ese espíritu de americanismo, que ha fomentado siempre y en toda circunstancia, permítame V. E., que me asocie calorosamente al deseo del Instituto, que acogera con suma complacencia el pueblo peruano.¹²⁰ (RIHGB, 1890, PARTE II, p. 441)

Mais uma nação latino-americana que se aproxima do Brasil e a trata como irmã, pelas palavras do ministro peruano, após a proclamação da República. É possível notar essa postura no discurso do ministro Seoane, quando este afirma ser o Peru caro ao espírito americanista,

¹²⁰ Os diários dessa capital dão conta da interessante sessão, que na noite passada essa ilustre Sociedade, em que se iniciou o projeto de homenagear o quarto aniversário do descobrimento da América erguendo a estátua de Cristóvão Colombo sobre o Pão de Açúcar na Bahia do Rio de Janeiro. Esta iniciativa honra o Instituto Histórico e Geográfico e demonstra, que seus membros incentivam sentimentos nobres de fraternidade, honrando seus irmãos da América, porque pretendem assumir um compromisso de gratidão, que nos é a todos comum. Sendo o Peru caro a esse espírito de americanismo, que sempre incentivou em todas as circunstâncias, permita-me Vossa Excelência, que me associe ao desejo do Instituto, que acolhera com prazer o povo peruano.

neste caso, de união das nações americanas de origem Ibérica. Era interessante naquele momento formar um grupo coeso na América dita Latina. Juntos seriam mais fortes econômica e politicamente; separados corriam o risco de encontrar inimigos ao lado. Apesar de todas as propostas de aproximação que surgiram desde o início dos processos de independência, como as de Simón Bolívar, por exemplo, que imaginava uma América una e identitariamente ligada, passando pela construção dos vários “ismos” com os quais trabalhamos no capítulo anterior, houve disputas e distanciamentos que barraram, em boa parte, sua efetivação. Porém, o fim do Império do Brasil trouxe consigo a necessidade de aproximação mais profunda, pelo menos oficialmente, com os vizinhos republicanos.

A solicitação de inserção de membros dessas nações não se resume aos oito que entraram em 1889, totalizando vinte e dois hispano-americanos até esta data. Em 1890 não entram novos membros. Em 1891 três hispano-americanos se tornam sócios: um uruguaio, um peruano e um chileno. Em 1892 outros três hispano-americanos se tornam sócios, todos peruanos. Em 1893 e 1894 não houve entrada de novos membros hispano-americanos no *IHGB*.

Além disso, a troca de materiais entre o instituto brasileiro e demais instituições, universidades, revistas e órgãos similares do Brasil e de diversos países estrangeiros, incluindo as nações vizinhas, se fez durante todo o ano de 1889 e nos demais. São exemplos a Sociedade Científica Argentina, a Associação Rural do Uruguai, Real Academia de História de Madri, a Biblioteca Nacional de Lisboa, o Ministério de Indústria e Obras Públicas do Chile, entre muitos outros.

Estes números são indícios representativos tanto no que diz respeito à participação de membros hispano-americanos, quanto no que diz respeito à circulação das obras pelas instituições desses países de acordo com os registros da própria *RIHGB*.

3.2.4 Inspiração norte-americana

Apesar da nítida aproximação entre hispano-americanos e Brasil neste período, os Estados Unidos não deixaram de ser referência. Como nos demonstram os trabalhos de Kátia Baggio e Arturo Ardao, por exemplo, o Brasil apoia a ideia de pan-americanismo surgida em

1889 e valoriza os contatos políticos e comerciais, principalmente, com o “gigante” da América do Norte. Mesmo que os intelectuais do *IHGB* não adotem o termo pan-americanismo nas páginas da sua revista é possível perceber como o Brasil toma o país como exemplo.

Já vimos o artigo no qual os Estados Unidos são nomeados pelo autor como “maravilhosamente desenvolvido sob os princípios da liberdade”. Esse é apenas um exemplo. Outra questão que foi decidida no *IHGB* também tomando os Estados Unidos como exemplo foi a criação da classe dos sócios beneméritos. Vejamos um trecho da proposta.

Nos Estados-Unidos d’América do Norte são muitos os exemplos de associações literárias, que recebem em seu gremio como protectores cidadãos abastados, que lhes ministram elementos pecuniarios em proveito das letras e das ciencias (RIHGB, 1890-2, p. 465)

Além da criação dos beneméritos, a participação nas Conferências Pan-americanas foi um importante passo nas aproximações entre Brasil e Estados Unidos. Apesar do Instituto não comentar nada sobre o evento, nem mencionar a ideia de Pan-América, nas atas da revista de 1891, mais especificamente na parte que compete ao expediente da sessão do dia 1 de maio, está descrito: “*Pelo congresso internacional de Americanistas Reunion del año de 1892 en el convento de Santa Maria de la Batida*”. (RIHGB, 1891-2, p.192)

Analizamos casos relativos ao Chile, à Argentina, ao Peru e aos Estados Unidos da América, mas não podemos deixar de mencionar os contatos entre o *IHGB* e as instituições congêneres do mundo inteiro, facilmente perceptíveis nas “ofertas”, “propostas” e “expediente” das atas das sessões. Outras nações da América aparecem na revista de forma menos evidente como, por exemplo, Uruguai, Paraguai, Equador, México, Venezuela e Costa Rica. Os órgãos, institutos e intelectuais desses países enviavam documentos e obras, recebiam a revista do *IHGB* e, em alguns casos, enviavam obras solicitando uma possível inclusão no grupo de sócios do instituto. Eram trocas culturais riquíssimas que contribuía para a diplomacia cultural/intelectual.

É possível afirmar, depois da análise das fontes deste trabalho e com o auxílio das bibliografias levantadas, que o Brasil, representado aqui pelos intelectuais/letrados do *IHGB* e sua revista, buscou se aproximar daquilo que se convencionou chamar de América Latina no período em estudo sem, contudo, se considerar parte integrante da mesma. As aproximações, apesar de evidentes, não sinalizam um sentimento de identidade comum entre os latino-americanos. Trata-se mais de uma tentativa de relacionamento amigável com os vizinhos

fronteiriços em busca de aliados e com interesses específicos, do que do reconhecimento de um sentimento de pertencimento a um grupo mais amplo no subcontinente.

Podemos perceber, com este capítulo, o quão relevante a diplomacia cultural/intelectual foi para as aproximações político/culturais entre os países da América e o *IHGB*. A produção historiográfica brasileira realizada pelo *IHGB* pode ser vista como uma abertura e incentivo nessas aproximações. Apesar de não ser evidente a influência “hispano-americana” na produção historiográfica brasileira, - como pode ser percebida no Uruguai e na Argentina, mais especificamente, a influência brasileira, inclusive na organização de seus institutos, como já vimos – é notória a presença dos mesmos no instituto brasileiro e mais evidente ainda a preocupação com essa “diplomacia cultural/intelectual” entre eles. Assim, podemos relativizar a distância entre o Brasil e a América Hispânica, ao menos no que diz respeito aos contatos culturais/intelectuais, ainda que, naquele momento, a historiografia não demonstrasse sinais de influência.

As respostas iniciais deste trabalho nos levam à compreensão do *IHGB* e sua revista como mais do que aglutinadores da história das ideias de um povo. Talvez esse povo não apenas nacional e brasileiro, possa ser, também, continental e latino-americano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho procurou abordar o debate sobre as identidades do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, seus intelectuais membros e sua revista. Se analisarmos de forma geral, o que a historiografia defende como sendo o “pensamento brasileiro” no período estudado neste trabalho, não é compatível, ao menos de forma uniforme, com o que era pensado ou produzido pelo *IHGB* entre 1889 e 1894. A intelectualidade brasileira, representada pelos membros do instituto, não estava tão avessa e distante assim do que convencionou-se chamar de América Latina. Neste sentido, o Brasil não era uma ilha.

Ao realizar um estudo sobre as características da revista, dos sócios e do instituto, foi possível perceber a diversidade de discursos e a participação efetiva de membros estrangeiros da América como um todo. Essa participação e aproximação atenua a ideia de distância defendida por boa parte da historiografia, como já demonstramos, à medida que o *IHGB*, concebido para ser o centro de produção da história nacional/oficial, apresentava nítidas intenções de aproximação.

Essas intenções, como foi possível notar durante o decorrer do trabalho, tratam mais de questões diplomáticas do que historiográficas. Dessa forma, as aproximações intelectuais que ocorriam dentro das paredes do instituto foram muito mais uma espécie de diplomacia cultural/intelectual do que uma real troca de ideias pautada na valorização da identidade e no sentimento de pertencimento.

Além disso, a revista, que possui características científicas, trouxe muito mais documentos prontos e obras traduzidas do que uma real produção historiográfica realizada pelos intelectuais membros do *IHGB* naquele período. Sendo, desta forma, as atas da revista a melhor fonte para compreender aquele momento histórico.

O instituto serviu de exemplo para outras nações na América e suas produções históricas, inclusive para a fundação de institutos e organizações similares, o que demonstra as trocas e aproximações entre o Brasil e os países vizinhos.

Ao realizarmos um estudo sobre os conceitos dos americanismos diversos que foram possíveis mapear, tanto na revista, quanto na história, percebemos que nenhum deles abarca de

forma perfeita as características do grupo ou subcontinente que pretende nomear. São conceitos que variaram com o tempo e com as múltiplas interpretações que fizeram deles.

Sobre o conceito de América Latina, a intelectualidade brasileira, no geral, não se identificava naquele momento como parte integrante. Nem, tampouco, o restante da América o enxergava assim. Porém, isso é facilmente compreensível porque o termo América Latina só ganhou mais ênfase no século XX. Mas, é importante dizer que, os intelectuais membros do instituto não utilizavam termo algum que demonstrasse que faziam parte ou não de algum grupo continental ou subcontinental, só foi possível perceber essa aproximação na linguagem relacional e nos microclimas descritos pelas atas das reuniões do *IHGB*, onde eram frequentes as participações dos hispano-americanos.

Quanto ao pan-americanismo, como vimos, apesar de ser defendido por boa parte dos intelectuais brasileiros, como afirma a historiografia consultada, não foi algo defendido ou sequer mencionado pelos intelectuais do *IHGB*, ao menos naquele momento.

Apesar de não se ver como integrante da América Latina em si, ou ser visto dessa forma pelos demais, houve sim, um desejo de aproximação, de forma que ainda sem um nome definido para o que seria aquele grupo de países ao qual o Brasil faria parte, a nação brasileira era considerada importante e, por vezes, líder.

Desta forma, buscamos evidenciar as aproximações que o *IHGB* promoveu durante o período em estudo, por meio dos estudos de caso que demonstraram que, principalmente, nas atas das reuniões, ocorriam aproximações reais entre a intelectualidade da América, como um todo, e do Brasil. Ao tratarmos os casos do Chile, da Argentina, do Peru e dos Estados Unidos, buscamos exemplificar como ocorriam esses encontros, reafirmando as aproximações diplomáticas.

Ao chegar ao final da escrita dessa dissertação espera-se que o leitor consiga enxergar os matizes apresentados compreendendo que, apesar de demonstrarmos aproximações entre os intelectuais/letrados do *IHGB* e os do restante da América, não descartamos a ideia de que boa parte da intelectualidade tanto brasileira, quanto a do restante da América, era avessa a essa aproximação e não se via como parte de um todo. Dessa forma, buscamos apresentar uma realidade específica, vinculada a um ambiente intelectual específico, e a um momento específico, sem, contudo, discordar das distancias percebidas pelos autores renomados que estudaram o assunto.

A produção historiográfica brasileira realizada pelo *IHGB* não aponta uma identidade latino-americana, mas pode ser vista como um incentivo para essas aproximações. Enquanto Uruguai e Argentina se inspiraram no *IHGB* e sua escrita da história, o Brasil se inspira em Paris.

É possível afirmar que os intelectuais/letrados do *IHGB* buscaram se aproximar daquilo que se convencionou chamar de América Latina no período em estudo, sem, contudo, se considerar parte integrante da mesma. As aproximações que existiram não podem ser explicadas pela existência de um sentimento de pertencimento a um grupo mais amplo no subcontinente e sim por um jogo de interesses vinculado à diplomacia cultural.

Este trabalho se mantém aberto a novos estudos e discussões. Serão necessárias novas pesquisas sobre os possíveis contatos entre os intelectuais brasileiros que conviveram com os hispano-americanos no *IHGB* e buscar em suas obras os possíveis impactos que foram incorporados a elas, assim como as possíveis correspondências que possam ter trocado para perceber se havia uma efetiva transformação pela convivência ou se mantiveram-se visões pejorativas e preconceituosas sobre os países vizinhos.

Espera-se, porém, que este trabalho tenha contribuído com os estudos sobre a temática.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Fontes:

Revista e Atas do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Disponível on-line no endereço: <https://www.ihgb.org.br/> Acesso em 15 nov. 2017.

Bibliografia:

ALONSO, Angela. *Ideias em movimento: A geração 1870 na crise do Brasil-Império*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

ALTAMIRANO, Carlos. *Intelectuales - Notas de investigación*. Bogotá: Grupo Editorial Norma, 2006.

ANDERSON, Benedict R.. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*; São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ARAÚJO, Valdeir Lopes de. *A experiência do tempo: conceitos e narrativas na formação nacional brasileira (1813-1845)*. São Paulo: Hucitec, 2008.

ARDAO, Arturo. *Nuestra América Latina*. Montevideo: Ediciones de la Banda Oriental, 1986, p. 58.

ARDAO, Arturo. *Panamericanismo y Latinoamericanismo*. In: ZEA, Leopoldo (Org.). *América Latina en sus Ideas*. México: Siglo XXI/ UNESCO, 1986, p. 157-171.

BAGGIO, Kátia Gerab. *A “outra” América: A América Latina na visão dos intelectuais brasileiros das primeiras décadas republicanas*. São Paulo: Tese USP, 1998.

BAGGIO, Kátia Gerab. *Os intelectuais brasileiros e o Pan-americanismo: A Revista Americana (1909-1919)*. In: Anais eletrônicos do IV Encontro da ANPHLAC. Salvador: 2000.

BAGGIO, Kátia Gerab (Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil). (2007). *O Brasil nas Américas: as imagens da América Hispânica e dos Estados Unidos construídas por intelectuais brasileiros na década de 1930*. XI Jornadas Interescuelas/Departamentos de Historia. Departamento de Historia. Facultad de Filosofía y Letras. Universidad de Tucumán, San Miguel de Tucumán. 2007.

BAGGIO, Kátia Gerab. *Iberismo, hispanismo e latino-americanismo no pensamento de Gilberto Freyre: ensaios e impressões de viagens*. In: BEIRED, José Luís Bendicho & BARBOSA, Carlos Alberto Sampaio (orgs.). *Política e identidade cultural na América Latina – São Paulo : Cultura Acadêmica, 2010*.

BAGGIO, Kátia Gerab. *O retorno de uma “velha” questão: pensar o Brasil na América Latina. Um diálogo com Leslie Bethell*. Texto (inédito) apresentado no X Encontro Internacional da ANPHLAC São Paulo, USP, 24 a 27 de julho de 2012.

BAGGIO, Kátia Gerab. *Brasil e Hispano-América: representações e trocas intelectuais*. In: DUTRA, Eliana de Freitas (org.). *O Brasil em dois tempos: História, Pensamento Social e Tempo Presente*. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2013.

BAUMAN, Zigmunt. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*; Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

BEIGEL, Fernanda. *Las revistas culturales como documentos de la historia latinoamericana – Utopia y Praxis Latinoamericana*, Vol. 8, núm. 20, enero-marzo, 2003, pp. 105-115 – Universidad del Zulia, Maracaibo, Venezuela.

BETHELL, Leslie. *O Brasil e a ideia de ‘América Latina’ em perspectiva histórica*. *Estudios Históricos*, 22 (44), 2009, p. 289-321.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. *Ensino de história da América: reflexões sobre problemas de identidades*. Revista eletrônica ANPHLAC – número 4. Disponível em: <http://www.anphlac.org/revista/revista4/revista_anphlac_4.pdf>

BOMFIM, M. *A América latina: males de origem*. Rio de Janeiro: Topbooks Editora e Distribuidora de Livros Ltda. (Edição do Centenário – original publicado em 1905) 2005.

- BRUIT, Héctor H. *A invenção da América Latina*. In: Revista Mestrado História. Vassouras, RJ: Revista do curso de mestrado em história, v. 5, 2003, p. 75-94.
- BUENO, Clodoaldo. *Política Externa da Primeira República*. São Paulo: Paz e Terra, 2003.
- CAPELATO, Maria Helena Rolim. “o gigante brasileiro na américa latina: ser ou não ser latino-americano”. In: MOTA, Carlos Guilherme. *Viagem incompleta: a experiência brasileira. A grande transação*. São Paulo: SENAC, 2000.
- CARVALHO, Carlos Delgado de. *História Diplomática do Brasil*, edição fac-similar. Brasília: Senado Federal, Coleção Memória Brasileira, 1998.
- CARVALHO, José Murilo de. *A formação das almas: o imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- CARVALHO, José Murilo de. *Brasil: outra América?* In: *Pontos e Bordados – Escritos de História e Política*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.
- CARVALHO, José Murilo de. *Os bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- CASTRO, Fernando Vale. *Pensando um continente – a Revista Americana e a criação de um projeto cultural para a América do Sul*. Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2012.
- CERTEAU, Michel de. *A operação historiográfica*. In: *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.
- CEZAR, Temístocles. *Como deveria ser a escrita da história do Brasil no século XIX. Ensaio de História Intelectual*. In: PESAVENTO, Sandra J. (org.). *História Cultural. Experiências de Pesquisa*. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2003.
- CHARTIER, Roger. *As origens culturais da Revolução Francesa*. Tradução de George Schlesinger. São Paulo: Editora da Unesp, 2009.
- CHARTIER, Roger (coord.). *Práticas da Leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 2011.
- CORBO, Tomás Sansón. *Andrés Lamas y la influencia de Brasil en la historiografía rioplatense en el siglo XIX*. Conferência apresentada no VIII Seminário de História do Rio Grande do Sul - II Encontro Internacional de História Regional Platina, 2015.
- CORBO, Tomás Sansón. *Despertar em Petrópolis: Andrés Lamas y la influencia de Brasil em la Historia de los Estados de la Cuenca del Plata en el siglo XIX* – Montevideo: Sicut Serpentes, 2015.

- CORBO, Tomás Sansón. *El espacio historiográfico rio-platense y sus dinâmicas: siglo XIX* – La Plata: Instituto Cultural de la provincia de Buenos Aires, 2011.
- COSTA, Emília Viotti da. *Da monarquia à república: momentos decisivos* – São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1999.
- CRESPO, Regina. *Revistas em América Latina: proyectos literários, políticos y culturales*. México: Universidad Nacional Autónoma de México, 2010.
- DARNTON, Robert. *A questão dos livros: passado, presente e futuro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- DARNTON, Robert. *O beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- DORATIOTO, F.F.M, *Maldita Guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- DULCI, Tereza Maria Spyer. *As Conferências Pan-Americanas: identidades, união aduaneira e arbitragem (1889 a 1928)*. 134 f. Dissertação. (Mestrado em História) - Programa de Pós-Graduação em História Social, USP, São Paulo, 2008.
- DUTRA, Eliana de Freitas. *Rebeldes literários da República – História e identidade nacional no Almanaque Brasileiro Garnier (1903 – 1914)*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.
- FERES JÚNIOR, João. *A história do conceito de “Latin America” nos Estados Unidos*. São Paulo: Editora Edusc, 2005.
- FUNES, Patricia. *Del Mundus Novus al Novomundismo – Algunas Reflexiones sobre el Nombre de América Latina* – In: DAYREL, Eliane Garcindo, IOKOI, Zilda M. Gricoli (coords). *América Latina Contemporânea: Desafios e Perspectivas*. São Paulo: EdUSP, 1996.
- GOMES, Ângela de Castro. *História e historiadores*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getulio Vargas, 1996.
- GONÇALVES, Sérgio Campos. *O intelectual cortesão e a civilização: Um perfil dos fundadores do IHGB e de sua Revista*. In: OLIVEIRA, Maria da Glória de. & ARAÚJO, Valdei Lopes de. (orgs.) *Disputas pelo passado: História e Historiadores no Império do Brasil*. Ouro Preto: Edufop/PPGHIS, 2012.
- GRILLO, María del Carmen. *El estudio de revistas como objeto historiográfico para la historia de las redes intelectuales*. In: COLOQUIO INTERNACIONAL DE HISTORIA Y CIENCIAS SOCIALES, 2010, Colima. Anais - Colima: Universidad de Colima, 2010.

- GUIMARÃES, Lúcia M. P. *Debaixo da imediata proteção de Sua Majestade Imperial: o IHGB (1838-1889)*. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, 1994.
- GUIMARÃES, Manoel L. S. Nação e civilização nos trópicos: o IHGB e o projeto de uma História nacional. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, 1(1): 05-27, 1988.
- GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. *Entre amadorismo e profissionalismo: as tensões da prática histórica no século XIX*. In: *Topoi* – Rio de Janeiro, dez. 2002.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*; tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro – Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- HARTOG, François. *"Regimes de Historicidade. Presentismo e Experiências do Tempo"*. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2013.
- HEIZER, Alda & VIDEIRA, Antônio A. P. (org). *Ciência, civilização e Império nos Trópicos*. Rio de Janeiro: Access, 2001.
- HRUBY, Hugo. *O século XIX e a escrita da história do Brasil: diálogos na obra de Tristão de Alencar Araripe (1867-1895)*. Porto Alegre: Tese PUCRS, 2012.
- KARNAL, Leandro (et al). *História dos Estados Unidos: das origens ao século XXI*. São Paulo: Editora Contexto, 2010.
- KOSELLECK, R. *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Tradução de Wilma Patrícia Maas e Carlos Almeida Pereira; revisão técnica de César Benjamin. Rio de Janeiro: Contraponto; Ed. PUC-Rio, 2006.
- LADEIRA, Saionara Gomes. *A Missão Estrangeira no Rio da Prata (1851-53): A diplomacia brasileira em defesa do Império*. In: XIII Encontro de História da Anpuh-Rio – Identidades. 2008. Disponível em: http://encontro2008.rj.anpuh.org/resources/content/anais/1212961916_ARQUIVO_TextoSimposio-ANPUHRio.pdf
- MALEVAL, Isadora Tavares. *O IHGB e o (não) lugar da história do presente*. In: *Caderno de resumos & Anais do 4º. Seminário Nacional de História da Historiografia: tempo presente & usos do passado*. Ouro Preto: EdUFOP, 2010.
- MARTÍ, José. *Nossa América*. Tradução de Maria Angélica de Almeida Triber. São Paulo: HUCITEC, 1983. (Texto original de 1891).

MELO, Ciro Flávio de Castro Bandeira de. *Senhores da História e do Esquecimento*. Belo Horizonte: Argvmentum, 2008.

MELO, Patrícia Bandeira de. *Um passeio pela história da imprensa: o espaço público dos grunhidos ao cyberspaço*. Revista Comunicação & informação, da Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia da Universidade Federal de Goiás, V. 8, n. 1, (jan./ jun. 2005).

MONTALVO, Cesilda Martín. *El Hispanoamericanismo, 1880-1930* – In: Revista Quinto Centenario 8 – Departamento de Historia de América – Universsidade Complutense de Madrid, 1985.

NETO, Joaquim Azevedo. *A noção de autor em Barthes, Foucault e Agamben*. Floema – Ano VIII, nº 10, p. 153 – 164. Jan./jun. 2014.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi. *A questão nacional na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense; Brasília: CNPq, 1990.

PAZ, Francisco Moraes. *Na poética da História: a realização da utopia nacional oitocentista*. Curitiba: Ed.UFPR, 1996.

PRADO, Maria Ligia & PELLEGRINO, Gabriela. *História da América Latina*. São Paulo: Editora Contexto, 2014.

PRADO, Maria Lígia Coelho. *O Brasil e a distante América do Sul* (art. Revista de História da USP - n. 145, São Paulo, dez. 2001).

REIS, José Carlos. *A História entre a filosofia e a ciência*. Belo Horizonte: Editora autêntica, 4ª ed. 2006.

REIS, José Carlos. *História e teoria: historicismo, modernidade, temporalidade e verdade*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getulio Vargas, 2006.

REIS, Mateus Fávaro. *Americanismo(s) no Uruguai: os olhares entrecruzados dos intelectuais sobre a América Latina e os Estados Unidos (1917-1969)*./ Mateus Fávaro Reis. Orientado pela Profª Doutora Kátia Gerab Baggio. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2008.

– Disponível on-line:
http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/VGRO-7PMH3M/disserta_o_de_mateus_f_varo_reis.pdf?sequence=1

ROUQUIÉ, Alain. *O Extremo-Occidente: Introdução à América Latina*. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 1991.

- SANCHEZ, Luis Alberto. *¿Existe América Latina?* – México: Fondo de Cultura Económica, 1945.
- SCHAPOCHNIK, Nelson. Como se escreve a história?. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 13, n. 25/26, set.92/ago.93, p. 67-80.
- SCHWARCZ, Lília Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- SILVA, Ana Paula Barcelos Ribeiro da. *Diálogos sobre a escrita da história – Ibero-americanismo, catolicismo, (dês)qualificação e alteridade no Brasil e na Argentina (1910-1940)* – Niterói: Tese UFF, 2011.
- SIRINELLI, Jean-François. *Os intelectuais*. In: RÉMOND, René. *Por uma história política*; tradução Dora Rocha – Rio de Janeiro: Editora Fundação Getulio Vargas, 2003.
- SORÁ, Gustavo. *Traducir el Brasil – Una antropología de la circulación internacional de ideas*. Buenos Aires: Libros del Zorzal, 2003.
- TURIN, Rodrigo. *Tessituras do tempo: discurso etnográfico e historicidade no Brasil oitocentista* – Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013.
- VALDÉS, Eduardo Devés. *Del Ariel de Rodó a la CEPAL (1900-1950) – El pensamiento latinoamericano em el siglo XX: Entre la modernización y la identidad*. Buenos Aires: Biblos, Centro de Investigaciones Diego Barros Arana, 2000.
- VASCONCELOS, José. *La Raza Cósmica: Misión de la raza ibero-americana*. Buenos Aires: Espasa-Calpe, 1948 – Disponível on-line http://www.iphi.org.br/sites/filosofia_brasil/Jos%C3%A9_Vasconcelos_-_La_raza_c%C3%B3smica.pdf
- WEHLING, Arno (coord). *Origens do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro: IHGB, 1989.
- ZANATTA, Loris. *Uma breve história da América Latina*. São Paulo: Editora Cultrix, 2017.
- ZEA, Leopoldo. (et.al) *El Problema de la identidad latinoamericana*. México: Universidad Nacional Autónoma de México – Imprenta Universitária, 1985.

ANEXOS

Tabela 1 - Autoria

Publicação	Número de obras autorais	Tipos de obras autorais	Número de obras não autorais	Tipos de obras não autorais
1889 – 1	1	1- Questões a serem estudadas em relação aos princípios da escrita da história. Trata da existência de uma estrada que passa por Paraguai, Uruguai e Peru, além do Brasil, e das possíveis origens e objetivos para a construção da mesma. (Barão de Capanema – sócio honorário)	4	1- Relação nominal de sócios. 2- Canto épico de 1567 (lido por Joaquim Norberto de Souza e Silva – Presidente e sócio honorário) 3- Catálogo genealógico (Frade franciscano Antônio de Santa Maria Jaboatão – 1768) 4- Dicionário puri (Engenheiro Alberto de Noronha Torrezão – 1885)
1889 – 2	0		2	1- Tradução de “História de uma viagem feita à terra do Brasil” de Jean de Lery, por Tristão de Alencar Araripe – Tesoureiro e sócio honorário.

				2- Tradução da Biografia do padre Estanislao de Campos sem autoria, do latim para o português por Tristão de Alencar Araripe.
1890 – 1	3	<p>1- Curiosidades naturais província do Paraná – Visconde de Taunay – sócio honorário.</p> <p>2- Memória história sobre a Bandeira Nacional – Joaquim Norberto de Souza e Silva.</p> <p>3- Alocução feita em loja maçônica em elogio ao Visconde do Rio Branco – Tristão de Alencar Araripe.</p>	7	<p>1- Legenda história sobre a descoberta da capitania de São Vicente em 1531 – lida por Dr. João Mendes de Almeida.</p> <p>2- Fatos históricos sobre o pioneirismo de Pernambuco na independência do Brasil – Major José Domingues Codeceira.</p> <p>3- Narração de episódio acadêmico, conflito entre estudantes e guardas.</p> <p>4- Tradução de um capítulo da obra sobre navegação dos normandos para o Brasil, publicada na França, por Tristão de Alencar Araripe.</p> <p>5- Notícia do Jornal do Comércio sobre uma Urna funerária indígena.</p> <p>6- Publicação de documento paraguaio noticiando ao presidente do governo provisório do Paraguai o</p>

				<p>confisco dos bens de Solano Lopes e Eliza Linch.</p> <p>7- Documento de 1844 sobre o Paraguai, também ao presidente, referente aos limites do Brasil com o Paraguai.</p>
1890 – 2	1	1- Discurso de Joaquim Norberto de Souza e Silva pela morte de Dr. Fernando Sebastião Dias Mota.	3	<p>1- Biografia de Dr. Antônio Luiz Patrício da Silva Manso – Dr. J. Remédios Monteiro.</p> <p>2- Narração história das calamidades de Pernambuco de 1707 a 1715 – Anônimo.</p> <p>3- Biografia de Líbero Badaró lido por Agimiro da Silveira - sócio correspondente. Transcrito da Astréa, nº 499 e 506 de 1829.</p>
1891 – 1	0		6	<p>1- Dicionário de língua geral do Brasil.</p> <p>2- Biografia de José Bonifácio por seu irmão Antônio Carlos.</p> <p>3- Notícia do Jornal Nacional de 6 de março de 1844 biografando Martim Francisco Ribeiro D’Andrada.</p>

				<p>4- Relação histórica da província do Maranhão do descobrimento até 1820 escrito pelo Frei Francisco de N. S. dos Prazeres.</p> <p>5- Brasões – notícia publicada no Jornal do Comércio.</p> <p>6- Suplica do arcebispado da Bahia durante o período colonial à sua majestade pelo culto divino.</p>
1891 – 2	2	<p>1- Mato Grosso e a morte de Adriano Taunay no período colonial – Visconde de Taunay.</p> <p>2- Biografia do regente Feijó, fundação de São Paulo e a morte do padre – Comendador Jozé Luiz Alves, sócio efetivo.</p>	3	<p>1- Sermão do Padre José D’Anchieta em 1568.</p> <p>2- Fórmulas de juramento.</p> <p>3- Notícia sobre o reconhecimento da independência do Brasil pelos reis d’África – documento transcrito por Joaquim José de Castro em 1824.</p>
1892 – 1	0		21	<p>1- Itinerário das visitas feitas na sua diocese pelo Bispo de Pernambuco nos anos de 1833 a 1840.</p> <p>2- Incrições achadas na parede de uma gruta na província do Ceará/sertão da Paraíba.</p>

				<p>3- Relatos/documentos do período colonial extraídos do Arquivo Público.</p> <p>4- Carta de D. Álvaro da Silveira Albuquerque solicitando patente de capitão para Cláudio Gurgel por seu trabalho competente na Fortaleza da Carioca em 1703.</p> <p>5- Carta do Governador Geral e Capitão General Antônio de Albuquerque Coelho de Carvalho sobre a chegada de navios franceses no porto do Rio de Janeiro em 1711, anunciando a defesa do território.</p> <p>6- Dados sobre a fortificação (artilharia, munições, etc) da Fortaleza da praça e armazéns do Rio de Janeiro em 1718.</p> <p>7- Expedição do naturalista Dr. Alexandre Rodrigues Ferreira ao Brasil em 1783.</p> <p>8- Memória sobre os trabalhos de observação e exploração realizados por militares de Uberaba a</p>
--	--	--	--	--

				<p>Cuiabá entre fevereiro e junho de 1889.</p> <p>9- Vocabulários comparados: indígenas/português.</p> <p>10- Mapa: planta do sertão de São Paulo.</p> <p>11- Carta com informações sobre a província de Sergipe em 1821.</p> <p>12- Relação dos usos e costumes dos tupinambás por Hans Staden em 1557.</p> <p>13- Documento com depoimentos para o casamento de Thomaz Antônio Gonzaga e Dona Juliana de Souza Mascarenhas, de Moçambique, em 1793.</p> <p>14- Auto da Fundação da Fortaleza denominada Real Forte do Príncipe da Beira, na capitania do Mato Grosso em 1776.</p> <p>15- Demonstração dos trabalhos da polícia entre 1808 e 1821, tempo em que serviu o Desembargador do</p>
--	--	--	--	--

				<p>Paço Paulo Fernandes Viana.¹²¹</p> <p>16- Carta com orientações da rainha de Portugal para o governador do Mato Grosso em 1749.¹²²</p> <p>17- Carta com orientações do rei de Portugal a D. Antônio Rolin de Moura sobre julgamentos poderem ser realizados pela câmara na ausência de magistrados em 1758.</p> <p>18- Documento de Nomeação de Antônio Rolin de Moura para Governador e Capitão Geral do Mato Grosso em 1748.</p> <p>19- Reflexão sobre como remediar a decadência da capitania de Goiás (por volta de 1800).</p> <p>20- Notícias sobre a Conjuração Mineira retiradas da Gazeta de Lisboa de 1795.</p> <p>21- Catálogo dos religiosos do Maranhão com notícias</p>
--	--	--	--	---

¹²¹ Detalhe sobre países vizinhos nas páginas 379-380 IHGB -1892-1.

¹²² Detalhe sobre missões espanholas e limites territoriais p. 383/ evitar discórdia entre as monarquias portuguesa e espanhola p. 384/ impedir comercio entre vassallos dos reinos p. 385/ possíveis problemas territoriais com o Peru p. 388/ ordem para defender e conquistar p. 389.

				históricas, desde 1615 à 1747, da Biblioteca Pública Eboreense.
1892 – 2	7	<p>1- Memória (comentários sobre notas de D. Pedro II em livros – elogio aos seus conhecimentos) apresentada em 1890 para ser lida após a morte de D. Pedro II, que faleceu em 05/12/1891. Por Manoel Francisco Correia (Conselheiro e sócio honorário do IHGB).</p> <p>2- Memória sobre o Pater-famílias no Brasil dos tempos coloniais lida por Tristão de Alencar Araripe em 1880.</p> <p>3- Memória sobre D. Francisco de Mello Manoel da Câmara e a história do Maranhão por Dr. Cezar Augusto Marques (Sócio do IHGB), sem data.</p> <p>4- História das mais importantes minas de ouro do estado do Espírito Santo pelo Major Joaquim Jozé</p>	4	<p>1- Notas sobre o finado Barão de Macahubas extraídas da “Gazeta de Notícias”.</p> <p>2- Vocabulários indígenas por Eduardo Arthur Sócrates – tenente de artilharia.</p> <p>3- Alguns dias na Paulicéa. Texto publicado no Diário do Comércio de 18 de março de 1890, assinado com o pseudônimo de “Ascher”.</p> <p>4- Circular do Governo Imperial sobre a lei de libertação do ventre escravo, de 1871, por Manoel Francisco Correia (Ministro dos negócios estrangeiros).</p>

		<p>Gomes da Silva Neto (sócio do IHGB).</p> <p>5- D. Beatriz de Assis. Algumas páginas da obra Brasileiras célebres, lidas por Joaquim Norberto de Souza e Silva em 1868, na presença do Imperador.</p> <p>6- História da sociedade amante da instrução por Dr. Alfredo do Nascimento Silva (sócio do IHGB), 1892.</p> <p>7- Instrução pública nos tempos coloniais por Dr. M. D. Moreira D'Azevedo (sócio do IHGB).</p>		
1893 – 1	0		25	<p>1- Pernambuco no domínio Holandês e sua restauração (Decreto Real de 1648).</p> <p>2- Discurso do Padre Antônio Vieira em que persuade a entrega de Pernambuco aos Holandeses. (cópia de documento da Biblioteca Eborenses)</p> <p>3- Exposição sobre a administração e os fundos da</p>

				<p>companhia de Pernambuco de 1784.</p> <p>4- Preparativos para a restauração do Brasil do poder Holandês. (cópia de documento da Biblioteca Eboreense)</p> <p>5- Carta de Francisco Barreto dando conta da vitória nos Guararapes em 1648.</p> <p>6- Discurso sobre a conveniência de se fortificar a cidade da Bahia capital do Brasil, pelo Marquês de Montalvão. (cópia de documento da Biblioteca Eboreense)</p> <p>7- Parecer do Padre Antônio Vieira sobre as coisas do Brasil, principalmente da Restauração da Capitania de Pernambuco. Lisboa, 1645. (cópia de documento da Biblioteca Eboreense)</p> <p>8- Convocação do Bispo de Angola para o Sinodo da Bahia em 1707, pelo arcebispo da Bahia.</p>
--	--	--	--	--

				<p>9- Grande tempestade na Bahia na noite de 19 de março de 1721.</p> <p>10- Mineração primitiva no Brasil – nota de 1888 + Regimento de Sua Magestade para as minas da repartição sul de 1644.</p> <p>11- A primeira Assembléia Legislativa no Brasil. (Trabalho extraído do Jornal do Commercio de 1892)</p> <p>12- Meteorito de Bendegó. Transcrição do Histórico, do documento recebido do mesmo pelo Museu Nacional, da notícia e de uma poesia.</p> <p>13- Escritura de contrato entre os procuradores de Sua Magestade e Gil de Goes sobre a capitania de Cabo Frio – Estado do Brasil em 1619. (cópia de documento da Biblioteca Eborense)</p> <p>14- Carta do Marquês de Montalvão ao conde de Nassau noticiando a aclamação e juramento de D. João IV como Rei de Portugal. (cópia de</p>
--	--	--	--	---

			<p>documento da Biblioteca Eboreense)</p> <p>15- Carta de Visconde de Porto Seguro ao Ministro e Secretário de Estado dos Negócios da Agricultura sobre o clima das regiões do Brasil 1887. Planalto da Formosa e colonização, Goiás.</p> <p>16- Escravos fugidos do Pará para Caiena e relação dos padres das duas localidades, 1773 (traduzido por Tristão de Alencar Araripe).</p> <p>17- Notícias de João Dias de Solis, dadas pelo embaixador português em Madri, 1512. (Arquivo Real)</p> <p>18- Indígenas do Brasil em França no século XVI (Jornal do Commercio).</p> <p>19- Obra história do reverendo capuchinho francês Ivo de Evreux e Ferdinand Denis + foto (pequena memória lida em 1886 – viagens do Padre em 1613-1614 – Publicação de Ferdinand Denis 1864 –</p>
--	--	--	--

				<p>Tradução por Dr. Cezar Augusto Marques em 1874.</p> <p>20- Cartas sobre provisões para o Rio de Janeiro (cópia do Arquivo Público do Brasil).</p> <p>21- Comentários de Álvaro Nunes Cabeça de Vaca, Adelantado e Governador do Rio da Prata – Redigidos por Pedro Fernandes e Traduzido por Tristão. (indícios da história primitiva do Brasil)</p> <p>22- Descrição dos capitães Maldonado e Pinto na conquista de Rio de Janeiro e São Vicente em 1661. (confirmado por vários escrivães em datas posteriores)</p> <p>23- Carta do Ministro Argentino no Peru – Martin Garcia Merou – noticiando a posse de um livro com anotações feitas por D. Pedro II.</p> <p>24- Notícias sobre os caracteres do serrote da rola, letreiros antigos, por Franklin de Alencar Nogueira. (cópia dos</p>
--	--	--	--	--

				<p>caracteres na revista do ano anterior)</p> <p>25- Notícias de Antiguidades indígenas existentes em Minas + desenhos, por Jaime Reis em 1893.</p>
1893 – 2	8	<p>1- Memória histórica lida por Dr. Cezar Augusto Marques em /1883, sobre a Expedição do Axuhi para o descobrimento de uma riquíssima cidade encoberta no interior da então capitania, hoje província do Maranhão, entre 1792 e 1798.</p> <p>2- Notícia sobre Joaquim Norberto de Souza e Silva (falecimento do presidente do IHGB) por Damasceno Vieira em 1891.</p> <p>3- Explicações sobre os termos: Cucuhy – “caído por si mesmo” em tupi = meteorito; e Sambaquis, por João Mendes de Almeida em 1892.</p> <p>4- Notícia sobre o Conselheiro José Bento</p>	6	<p>1- Duas palavras sobre D. Pedro I na época da Independência por José Maria Pinto Peixoto, 1862 (Artigos de Jornal) + Carta em que o autor oferece os apontamentos históricos para publicação.</p> <p>2- Cartas de Vendek a Thomas Jefferson em 1786 e 1787 (em francês).</p> <p>3- Carta do Ministro brasileiro em Washington em 1886, José Augusto Ferreira da Costa.</p> <p>4- Flag of the Republic of Pernambuco – Explicações sobre a bandeira da República de Pernambuco (em inglês).</p> <p>5- Ilustração da bandeira da República de Pernambuco de 1817.</p>

		<p>da Cunha Figueiredo – Visconde do Bom Conselho. (falecimento) por Bernardino Jozé Borges em 1892.</p> <p>5- O Monsenhor Manoel da Costa Honorato, (falecimento). Trabalho lido em 1891 por Dr. Sacramento Blake.</p> <p>6- Apontamentos biográficos sobre o Coronel Antônio Florencio Pereira do Lago, por Visconde de Taynay em 1892.</p> <p>7- Memória sobre o movimento colonial da América, lida por Tristão de Alencar Araripe em 1890.</p> <p>8- Embaixada e Tratado – alternativas ao trabalho escravo pós abolição, por Tristão de Alencar Araripe em 1893.</p>		<p>6- Despacho/Memorando – sobre a imigração de alemães para o Brasil, 1872, por Manoel Francisco Correia.</p>
1894 – 1	0		6	<p>1- América Abreviada – notícias (principalmente sobre o Maranhão), limites, descobrimento e descrição. Por Padre João de Souza</p>

				<p>Ferreira. (cópia de documento da Biblioteca Eboreense)</p> <p>2- Carta de André Lamas (sócio correspondente) sobre a lei de extinção da escravidão.</p> <p>3- Memórias do ano de 1816 – Senado da Câmara da vila do senhor do bom Jesus de Cuiabá - Mato Grosso. (cedido pelo arquivo municipal de Cuiabá)</p> <p>4- Patriarcas da Independência Nacional – Conferência por Tristão de Alencar Araripe, em 1876.</p> <p>5- Princípio e origem dos índios do Brasil (cópia de documento da Biblioteca Eboreense).</p> <p>6- Trabalhos dos primeiros jesuítas do Brasil (cópia de documento da Biblioteca Eboreense).</p>
1894 – 2	2	<p>1- Os claustros e o clero no Brasil por José Luiz Alves (sócio do IHGB).</p> <p>2- Indicações sobre a história nacional por Tristão de Alencar</p>		

		Araripe (sócio do IHGB), discurso em conferência, 1894.		
Total	25		86	

Tabela 2 – Ficha técnica

FICHA TÉCNICA DA REVISTA DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO BRASILEIRO	
1.Lugar de conservação e estado em que as coleções se encontram:	<p>Atualmente a coleção de Revistas do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro se encontra na Avenida Augusto Severo, 8/10º (Lapa), Rio de Janeiro, RJ, em bom estado de conservação. As primeiras edições foram reimpressas e também estão disponíveis para consulta. O acervo foi digitalizado e está disponível para consulta e download através do endereço:</p> <p>https://www.ihgb.org.br/publicacoes/revista-ihgb/itemlist/filter.html?category=9&moduleId=147</p> <p>Além das Revistas o Instituto disponibiliza uma série de outros documentos compilados durante os anos de sua existência, iconografia, mapas, revistas, notícias, entre outros.</p>
2.QUANTIDADE DE NÚMEROS:	A Revista do IHGB que iniciou suas publicações no primeiro trimestre de 1839, após a fundação do Instituto em 1838 ainda é publicada. Estando digitalizada e disponível para download até a publicação de número 465 de outubro a dezembro de 2014, referente ao ano 175.
3.DATAS:	Ver item 2.
4.LUGAR:	Ver item 1.
5.PERIODICIDADE:	Trata-se de uma revista trimestral, disponibilizada on-line, no período referente ao recorte temporal deste trabalho, em dois blocos anuais. Atualmente segue com 4 publicações anuais.

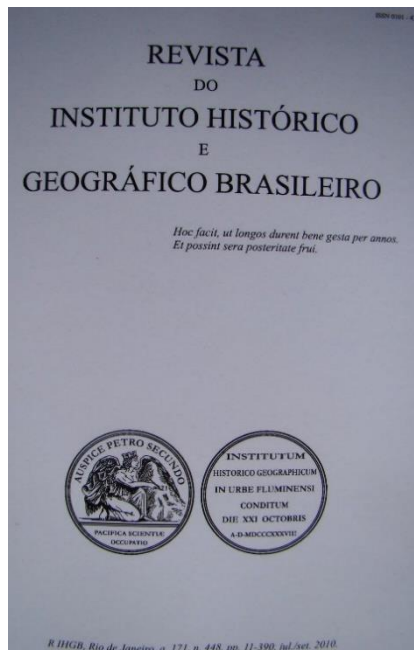
6.ETAPAS:	O formato das publicações foi mantido e a periodicidade de suas publicações também. Houve algumas exceções, como por exemplo, um fechamento durante os anos finais do governo de Floriano Peixoto por conflito armado entre monarquistas e republicanos.
7.TÍTULO E SUBTÍTULO:	Revista Trimestral do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro – Fundado no Rio de Janeiro debaixo da imediata proteção de sua Majestade Imperial o senhor D. Pedro II.
8.PREÇO:	A Revista era distribuída e/ou assinada. Vendas avulsas não foram especificadas. Atualmente existem alguns itens à venda, geralmente edições especiais da Revista ou livros de autores membros.
9.TIRAGEM:	A tiragem era variável de acordo as necessidades de cada período. Por exemplo, 1856 a tiragem era de 500 exemplares, devido à necessidade de reedições dobraram a tiragem em 1876 (http://juliobentivoglio.blogspot.com.br/2012/12/a-rihgb-e-historia-do-brasil.html). Em 1890, o balanço dá conta da impressão de 1.000 exemplares do segundo tomo da revista de 1889. Após a proclamação da república a verba para a Instituição foi drasticamente reduzida e para manter o funcionamento houve doações, e também a necessidade de realizar empréstimos para publicar.
10.ZONA DE PRINCIPAL DIFUSÃO:	Saída do Rio de Janeiro a Revista se difundiu entre a comunidade acadêmica por meio do envio à várias universidades e instituições do país e do exterior.

11.CONDIÇÕES DE DISTRIBUIÇÃO:	As obras, documentos e exemplares da Revista circulavam por meio da Secretaria de estado da instrução, telégrafos e correios, tanto no que diz respeito às enviadas quanto às recebidas.
12.VENDA:	Era distribuída para organizações e universidades e sua assinatura era vendida a quem se interessasse.
13.ADMINISTRAÇÃO:	Fundado pela Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional com o incentivo do Instituto de Paris, o IHGB tem fundação aprovada em 16 de agosto de 1838, é fundado em 21 de outubro e em 25 de novembro do mesmo ano são eleitos Presidente; Vice-Presidente e Diretor da comissão de História; Vice-Presidente e Diretor da comissão de Geografia; Primeiro Secretário Perpétuo e Diretor da comissão de estatutos, redação da Revista, biblioteca e arquivo; Segundo Secretário; Tesoureiro e Diretor da comissão de fundos; Orador; além dos membros de cada comissão. Haveria 50 sócios efetivos: 25 para a área de História e 25 para a de Geografia. Sócios honorários e correspondentes eram ilimitados. Os associados pagavam 10.000 réis para entrar para o Instituto e outros 3.000 semestralmente para ajudar nas despesas do Instituto. Os sócios tinham direito a um exemplar da Revista Trimestral que, de acordo com o estatuto, seria de cerca de 8 páginas confundindo-se com um folheto ou um jornal. Como podemos ver o modelo foi outro.
14.ESTRUTURA JURÍDICA E FINANCEIRA:	Ver item 13. Estatuto Impresso na Primeira Revista. As finanças eram administradas pelo tesoureiro do Instituto que recebia do governo monárquico incentivos monetários e também dos sócios que

	<p>pagavam para fazer parte do Instituto e para manter os gastos do mesmo auxiliando na receita juntamente com os valores arrecadados com as assinaturas da Revista.</p>
15.EDITORIAL/REDAÇÃO:	<p>Joaquim Norberto de Souza e Silva era o presidente do Instituto durante o meu recorte temporal (1889-1894). Apesar da inexistência de um editorial, o presidente sempre se pronuncia durante as reuniões e o que é dito é publicado nas Atas. Assim, percebe-se um tônus monárquico e bajulador de Dom Pedro II, o que não ia necessariamente de acordo com o que os demais membros pensavam naquele período de transição.</p>
16.DIREÇÃO:	<p>A revista era monárquica, europeizante; porém, havia membros republicanos, americanistas que não deixaram de ser ouvidos e nem de publicar.</p>
17.IMPRESSOR:	<p>Typographia Lithographia e Encadernação à vapor de Laemmert & C., rua dos inválidos, 93.</p>
18.FORMATO:	<p>Caderno brochura.</p>
19.QUANTIDADE DE PÁGINAS:	<p>Variável. O primeiro tomo de 1891, por exemplo tem 365 páginas; já o segundo 339; o primeiro tomo de 1889 tem 534 páginas e o segundo 578; o primeiro tomo de 1890 tem 354 páginas e o segundo 676.</p>
20.LOGOTIPO/ISOTIPO:	<p>A imagem que aparece na capa é uma das únicas registradas na Revista. As primeiras revistas apresentavam a seguinte imagem:</p>



Esta imagem corresponde aos interesses da geografia (globo) e da história (documentos e livros). A ilustração muda e passa a homenagear Dom Pedro II e a data da fundação do Instituto representados por um ser alado escrevendo em uma pedra o número 21, correspondente ao dia 21 de outubro no qual foi fundado. Selo preservado até a atualidade.



21.DESENHO DA CAPA:

Ver item 20.

22.DESENHO DAS PÁGINAS:

Não são comuns desenhos nas páginas, as separações entre seções são realizadas com um traço.

23.TIPO DE IMPRESSÃO:

Ver item 17.

24.PAPEL:	Ofício padrão – preto e branco.
25.MOLDES TIPOGRÁFICOS:	Sim.
26.CONDIÇÕES DE LEGIBILIDADE:	Legível.
27.ENCADERNAÇÃO:	Encadernação à Vapor.
28.ÍNDICE OU SUMÁRIO:	Apresenta sumário simples sem indicação de seções. Apenas exhibe o conteúdo da Revista e paginação sem necessária organização por assunto. Porém, correspondem sumário e conteúdo nas revistas estudadas.
29.MANIFESTOS OU PROGRAMAS:	O programa é descrito no artigo 1º publicado na primeira Revista em 1839. O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro tem por fim, coligir, metodizar, publicar ou arquivar os documentos necessários para a história e geografia do Império do Brasil; e assim promover os conhecimentos desses dois ramos filológicos por meio do ensino público, logo que o seu cofre proporcione essa despesa.
30.SEÇÕES:	Não se organiza por seções fixas, apresentando em cada revista uma organização diversa.
31.DISTRIBUIÇÃO NAS PÁGINAS:	Não apresenta colunas, sendo impressa, quase sempre, com títulos centralizados e o texto justificado com margens largas.
32.ORNAMENTAÇÃO:	A ornamentação é quase nula, aparecendo apenas em letras de títulos e subtítulos ou na separação entre os conteúdos.

33. REDATORES, COLABORADORES, ILUSTRADORES:	Ver itens 13 (membros e funções) e 17 (tipografia e litografia).
34. CORRESPONDENTES E COLABORADORES ESPECIAIS:	Sócios correspondentes eram abundantes no IHGB. Havia também os sócios honorários, pessoas importantes que não poderiam mais exercer suas funções pela idade e mereciam fazer parte; e os sócios beneméritos, sócios financiadores ou colaboradores, cargo fundado logo após a proclamação da república para agregar pessoas que pudessem ajudar a pagar as contas.
35. TRADUÇÕES:	Não se aplica.
36. PUBLICIDADE:	Não se aplica.
37. ASSINATURAS:	No balanço ocorrido em 1890, a receita da conta de 112.000 réis decorrentes da venda e assinatura da Revista Trimestral, porém, o valor da venda de capa e da assinatura individual não foi mencionado.
38. CARTAS DE LEITORES:	Cartas de leitores e de correspondentes são comentadas durante as reuniões do Instituto e publicadas nas Atas, quando se acha relevante.
39. OUTRAS REVISTAS:	Assim como o IHGB enviava sua revista a diversas instituições e órgãos nacionais e internacionais, ele recebia uma infinidade de obras e documentos para conhecimento, estudo e arquivo.
40. IMPACTO DA PUBLICAÇÃO:	A publicação por muitos anos pretendeu ditar a forma como se deveria escrever a história e a geografia do país. Sua sobrevivência até o século XXI, mesmo em um cenário muito mais rico em

	<p>abordagens, demonstra a relevância que possui a Revista. Veremos que em âmbito internacional ela também foi muito significativa, tanto no que diz respeito à França, quanto aos países vizinhos na América.</p>
--	--